



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Grazyelle de Carvalho Fonseca

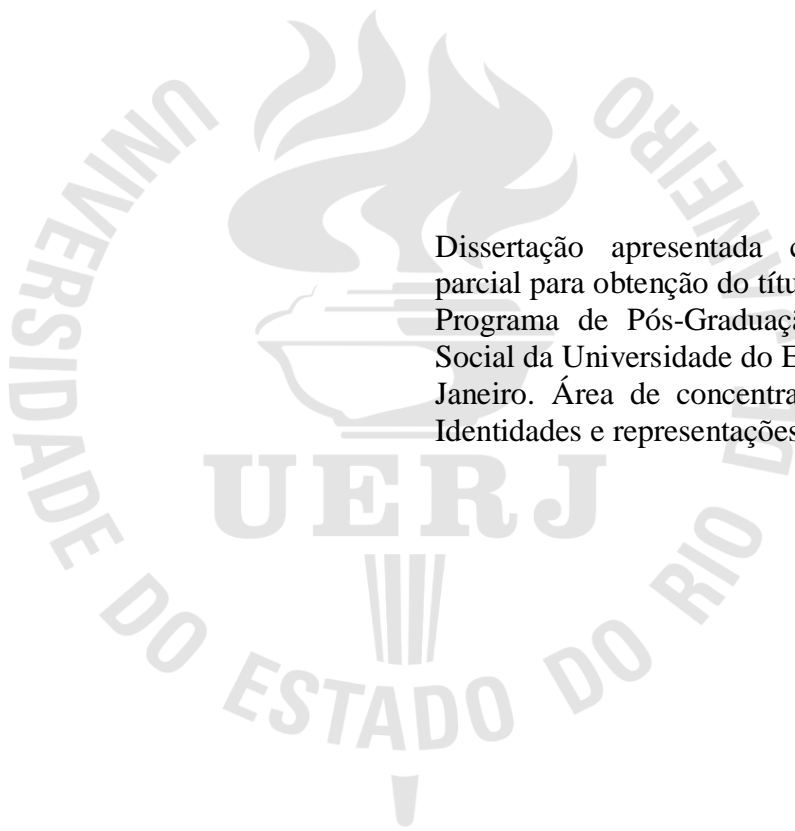
**Religião e humor na contemporaneidade: representações da doutrina
espírita e construção de identidades no campo religioso**

São Gonçalo

2019

Grazyelle de Carvalho Fonseca

Religião e humor na contemporaneidade: representações da doutrina espírita e construção de identidades no campo religioso



Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Território, Identidades e representações.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Joana D'Arc do Valle Bahia

São Gonçalo

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

F676
TESE

Fonseca, Grazyelle de Carvalho.

Religião e humor na contemporaneidade : representações da doutrina espírita e construção de identidades no campo religioso / Grazyelle de Carvalho Fonseca. – 2019.
157f. : il.

Orientadora: Profª. Dra. Joana D'Arc do Valle Bahia.
Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Espiritismo – Teses. 2. Teatro espírita – Teses.
3. Humorismo – Teses. I. Bahia, Joana D'Arc do Valle.
II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CDU

133.9

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Grazyelle de Carvalho Fonseca

Religião e humor na contemporaneidade: representações da doutrina espírita e construção de identidades no campo religioso

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Território, Identidades e representações.

Aprovada em 9 de janeiro de 2019.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Joana Bahia (Orientadora)
Faculdade de Formação de professores - UERJ

Prof^a. Dra. Cecília Mariz
Instituto de Ciências Sociais - UERJ

Prof^a. Dra. Gisele Fonseca
Universidade Federal Fluminense

São Gonçalo

2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos docentes, técnicos e colegas de classe do PPGHS pela oportunidade de intercâmbio teórico, pelo grande acolhimento do meu trabalho e pelas trocas que eu pude realizar entre a minha formação de graduação, Estudos de Mídia, o mestrado em História e a orientação com base nas Ciências Sociais. À UERJ-FFP pelo espaço e acolhimento carregado de muita luta e resistência. Mesmo com dificuldades institucionais e políticas, a UERJ tem formado uma comunidade em prol do conhecimento, da educação e da pesquisa de qualidade. Guardo enorme gratidão pelo acolhimento, mas, em especial, aos professores doutores que tive aula: Márcia Gonçalves, Ronaldo Vainfas, Ana Paula Barcelos, Daniela Calainho e Martin Curi. Ao professor doutor Rafael Brandão por ter doado um pouco do seu tempo para me auxiliar na reta final da etapa do mestrado a caminho do doutorado.

Agradeço muitíssimo à Prof.^a Dr.^a Joana Bahia, que recebeu a minha proposta de pesquisa sobre humor, performance teatral, espiritismo e audiovisual com muito entusiasmo. Durante o percurso das orientações, dividi a ânsia de escrever o texto, de conseguir as entrevistas com o grupo dos Amigos da Luz e de assistir às peças, bem como, uma parte do percurso acadêmico de pesquisa e docência em formação. À Prof.^a Dr.^a Gisele Fonseca e à Prof.^a Dr.^a Cecília Mariz pelas excelentes contribuições na banca de qualificação e pela presença de ambas como avaliadoras na minha banca de defesa de mestrado. Minha sincera admiração pelo trabalho todas.

Agradeço ao meu grande amigo Gabriel Bispo, seu irmão Guilherme, sua mãe Joana D'Arc por terem me recebido em São Paulo, em 2017, para que eu pudesse apresentar os meus trabalhos escritos a partir da presente pesquisa. Aos meus pais, Juraci e Sérgio por me apoiarem nessa caminhada acadêmica. À minha irmã Kelle, pois, a jornada seria muito mais difícil se ela não estivesse mais entre nós. Ao meu irmão Jefferson, que agora está se encontrando no caminho dos estudos. Ao meu sobrinho Davi, este pequeno ser que tanto me mostrou como são os primeiros passos para iniciar a vida desde o choro até as primeiras palavras. Tornou-me muito mais sensível. À querida tia Regina, que muito me ajudou e apoiou para que eu pudesse fazer as viagens para os congressos.

E, também com extremada importância, agradeço aos Amigos da Luz. Sem o trabalho dessa companhia na internet e no teatro, dificilmente, eu teria chegado à problemática dessa pesquisa. Pois, através de um compartilhamento de um colega espiritualista no *Facebook*, tive contato com os vídeos do grupo e, com o meu olhar de analista de mídia, o uso do humor na

religião me intrigou. Foram 23 meses pesquisando um tema que eu senti felicidade por estar em contato. Portanto, agradeço nominalmente a: Fábio Oliviere; Fábio de Luca; Sidney Grillo; Sônia Barbosa; Jean Rizo; Alex Moczydlower; Carla Guapyassu; Loeni Mazzei. Minha profunda gratidão. Em especial, a Fábio Oliviere, com quem mantive contato por meses para conseguir um espaço na agenda do grupo. A Sidney e Fábio de Luca por terem me recebido e tirado uma hora para conversar comigo antes de iniciarem a *Live* de reflexão sobre *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec. Humildemente, espero que este trabalho contribua para a reflexão sobre o processo de construção de representação do grupo e para o espiritismo, mas sem minar o campo criativo.

Agradeço muitíssimo às forças do Universo que me ajudaram nesse percurso. Ao meu querido padrinho, Décio Pintassilgo (*in memoriam*), homem sensível e que só tive a oportunidade de conviver nos primeiros quatro anos da minha vida, mas que sempre trabalhou a sua jornada espiritual. Tenho poucas lembranças, mas tenho a alegria de guardar muitas coisas boas comigo. Um homem espiritualista e que, por tabela e sem que eu percebesse, sua trajetória influenciou o meu interesse de conhecer a literatura espírita na adolescência. Isto porque, embora eu não tenha sido espírita kardecista, a curiosidade pela sistematização do processo mediúnico me chamou atenção para *O Livro dos Médiuns*. Todavia, desde a minha escolha de estudar Comunicação, eu jamais poderia imaginar que eu estudaria espiritismo no ambiente acadêmico, a partir de uma perspectiva interdisciplinar entre a História, Comunicação Social e Ciências Sociais. Foi estudando e analisando os textos de Allan Kardec, que me despertou o interesse de aprofundar a partir da perspectiva crítica das ciências sociais e humanas.

Por fim, à Capes que financiou essa pesquisa com a bolsa de Demanda Social. Em tempos tão difíceis e críticos para a educação brasileira, inclusive, para o ensino superior público, gratuito e com qualidade, deixo registrada a minha defesa pela importância da pesquisa brasileira e seu respectivo financiamento, em especial, às ciências humanas e sociais.

Sou muito grata a todos que até aqui contribuíram. Embora este trabalho tenha a finalidade de obter o título de mestre, ele é, sem sombra de dúvida, coletivo e para a contribuição para o campo do conhecimento.

UERJ RESISTE!

RESUMO

FONSECA, Grazyelle de Carvalho. *Religião e humor na contemporaneidade: representações da doutrina espírita e construção de identidades no campo religioso*. 2019. 157 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2019.

A presente pesquisa busca compreender de que maneira o riso (sob o gênero humorístico) e a religião estão interseccionados no contemporâneo, em especial, na doutrina espírita e suas respectivas representações audiovisuais compartilhadas no YouTube, no Canal Amigos da Luz, criado em 2015 pela Companhia Amigos da Luz, como também, a peça “Morrendo e aprendendo” também da companhia e em turnê desde 2007. Através dos recursos de mídia e da performance teatral, o humor tem sido uma possibilidade de reflexão e construção de representação sobre o religioso e a morte. Partimos da revisão bibliográfica acerca da relação entre o riso e a morte, com base em Vladimir Propp, Peter Berger, Henri Bergson e George Minois. Seguindo da observação dos usos e funções sociais da comunicação social e do teatro para o espiritismo. Buscamos compreender a construção de representação da doutrina e como os sujeitos são moralmente representados na doutrina sob o gênero humorístico. Como forma de análise do produto audiovisual e da peça, interrogamos como cada personagem reage, qual a ideia central, a piada ou ironia, conforme a proposta de Patrick Charaudeau para o estudo da linguagem e do discurso na narrativa.

Palavras-chave: Espiritismo. Representação. Identidade. Teatro e audiovisual.

ABSTRACT

FONSECA, Grazyelle de Carvalho. *Religion and humor in the contemporary: representations of Spiritist Doctrine and construction of identities in religious field*. 2019. 157 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2019.

This research seeks to comprehend how laughter (under humorous genre) and religion are connected in the contemporary. Specially, we discuss about Spiritism Doctrine and their audiovisual representations shared on YouTube, in the “*Canal Amigos da Luz*”, created in 2015 by *Companhia Amigos da Luz*. As well, we analyze the play “*Morrendo e Aprendendo*”, written by *Companhia Amigos da Luz*, on tour since 2007. In addition, we can observe that through media devices and theatrical performances, humor has been a possibility for reflection and to construction for representations about religiousness and death. We start from literature review about the relationship between laughter and death, based on Vladimir Propp, Peter Berger, Henri Bergson, and George Minois. Then, we observe the uses and the social functions of social communication and of theatre to Spiritism, in order to comprehend the construction of doctrine representation and how the subjects are morally represented in the doctrine under the humorous genre. To analyze the audiovisual product and the play, we ask how each character reacts, and what is the central idea, and the joke or irony, as proposed by Patrick Charaudeau for the study of language and the discourse in the narrative.

Keywords: Spiritism. Representation. Identity. Theatre and audiovisual.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | | |
|----------------|---|-----|
| Fotografia 1 - | A amiga de Lourdes Theresa vai até o velório..... | 63 |
| Fotografia 2 - | Lourdes Theresa no umbral..... | 68 |
| Fotografia 3 - | Representação cênica das almas do umbral..... | 72 |
| Fotografia 4 - | O encontro das irmãs, a ligação do passado na vida após a morte.... | 74 |
| Fotografia 5 - | Os feijões e a experiência terrena..... | 75 |
| Fotografia 6 - | O pedido de casamento..... | 76 |
| Fotografia 7 - | A reconciliação e a saída do umbral..... | 77 |
| Fotografia 8 - | A reencarnação..... | 80 |
| Figura 1 - | Comentários no vídeo "Quantos anos você tem", no YouTube..... | 103 |
| Figura 2 - | Comentários no vídeo "Quantos anos você tem", no YouTube..... | 104 |
| Figura 3 - | Comentários no vídeo "Prisões" sobre não ter compreendido a mensagem..... | 130 |

LISTA DE QUADROS

| | | |
|-------------|--|-----|
| Quadro 1 – | Concepções de Deus e Jesus..... | 91 |
| Quadro 2 – | Principais características das personagens ou actantes do esquete cômico audiovisual “Eu, eu mesma e eu espírita”..... | 99 |
| Quadro 3 – | Principais características das personagens ou actantes do esquete cômico audiovisual “Quantos anos você tem?”..... | 102 |
| Quadro 4 – | Assumir-se enquanto espírita, vídeo “Sai do Armário”..... | 106 |
| Quadro 5 – | Principais características das personagens ou actantes do esquete cômico audiovisual “Prece com pressa”..... | 109 |
| Quadro 6 – | Principais características das personagens ou actantes do esquete cômico audiovisual “Toma lá dá cá”..... | 112 |
| Quadro 7 – | Principais características das personagens ou actantes do esquete cômico audiovisual “Pop-ups na prece”..... | 113 |
| Quadro 8 – | Principais características das personagens ou actantes do esquete cômico audiovisual “Fora do corpo”..... | 115 |
| Quadro 9 – | Principais características das personagens ou actantes do esquete cômico audiovisual “Mentor espiritual”..... | 118 |
| Quadro 10 – | O mentor que não leva a sério o seu protegido..... | 120 |
| Quadro 11 – | Vídeos sobre obsessão..... | 121 |
| Quadro 12 – | Performance do médium..... | 124 |
| Quadro 13 – | O dom do médium e o aperfeiçoamento através da leitura..... | 126 |
| Quadro 14 – | Vibração espiritual..... | 128 |
| Quadro 15 – | O desencarne e a consciência humana..... | 129 |
| Quadro 16 – | O afeto e a “evolução espiritual”..... | 131 |
| Quadro 17 – | A consciência humana e a prática da doutrina..... | 132 |
| Quadro 18 – | Despedida, vidas passadas e passagem para o plano espiritual..... | 135 |
| Quadro 19 – | Mais alguns exemplos de vídeos que dialogam com as demandas sociais..... | 137 |

SUMÁRIO

| | | |
|-------|--|-----|
| | INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 1 | A GARGALHADA ETERNA: USOS DO HUMOR RELIGIOSO..... | 23 |
| 1.1 | Considerações sobre o riso, morte e a religiosidade..... | 24 |
| 1.2 | A relação ambivalente entre o humor e a experiência religiosa..... | 29 |
| 1.3 | Riso, performance e doutrina espírita..... | 33 |
| 2 | O ESPIRITISMO “CODIFICADO”: EM KARDEC, NOS PRODUTOS DA MÍDIA E NO TEATRO..... | 40 |
| 2.1 | Espiritismo e os usos das tecnologias de comunicação..... | 43 |
| 2.2 | Companhia Amigos da Luz: negociações na trajetória individual e coletividade na construção de representação..... | 50 |
| 2.3 | “Morrendo e aprendendo”: riso, performance e a doutrina espírita.... | 60 |
| 3 | ESQUETES CÔMICOS ESPÍRITAS: APROPRIAÇÕES DA CODIFICAÇÃO ESPÍRITA..... | 83 |
| 3.1 | Canal Amigos da Luz: o discurso e espírita e o uso do humor na internet..... | 89 |
| 3.2 | Pode o riso na doutrina espírita? Nuances do humor, nem todos acham graça..... | 95 |
| 3.3 | Identidade e a moral espírita na construção do audiovisual..... | 105 |
| 3.3.1 | <u>O sujeito espírita e o recolhimento noturno: prece e “desdobramento” espiritual.....</u> | 108 |
| 3.3.2 | <u>O conhecimento do espírita: mentor espiritual, mediunidade e performance.....</u> | 118 |
| 3.3.3 | <u>A personalidade do espírita: afinidade espiritual, vidas passadas, despedida e passagem para o plano espiritual.....</u> | 127 |
| 3.4 | Uma perspectiva panorâmica sobre os vídeos..... | 136 |
| | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 140 |
| | REFERÊNCIAS..... | 145 |
| | APÊNDICE – Roteiro de entrevista..... | 156 |

INTRODUÇÃO

Difícil abordar o riso de modo a transcrevê-lo. As palavras que outrora provocaram o riso no instante do seu proferimento ou do contexto de encenação, talvez, já tenham mudado de conotação para o leitor deste texto. Ou, por outro ângulo, refletir acerca do riso esteja carregado de uma possibilidade que se propõe “séria demais”: observar as construções narrativas e identitárias, a função do riso de correção dos costumes ou de percepção do outro. Entretanto, há quem diga que aquele que se leva muito a sério é motivo de riso, tal como disseram Vladimir Propp ou Rubem Alves. Mapear a produção de humor espírita brasileiro seria uma difícil missão para um estudo de mestrado e também não buscamos refletir acerca do pioneirismo do uso do humor na doutrina espírita, visto que compartilhamos da concepção de que tanto o individual quanto as demandas coletivas se interseccionam. Então, buscamos observar a construção de representação no teatro e, sobretudo, no audiovisual contemporâneos, a partir de um estudo de caso da produção da Companhia de Teatro Amigos da Luz, composta por integrantes da cidade do Rio de Janeiro e da Baixada Fluminense.

Através da presente dissertação, busca-se o objetivo de compreender as práticas e construções de significados e símbolos da doutrina espírita de gênero humorístico. Longe de querer oferecer uma conclusão definitiva ou de esgotar as fontes do riso, este trabalho analisa vídeos do “Canal Amigos da Luz”, no YouTube, e a peça de teatro “Morrendo e aprendendo. Com isso, buscamos compreender a maneira pela qual a performance humorística audiovisual visa construir identidades e lidar com a moral e a pertença religiosas, visto que o humor também pode ser utilizado no processo de ajuste dos costumes. Partimos da compreensão de que a identidade é “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 1987 apud HALL, 2006, p. 13).

Se concebermos a religião como um sistema cultural, no qual, seu sistema simbólico coopera no estabelecimento de encadeamentos que levam a concepções e disposições humanas ativas, podemos considerar que a religião acompanha as mudanças da sociedade que alteram significativamente o seu “mercado de bens simbólicos de salvação”. Inclusive, utilizando-se os diversos meios de comunicação para valorizar e propagar suas formas simbólicas, cuja valorização pode ser de dois tipos: simbólica, quando é um processo de atribuição de valor simbólico, e econômica, quando se atribui valor econômico para a realização de trocas mercantis. Neste caso, os símbolos devem ser compreendidos como

“aquilo que é usado para qualquer objeto, ato, acontecimento, qualidade ou relação que serve com vínculo a uma concepção – a concepção é o ‘significado’ do símbolo” (GEERTZ, 2008, p. 68).

Isto porque observamos que a religião, a encenação teatral e a mídia lidam diretamente com a construção simbólica. Sendo a mídia uma aliada importante para a propagação da mensagem doutrinária e da representação do “invisível”, pois, “o desenvolvimento dos meios de comunicação é, em sentido fundamental, uma reelaboração do caráter simbólico da vida social, uma reorganização dos meios pelos quais a informação e o conteúdo simbólico são produzidos e intercambiados no mundo social” (THOMPSON, 2014, p.36).

Stoll (2009) observa como a prática espiritual pode ser encenada diretamente através da proposta do teatro de “auto-ajuda” de Luiz Gasparetto, na qual a performance religiosa ou mediúnica mescla-se com a performance teatral. Antes de tudo, a autora delimita o quanto a mediunidade espírita carrega aspectos performáticos consagrados em reuniões públicas ou fechadas, em especial, através da psicografia e do transe mediúnico. Quanto à performance de Gasparetto, a pintura mediúnica era mais performática ainda porque há jogo de luzes e performances de dança, bem como, constrói-se arquétipos da personalidade do espectador-participante, tornando o teatro não somente subjetivo como também espiritualizado. Então, através da comicidade, ironia e sarcasmo, esse teatro de “auto-ajuda” construía um processo de “estranhamento de si”, retratando “relações pessoais e o desempenho de papéis sociais no cotidiano. Por meio destes se faz aflorar a ideia de existência de uma dimensão ‘interior’ supostamente ‘mais verdadeira’ ou ‘mais autêntica’ – que é constrangida pelas convenções sociais” (STOLL 2009, pp. 23-24).

Neste teatro, as pinturas funcionavam com espécie de oráculo, o tom jocoso com que Gasparetto abordava as questões acerca da culpa, do prazer, da vitimização etc. era uma estratégia para trazer o sujeito ao cuidado de si para o presente. Já a encenação teatral que nos propomos observar e analisar na presente pesquisa encena uma narrativa acerca das vidas passadas e do plano espiritual, cujo invisível é dado a ver, é representado de acordo com as concepções difundidas pela doutrina. A plateia é convidada a participar, mas não altera o rumo da narrativa, cujo texto possui referências às explicações dos livros de Kardec, ao imaginário dos mentores e dos médiuns espíritas brasileiros. Sendo que uma máxima do livro Obras Póstumas é um guia-central, visto que é um dos elementos de compõe o processo de “evolução espiritual” para os espíritas: “Fora da caridade não há salvação”.

Quanto ao “mundo virtual”, Calil Júnior (2008) propõe algumas aproximações metodológicas para uma etnografia do mundo espírita virtual, no qual ele compreende a

interação dos espíritas nas comunidades virtuais é uma forma de realizar a manutenção da doutrina e, de certa maneira, mimetiza a comunicação que os seguidores da doutrina realizam com os espíritos ou “mundo espiritual”, pois não exige a presença de seres humanos e há simultaneidade espaço-temporal para discussão de assuntos de comum interesse. Com isso, para o autor, o ambiente virtual é um espaço de sociabilidade importante para os espíritas. A proposta de Calil é importante, pois apontou que, desde 1994, quando a internet ainda se encontrava restrito a entidades da sociedade civil, principalmente ligadas às pesquisas acadêmicas, e órgãos governamentais, já havia a presença de um Grupo de Estudos Avançados Espíritas (GEAE) na web.

De fato, um dos nossos objetivos da pesquisa foi investigar como se desenrolam a atuação dos Amigos da Luz no território virtual (quanto à sua utilização funcional e simbólica para estabelecer ligação entre o entretenimento e as formas fragmentadas e fluidas de lidar com a reflexão religiosa), que exigiu entrevistar o grupo, em julho de 2018, para compreender quem era o público receptor e como eles construíam a mensagem. Através da abordagem qualitativa, baseada em um levantamento bibliográfico para fundamentação teórica, realizamos um estudo de caso acerca da relação entre o conteúdo da produção audiovisual do “Canal Amigos da Luz”, mediado pela plataforma do YouTube, e a doutrina espírita.

Entretanto, nosso objetivo central se diferencia da observação da atuação dos atores sociais em comunidades virtuais, pois também deseja compreender a mensagem e a representação corrente acerca da doutrina espírita. Consideramos que as representações encenadas visam construir identidades e lidam com a moral e a pertença religiosa, sendo o acesso aos produtores da mensagem uma maneira de compreender parte do circuito comunicativo (que envolve a produção, a transmissão, a circulação, a recepção e apropriação da mensagem ou forma simbólica).

Na bibliografia acadêmica acerca do espiritismo, é comum a referência à imprensa, aos usos dos meios de comunicação e seus respectivos profissionais espíritas, entretanto, a questão do intelectual espírita é frequentemente enfatizada, tal como pode-se observar em Ubiratan Machado (1996), que estudou a inserção do espiritismo no Brasil e sua recepção entre os intelectuais, cujo jornalismo e literatura eram ainda muito próximos. Já o objetivo de Arribas (2014) é observar a atuação do intelectual espírita e suas proposições nos espaços de legitimação e embates da doutrina, dentre os quais, ela enfatiza a atuação de Herculano Pires, homem das letras cuja profissão de jornalista era não só uma forma de difusão da doutrina, mas também de exposição das mais íntimas convicções visto que a doutrina não poderia se

restringir a discussões internas. Então, esta pesquisa volta-se para a atuação do indivíduo no coletivo sob a problematização do intelectual no qual a autora argumenta:

É certo que o seu reconhecimento no meio espírita veio de suas inúmeras palestras, da sua ação costumaz frente às entidades espíritas, dos seus vários artigos em jornais e revistas, dos programas radiofônicos e televisivos que participou (e muitas vezes dirigiu), e dos mais de 80 livros que escreveu. Mas esse reconhecimento, por outro lado, não está desatrelado de suas várias qualidades e habilidades provenientes de sua trajetória social e educacional. (ARRIBAS, 2014, p. 204).

Quanto ao uso da imprensa espírita como uma forma de militância e da realização de um mapeamento da imprensa espírita e da presença de espíritas nos periódicos diários da imprensa carioca, podemos notar esta preocupação no estudo de Oliveira (2014). Através desse estudo, observa-se a consciência de jornalistas e escritores espíritas da sua função nos veículos de comunicação, sendo que programas radiofônicos e a impressão de livros também eram considerados como importantes para a divulgação doutrinária a um público leigo, o problema observado pelo autor levou à percepção de que as colunas espíritas nos jornais diários evidenciavam a expansão do espiritismo no Rio de Janeiro e as colunas atraíam leitores para a imprensa comercial, como também, havia dificuldade dos jornais propriamente espírita se manter visto que o recurso financeiro para sua produção era disputado com outras práticas dos centros, tal como caridade. Giumbelli (1997), aborda a questão da imprensa e do espiritismo, porém, seu ponto de partida não é observar os usos e funções sociais da imprensa para o espiritismo, mas sim como se pode observar nos artigos e noticiários da imprensa as condenações e embates da prática espírita e de curandeirismo. Por sua vez, Lewgoy (2000) realiza uma nota acerca dos sites espíritas, da dramaturgia televisiva sobre a doutrina – a recorrente referência à novela “A viagem” –, assim como, do processo de transnacionalização da doutrina com o auxílio do ambiente virtual. Entretanto, a preocupação central do autor não é com a dimensão midiática da doutrina, mas com a dimensão letrada e escrita.

De certa forma, podemos evidenciar a peculiaridade da maneira abordar a doutrina espírita no trabalho da Companhia Amigos da Luz em relação aos outros produtos comunicativos, entretanto, não podemos perder de vista de que ela é fruto de uma construção coletiva cujo campo espírita deseja dialogar diretamente com as demandas sociais. Com isso, observamos que problematizações acerca do preconceito religioso, de classe e de cor são inerentes às propostas audiovisuais e teatrais realizadas pelo grupo.

Durante nosso processo de pesquisa, a teoria social da mídia de John B. Thompson (2009) influenciou o nosso modo de abordar as formas simbólicas de comunicação, visto que

o autor compartilha do argumento de que o desenvolvimento dos meios de comunicação social possuem ampla significação social e histórica, assim como, é também possível elucidar criticamente como os produtores constroem a mensagem e os receptores a interpretam e compreendem-na com relação às suas vidas cotidianas – inclusive, para o autor, a entrevista e observação do campo podem ser recursos metodológicos importantes para compreender ambos os lados do processo. Este autor oferece-nos três fases para a compreensão da mensagem ou forma simbólica na sua proposta metodológica que ele denomina de “hermenêutica em profundidade ou da vida cotidiana” (HP): (1) análise socio-histórica (situações espaço-temporais, campos de interação, meio técnico de transmissão, estrutura e instituições sociais); (2) análise formal ou discursiva; e, por fim, (3) a reinterpretação da forma simbólica.

Nosso diálogo com a proposta de Thompson dá-se à medida em que buscamos compreender a relação riso e morte através de um breve panorama da literatura acadêmica acerca do tema, a fim de observar como essa relação pode funcionar no âmbito da doutrina cuja morte não é vista como um fim em si mesmo, mas um meio para que o sujeito ajuste a sua vida carnal visto que, de acordo com os preceitos doutrinários, a vida continua mesmo após a putrefação do invólucro material (isto é, do corpo), bem como, o riso também exerce a função de ajuste dos costumes através da evidência do desvio moral e sua consequente ridicularização. Com isso, ao delimitar nossos procedimentos metodológicos para a pesquisa, sentimos necessidade de compreender como se desenrola o processo de produção da mensagem teatral e audiovisual, então, tivemos acesso a dois integrantes do grupo (um ator e o diretor/ator, que idealizou a proposta conceitual da companhia e do canal Amigos da Luz).

A proposta metodológica de Thompson também se preocupa com a recepção e interpretação da mensagem pelos espectadores, entretanto, para o escopo da nossa pesquisa, elucidamos apenas os comentários (ou rastros) dos seguidores do “Canal Amigos da Luz” somente em dois casos: no vídeo “Quantos anos você tem?”, visto que problematizamos a necessidade de mudança de linguagem da doutrina e como uma federação espírita compreendeu o uso do riso na religião; e com o vídeo “Prisões”, cujos inscritos relataram ter dificuldade de compreender a mensagem.

A documentação digital audiovisual foi transcrita e analisada sob a teoria da análise do discurso (CHARAUDEAU, 2016 e 2018), cujo recorte temático abrange os anos de 2015 e 2017. Bem como, foi realizada uma descrição densa e apoio com imagens fotográficas da observação da peça “Morrendo e Aprendendo”, apresentada em Saquarema, Rio de Janeiro, em 30 de março de 2018, a fim de compreendemos as diferenças e similaridades entre o

trabalho realizado no teatro daquele audiovisual e suas correlações com o discurso da doutrina espírita.

Em sua inserção no Brasil, na década de 1860, o espiritismo fora difundido através da escrita literária e dos periódicos, observou-se também a difusão de centros espíritas (com atividades de estudo doutrinário e, mais tarde, de assistência social), cujo território brasileiro é caracterizado por sua criatividade religiosa (STOLL, 2003). Portanto, no tempo presente, as características que representam o “espiritismo à brasileira” (STOLL, 2003; 2002) são recombinadas nos vídeos e no teatro, onde se percebe a ironia ao excesso de ritualizações doutrinárias, da linguagem rebuscada da prece, do exagero performático do passe e assim por diante. Se seguir à risca a máxima de Kardec, “Fora da caridade não há salvação”, ler o texto espírita não basta, é preciso se identificar enquanto espírita, assim como, lutar contra a vaidade e idiossincrasias.

O projeto da Companhia Amigos da Luz, ao aliar humor e espiritismo, acompanha a necessidade de mudança nos prosélitos da doutrina, possibilitando que a mensagem doutrinária afete diferentes receptores, de acordo com suas diversas capacidades de decodificação. São vídeos que lidam diretamente com o senso comum: medo de falar com espíritos, o contato com entes falecidos etc. Sendo que os embates subjetivos e coletivos se evidenciam na construção de representação, mas também na tomada de posição acerca da legitimidade de se fazer humor no âmbito religioso.

A título de exemplo, citamos o vídeo intitulado “Quantos anos você tem?”, publicado em 05 de fevereiro de 2016 e gravado no centro espírita de Campo Grande/RJ, chamado Centro Espírita Discípulos de Jesus. A narrativa se inicia com um ator representando um palestrante da casa espírita desestimulado pelo baixo quórum dos adeptos à doutrina no local. É quando um espírito guia se aproxima e, durante a conversa, afirma: “Gente nova pede uma linguagem nova. Não dá para você continuar falando como seu avô falava há 60 anos”. Este vídeo possui mais de 270 mil visualizações e 785 comentários¹, dentre os quais, os inscritos no canal se queixam da necessidade de o espiritismo aderir a uma linguagem mais coloquial e simples nos centros espíritas, bem como, modificar a forma como a doutrina é estudada.

Neste sentido, ao mesmo tempo em que o grupo não deixa de se basear na concepção do espiritismo, enquanto uma doutrina moral e filosófica, que necessita da compreensão de que o processo de amadurecimento não se encerra após o desencarne e que podem haver várias reencarnações. Ele também adere à narrativa de busca da cura individual e bem-estar

¹ Disponível em: <<https://youtu.be/AUddBwwZN7w>>. Acesso em: 04 dez. 2016.

subjetivo, típico dos novos movimentos religiosos como a *Nova Era*². Bem como, o uso das redes virtuais impacta na perspectiva que o trabalho é recebido na construção de redes de sociabilidade.

Realizamos uma aproximação teórico-metodológica com perspectivas históricas que priorizam uma história social do religioso e da mídia para identificarmos o modo como um grupo espírita atualmente se compreende e se auto representa. Atentando-se para as constantes ressignificações e significações da identidade cultural religiosa que formam a constituição do campo religioso no qual o espiritismo está inserido.

As produções audiovisuais escolhidas foram produzidas pelo Canal Amigos da Luz, de forma independente, recebendo o apoio de divulgação da Rede Amigo Espírita, uma rede social virtual de espíritas, e da Rede Boa nova, uma rádio espírita AM. A partir disso, a escolha da fonte audiovisual presente no espaço virtual parte da concepção de que a imagem, mesmo ficcional, possui capacidade de criar uma “realidade”, possibilitando que questionemos as motivações das adaptações, suas omissões e falsificações. Portanto, tais fontes não somente ilustram o contexto ou complementam outros documentos, elas são produto de um conjunto de concepções de um determinado grupo e atendem às suas respectivas demandas discursivas e simbólicas, são evidências “de um processo ou de um evento ocorrido, cujo estabelecimento do dado bruto é apenas o começo de um processo de interpretação com muitas variáveis” (NAPOLITANO, 2008).

Portanto, considerando que o Brasil tem tido um crescente papel na criatividade religiosa na cartografia global das religiões, como a doutrina espírita tem sido afetada pela concorrência religiosa? Como o contemporâneo e as tecnologias da comunicação, em particular a internet, afetam as temporalidades imaginárias e construções identitárias do sujeito espírita? E, por fim, como o humor pode ser um elemento novo nessa reapropriação discursiva da doutrina espírita, em especial, com a finalidade de crítica à conduta moral ou formas de pensamento enraizadas na prática do espiritismo brasileiro?

Então, no primeiro capítulo, *A gargalhada eterna: usos do humor religioso*, buscamos estudar e correlacionar as diferentes concepções do riso do passado e a do tempo presente com relação à morte. De fato, as motivações do riso são diferentes conforme o contexto

² O movimento *New Age* ou Nova Era possui um caráter amplo e disseminado em diferentes práticas contemporâneas, o que o torna complexo e difícil de se apreender e defini-lo em sua totalidade. Contudo, tal movimento religioso é caracterizado por fundamentar-se em práticas místicas e divinatórias antigas, como tarô e astrologia, que adquirem um valor de autoconhecimento. Assim como, o movimento busca se aproximar da natureza e da espiritualidade alternativa e holística, as quais ajudariam o indivíduo a se edificar e transformar-se em um ser melhor. Caracterizado por ser um fenômeno típico das classes médias urbanas, abrange vertentes distintas, como por exemplo, espiritualistas, seculares e para científicas. (BAHIA, 2015a; D’ANDREA, 2000).

espaço-temporal, porém, a partir das reflexões sobre o riso é possível compreender continuidades e rupturas do riso no contemporâneo e suas distintas nuances. Sendo o riso apontado como um desvio da norma e o humor, um dos gêneros considerados de difícil definição, mas que ocorre a partir do contraste com relação às perspectivas dos acontecimentos cotidianos.

Todavia, embora esse recuo no tempo seja necessário, o nosso marco temporal é o contemporâneo, no qual Giddens (1991) aponta como o momento das consequências da modernidade. É o momento em que se observa a possibilidade de criticar e intervir no texto cristão a partir do riso, cujo senso de humor tem sido atribuído a Deus; assim como, de observar de que maneira o riso tem se tornado receptivo a partir dos Novos Movimentos Religiosos. Então, o cômico é um elemento imprescindível na sociedade e está presente nas ações corriqueiras, cujo domínio é de duração curta, momentânea e fugidia. O riso, então, se sobrepõe ao sério pois invade as esferas do cotidiano (BERGER, 2017).

Conforme consolidado na bibliografia acadêmica acerca do espiritismo, parte-se da compreensão de que ele é um fenômeno letrado, pois pressupõe um mínimo de letramento para sua compreensão e participação (LEWGOY, 2000). Todavia, a presente pesquisa observa que seguidores da doutrina espírita criam produtos de mídia – escrita, oral, de imagem fixa ou audiovisual – com o objetivo de interpretar, criticar e construir significados acerca da expressão religiosa que praticam.

Compartilhamos da perspectiva de que eles estariam inseridos no que Peter Burke denomina como uma “cultura oral, escrita, impressa e elétrica” (2008), termo longo que evidencia a variedade de sistemas comunicativos inerentes à demanda da sociedade contemporânea. De acordo com esta perspectiva, em vez das diferentes tecnologias de comunicação – com usos e funções sociais distintas – desaparecerem à medida que novos aparatos tecnológicos são inseridos no cotidiano, elas coexistem e novas mídias híbridas são criadas. Tal como vivemos a intensificação da convergência da representação imagética, escrita e oral no ambiente virtual, sem, porém, desaparecer ou evanescer a importância do livro, do cinema e da televisão para a cultura contemporânea; isto é, trata-se de um processo de interpenetração entre as mídias (BURKE, 2008).

De fato, o letramento é uma característica que marca o espiritismo brasileiro – desde o processo de “codificação” ou estruturação da cosmologia espírita sob a forma de textos escritos e publicados por Kardec, assim como, os seguidores oriundos das camadas médias urbanas, que, em sua maioria, possuem mais formação técnica ou ensino superior em comparação com outras expressões religiosas. Todavia, como bem observam Lipovetsky e

Serroy(2009), arte, música, jogo, conversação, fotografia, publicidade, o conhecimento e outros já estão envolvidos nas malhas digitais do contemporâneo, nas quais, “todas as nossas relações com o mundo e com os outros são cada vez mais mediatizadas por uma quantidade de interfaces nas quais as telas não cessam de convergir, de se comunicar, de se interconectar” (LIPOVETSKY e SERROY, 2009, p.23).

Logo, considerando que a linguagem contemporânea do espiritismo não é somente a letrada, ela combina os sistemas oral, escrito e visual de comunicação social e tecnológica, cujo nosso segundo capítulo, *O espiritismo “codificado”: em Kardec, nos produtos da mídia e no teatro*, atenta-se para a articulação do espiritismo e a publicização através dos veículos de comunicação. Observa-se que não somente órgãos oficiais da doutrina produzem conteúdo através de redes sociais virtuais e conteúdos audiovisuais no YouTube, mas também dirigentes doutrinários são incentivados a lidar com as tecnologias e seguidores criam, circulam e recebem suas mensagens no ambiente virtual.

Sendo uma doutrina que se propõe enquanto uma proposta científico-religiosa e filosófica moderna, o espiritismo procurou estar atento aos aparatos tecnológicos do século XIX. Vale ressaltar que ciência e religião aparecem imbricadas e de difícil dissociação nas formas de pensamento e visões de mundo espíritas veiculadas através dos impressos e dos livros. Assim como, trata-se de uma doutrina que lança mão da ciência e do positivismo de forma ambivalente: o espiritismo se propõe como verdadeiro, cuja manifestação e comunicação com os espíritos propõem-se como evidentes, inerentes ao natural, sendo a ciência, a filosofia e os critérios de investigação positivistas catalisadores da doutrina; entretanto, para Allan Kardec (2009c), as “ciências vulgares” tinham domínios materiais, isto é, distintos dos domínios do espiritismo, pois estes seriam alvo de crença pessoal e no poder infinito do “Criador”, cujas forças seriam compostas por agentes inteligentes, independentes e carregados de livre arbítrio – os espíritos.

Logo, ciência e religião estão imbricados no discurso espírita enquanto uma questão de crença e de base no cristianismo. Ademais, desde o seu início até algumas literaturas recentes, as invenções tecnológicas estão presentes na construção do imaginário. Por outro lado, embora tenha, em seu início, evitado a denominação enquanto religião, observa-se a recorrência das questões da gênese, do céu e do inferno, e da própria reinterpretação do evangelho, temas que, inclusive, dão nome a três livros de Allan Kardec.

As ideias do espiritismo francês foram propagadas através da Revista Espírita (*Revue Spirite*, 1858-1869), periódico publicado semestralmente pelo próprio Allan Kardec, na França. No que diz respeito ao contexto brasileiro, desde a sua inserção nos meados do século

XIX, o espiritismo buscou divulgar suas ideias no âmbito de uma imprensa espírita. Porém, no século XX e início do XXI, acompanha-se a publicação de livros psicografados e romances espíritas, bem como, a construção de narrativas audiovisuais sobre a doutrina – tal como filmes, novelas e, no contemporâneo, esquetes cômicos sobre a doutrina.

Por conseguinte, compreendendo que as redes sociais virtuais possuem dinâmicas distintas, o objetivo desta seção é problematizar conexões estabelecidas através da virtualização do evangelho espírita. Embora seja um ambiente propício para a apropriação (ou recriação) e produção de conteúdo, é importante notarmos que, diferente de um contato face a face, os vínculos estabelecidos nas redes sociais virtuais são fluídos e podem ser mantidos ou abandonados a qualquer momento (MARTINO, 2014).

Com base nas discussões dos capítulos anteriores, este capítulo busca aprofundar-se na doutrina espírita no Brasil do fim do século XIX ao século XXI. Na qual, a representação do imaginário a respeito do Livro dos Espíritos e a vida cotidiana está presente no material audiovisual da Companhia de Teatro Amigos da Luz. Com isso, iremos refletir acerca dos discursos sobre a morte e a forma de pensar o evangelho. Neste sentido, compreendemos que de que maneira a performance possui não somente a função de entreter, mas também de persuadir ou ensinar (SCHECHNER, 2003, 2006).

A fim de que possamos abordar a relação com a performance teatral, o humor e a doutrina espírita, utilizaremos como fontes documentais fotografias produzidas na peça que realizamos uma descrição densa, “Morrendo e Aprendendo”, da Companhia de Teatro Amigos da Luz, a partir da observação de campo realizada em 30 de março de 2018. Vale ressaltar que compreendemos que a imagem fotográfica não é mera ilustração do texto, ela também documenta e comunica um ato, assim como, não é um produto neutro e somente mecânico e fruto da câmera fotográfica, pois está carregado do ponto de vista, de um recorte do instante vivenciado por quem produz a imagem. Carregada de polissemia, seu significado não se esgota com a proposta interpretativa do texto, sua gama de visualidade pode ser difícil de descrever em palavras. Logo, compartilhamos da perspectiva de André Rouillé (2009) de que embora o dispositivo fotográfico leve a crer e sustentar o valor documental da imagem, são os usos da imagem, as crenças e as condições de recepção empregadas que sustentam tal função:

Mas, na verdade, a fotografia nunca esteve totalmente dissociada de seu aspecto “expressão”. Dependendo da época, das circunstâncias, usos, setores ou dos profissionais envolvidos, era um ou outro aspecto que prevalecia, pois a fotografia não é, por natureza, um documento. O documento não conseguiria formar, da fotografia qualquer essência ou noema” (ROUILLÉ, 2009, p. 27).

Por fim, no terceiro capítulo, *Esquetes cômicos espíritas: apropriações da codificação espírita*, buscamos articular os discursos sobre a morte com o riso na religião, articulando a fonte oral produzida através de entrevista, bem como audiovisual e algumas capturas de tela acerca dos comentários sobre o vídeo “Quantos anos você tem” e o vídeo “Prisões”. A escolha dos comentários desses vídeos se deu devido ao diálogo com as fontes, visto que observamos que “Prisões” havia problemas de compreensão dos inscritos e que “Quantos anos você tem” é um vídeo referenciado devido à demanda de mudança da abordagem doutrinária.

Busca-se, assim, trabalhar com a metodologia de pesquisa voltada para o ambiente virtual e a análise do discurso, de Patrick Charaudeau (2018; 2016), que oferece uma possibilidade de esquematização da narrativa. Com isso, produzimos 19 quadros de análise sobre 37 vídeos, observando os seguintes princípios organizativos: tema; assunto problematizado; ideia central; piada ou ironia; como as personagens ou “actantes” agem, reagem, podem ser qualificados; qual o resultado das ações. Estes princípios são flexibilizados conforme problematização ou com vídeos em comum, além de não se propor um instrumento rígido de análise. De forma específica, Charaudeau (2016) denomina essa organização de análise narrativa como “questionário actancial”, que busca compreender os papéis desempenhados pelas personagens e suas funções na narrativa: sendo “actante” uma forma genérica, o papel narrativo (um arquétipo ou modelo da ação) que um ou mais sujeitos executam, e “personagem” é a forma qualificada, a especificidade qualificativa do sujeito e seu papel desempenhado (imoralidade, fraqueza, força, virtude etc.).

Há uma relação intrínseca entre a cibercultura e a representação audiovisual da doutrina espírita: o evangelho no lar aparece mediado por computadores, seja através de transmissões ao vivo ou narrativas ficcionais da doutrina. A partir de transmissões ao vivo e publicações de esquetes cômicos no YouTube, o Canal Amigos da Luz propõe o humor espírita como forma de divulgação doutrinária, a fim de atingir uma gama diversificada de faixas etárias. Por outro lado, embora o discurso oficial seja de divulgação, é tanto uma proposta de modificação da linguagem espírita quanto uma revisão e crítica a comportamentos enraizados no âmbito da doutrina, que, o riso também possui significação social – pode ser uma forma de correção dos costumes, pois, da tomada de consciência do defeito que leva a rir (isto é, ridículo) o sujeito procura modificar-se e cuidar de “ser” não somente em sua aparência, mas em sua essência (BERGSON, 1983).

Conforme o grupo relata, a ideia de produzir um curta cinematográfico e o trabalho em outras produtoras de vídeo para o YouTube foram a origem da concepção do “Canal Amigos da Luz”. Assim, a produção audiovisual de esquetes cômicos curtos possui certa relação com o cinema e com as demandas de vídeo cujo contemporâneo tem demandado cada vez mais devido o advento das redes sociais virtuais. Há de se considerar que se trata de um grupo cuja parcela possui formação técnica em teatro e outra possui ensino superior em artes cênicas ou cinema. Com isso, eles compreendem o processo de estruturação da mensagem nos sistemas de comunicação social e no teatro, bem como, o teatro e o vídeo são recursos profissionais, nos quais, o nicho de consumo de bens culturais espírita é compreendido como um trabalho e não somente como expressão religiosa.

Lipovsky e Serroy (2009) consideram que o uso de telas de celular e das câmeras digitais ajudam a difundir certo espírito cinematográfico à escala individual, no qual, o banal e o anedótico da própria vida são enquadrados e filmados, uma espécie de hipervisualidade do mundo e do próprio sujeito. De fato, o vídeo possui certa proximidade do cinema e da televisão (sua característica híbrida permite a roteirização e encenação da vida cotidiana) cujo espectador recepciona-os em telas com diferentes tamanhos. Porém, o autor não menciona que o vídeo pode funcionar como um evento, uma reunião com simultaneidade espaço-temporal de discussão de assuntos que um grupo compartilha. A esta característica, Dubois (2004) nos oferece uma solução cara: o vídeo como dispositivo, através do qual o espectador é ativo e perceptivo, podendo ser um evento, uma instalação e assim por diante. Nesse caso, acreditamos que as transmissões ao vivo de estudo doutrinário se aproximam desse caráter de dispositivo e não somente do “espírito cinematográfico” de roteirização e encenação performática.

Então, busca-se observar a dicotomia do riso no contemporâneo em relação aos espíritas, onde, de um lado, há a vertente do humor compreendido como uma linguagem perniciososa e, do outro, voltado para a reflexão do “bem”, para entretenimento e promoção do espiritismo. Sendo o equilíbrio, alegria e a coerência uma vertente valorizada para o riso, visto que a linguagem cômica pode ser uma maneira da mensagem alcançar mais pessoas. Visto que observamos conflitos relativos ao espiritismo, cujo uso do humor na divulgação doutrinária do espiritismo se tornou motivo de controvérsias entre uma federação espírita e a Companhia de Teatro Amigos da Luz, do Rio de Janeiro.

Neste sentido, a busca pelo monopólio ou legitimação da construção de representação e de identidade, além de classificação, gera conflito entre instituições, grupos e indivíduos, pois se trata de uma busca da construção do consenso e da formação do *habitus* religioso.

Segundo Bourdieu (2015), o *habitus* religioso é um princípio inerente ao funcionamento do campo religioso, dentro do qual, são estruturados pensamentos, ações e percepções de acordo com a representação que uma determinada religião constrói acerca do sobrenatural e do natural. Indivíduos e instâncias religiosas oficiais competem entre si para realizar a função de construção de bens simbólicos religiosos, sendo assim, suas respectivas forças dependerão da força material e do arcabouço simbólico de mobilização e transação de práticas e representações que atendem aos interesses de grupos religiosos ou classes.

A acepção do termo humor é composta por um conjunto de possíveis interpretativos, na qual, nem sempre o dicionário oferece todas as noções significativas sugeridas pelo contexto, cujas construção e interpretação do ato discursivo estão carregadas de representações coletivas (CHARAUDEAU, 2016). A partir da análise das fontes, busca-se analisar o ponto em comum entre o ato cômico e a doutrina espírita: a atribuição valor moral às atitudes humanas, na qual, de um lado, o sujeito é acometido pelo riso quando percebe o desvio de uma conduta ou norma estabelecida em outra pessoa; de outro, o sujeito necessita de atribuição de valor moral para buscar elevação. De acordo com nossa hipótese, ao mesmo tempo em que o grupo não deixa de se basear na concepção do espiritismo, enquanto uma doutrina moral e filosófica que necessita da compreensão de que o processo de amadurecimento não se encerra após o desencarne e que podem haver várias reencarnações, ele também adere à narrativa de busca da cura individual e bem-estar subjetivo, típico dos novos movimentos religiosos como a *Nova Era*.

1 A GARGALHADA ETERNA: USOS DO HUMOR RELIGIOSO

O riso, nos mitos gregos, só é verdadeiramente alegre para os deuses. Nos homens, nunca é alegria pura; a morte sempre está por perto, e essa intuição do nada, sobre o qual todos estamos suspensos contamina o riso. (MINOIS, 2003, p. 27).

A relação entre o riso e práticas religiosas e espirituais possui caráter ambíguo, de aproximações e afastamentos ao longo de distintos momentos da história ocidental. Todavia, no tempo presente, com a possibilidade de os receptores de conteúdos de mídia também serem produtores, que trocam suas visões de mundo e formas de pensamento expressos em variadas linguagens comunicativas – tais como, fotografia, audiovisual, texto, áudio e assim por diante –, podemos encontrar páginas em sites de redes sociais e canais em plataformas de vídeo com narrativas e imagens que usam o humor para divulgação religiosa.

Assim, através do espaço virtual, indivíduos ou grupos constroem ou reconstróem identidades e vínculos em comunidades mediadas por computadores, mantendo conversas com assuntos de interesses em comum (MARTINO, 2014). Baseados nessa viabilidade de intercâmbio de práticas e representações, o sistema espírita tem sido aliado ao humor na internet por alguns membros como a Companhia Amigos da Luz, que idealizou o Canal Amigos da Luz (2015) para transmitir e disponibilizar esquetes cômicos sobre espiritismo e fazer transmissões ao vivo de estudo informal do Livro dos Espíritos³. Oriundos de Nova Iguaçu, Baixada Fluminense, e da cidade do Rio de Janeiro, os membros também fazem turnês com espetáculos das peças teatrais de humor e espiritismo desde 2007.⁴ São sete espetáculos que entram em turnê em momentos diferentes: “Morrendo e Aprendendo”, “Samara Sempre Sabe”, “Muito Além da Janela”, “Reencarna Show”, “Praça dos Girassóis”, “Irmãos Buonanotte”, “Patéticos”.

À vista disso, observamos duas formas distintas de produzir humor religioso: de um lado, o audiovisual divulgado no espaço virtual do YouTube e, de outro, a encenação

³ O Livro dos Espíritos é um livro que inicia a “Codificação Espírita” de Allan Kardec. Publicado em 1857, ele possui um esquema de questões de Kardec direcionadas aos espíritos em sessões mediúnicas (CAVALCANTI, 2008). A chamada “Codificação Espírita” é composta pelos livros: O Livro dos Espíritos; O Livro dos Médiuns; O Evangelho segundo o Espiritismo; A gênese; O Céu e o Inferno. Há ainda dois livros complementares: O que é Espiritismo (síntese que visa explicar brevemente doutrina); Obras Póstumas (textos de Kardec publicados após a sua morte).

⁴ Atualmente, a partir da ampla divulgação pelo YouTube, os membros circulam o Brasil com os espetáculos de humor espírita tanto em teatros espíritas como seculares.

performática da doutrina espírita no espaço físico do teatro e para um público mais restrito. Portanto, neste primeiro capítulo, pretendemos recuar no tempo brevemente para compreender a relação do riso, a morte e o religioso (itens 1.1 e 1.2) para que possamos compreender o humor espírita no teatro contemporâneo (capítulo 2). Ao observarmos as continuidades e rupturas da forma de rir e produzir humor, pretendemos nos capítulos subsequentes compreender a relação entre a mídia, performance e a produção simbólica de comunicação social no âmbito religioso.

Desta forma, compreendemos que o estudo do problema do riso, e sua respectiva relação com a compreensão humana acerca das construções simbólicas do religioso, leva-nos a observar que a narrativa histórica sobre o riso aparece imbricada com as temáticas do eterno, do divino, do diabólico e do material. O riso pode ser concebido de distintas maneiras, conforme os diferentes contextos de espaço e tempo, cujas dicotomias entre nascimento, vida e morte tornam-se motivos de derrisão. Como o riso tem sido um recurso para a reinterpretação do sagrado nas religiões tradicionais e para os novos movimentos religiosos?

1.1 Considerações sobre o riso, morte e a religiosidade

Para compreender o riso contemporâneo, George Minois (2003) recua no tempo e define três grandes fases do riso. Primeiro, o riso divino, cuja Antiguidade sacraliza o riso atribuindo-o aos deuses. De certa maneira, atribui-se a ele conotação positiva: o riso eterno dos deuses é um distanciamento entre eles e o mundo, é a capacidade de não se levar à sério nem mesmo na ordem superior, enquanto que o riso humano é “uma maneira de sacralizar o mundo, de conformar-se com as normas, escarnecendo de seus contrários. É também um modo de endossar o terrível peso do destino, de exorcizá-lo, assumindo-o” (MINOIS, 2003, p. 630).

Portanto, ao direcionarmos nosso olhar para a Grécia antiga e politeísta, observamos a narrativa sobre o riso como a condição de origem do mundo, a comemoração dos deuses pela condição eterna e a lembrança da finitude e o temor da morte para os humanos daquele tempo. Desde esse período, o riso nem sempre é sinônimo de alegria: o sofrimento, a morte, o ritual, as sombras e o aniquilamento também podem ser associados à motivação dele. De acordo com George Minois:

O riso e a morte fazem boa mistura. É suficiente olhar um crânio para se convencer: nada pode roubar-lhe o eterno sorriso. Pode-se também rir da morte sem morrer de rir; os gregos ilustraram essa ambivalência com suas lendas e tentaram explicá-las com seus mitos. Eles a confirmaram com exemplos “históricos”, mostrando que, mesmo para os mais sérios, a vida é apenas um caso derrisório, que só merece uma gargalhada na saída. (MINOIS, 2003, p. 29).

A trajetória de vida torna-se motivo para lamentação enquanto a morte é uma combinação entre o alívio por não permanecer nesse mundo e o riso da condição material e finita. Por conseguinte, há a fase do ambivalente riso diabólico: embora tolerado nos carnavais, nas festas dos bobos e nos *charivaris* durante a Idade Média, ele é também a desforra do diabo na concepção negativa conferida pelo cristianismo. Trata-se de um riso dessacralizado, “o riso cristão é apenas um paliativo, uma droga puramente humana que permite um alívio temporário para retomar ao penoso caminho da vida” (MINOIS, 2003, p. 631).

A transformação entre a vida e a morte da paródia medieval possui o realismo grotesco como gênero cujo material e corporal atingem valores cósmicos e universais. Diferente do sentido da invasão cômica grega, o riso dessa paródia possui o rebaixamento como característica marcante: o plano material e terreno é fundido ao transcendente e espiritual. De acordo com Mikhail Bakhtin (1987), um dos traços típicos desta comicidade é o processo de degradação, que lida com o túmulo e o ventre, ao mesmo tempo em que renova trazendo o renascimento e a ressurreição. Portanto, os aspectos humanos considerados inferiores – tais como, genitália, coito, defecação, gravidez etc. – entram em comunhão com a vida:

A degradação cava o túmulo corporal para dar lugar a um novo nascimento. E por isso não tem somente um valor destrutivo, negativo, mas também positivo, regenerador: é ambivalente, ao mesmo tempo, negação e afirmação. Precipita-se não apenas para o baixo, para o nada, a destruição absoluta, mas também para o baixo produtivo, no qual se realizam a concepção, o renascimento, e onde tudo cresce profusamente. O realismo grotesco não conhece outro baixo; o baixo é a terra que dá vida, e o seio corporal; o baixo é sempre o começo. (BAKHTIN, 1987, p.19)

Por fim, temos a fase do riso humano, que pode ser considerada a origem do pensamento moderno, expressa de maneira interrogativa e do âmbito das incertezas humanas é um momento cujo marco inicial é delimitado a partir do Renascimento. No que concerne ao Renascimento, a cultura cômica popular ainda trabalha com a degradação como nas paródias medievais, porém, o sentido do material e do corporal em comunhão com o transcendente encontra-se mais restrito (BAKHTIN, 1987). Há, portanto, a passagem do riso da Idade Média mais tolerante ao riso de zombaria para o riso do Renascimento cujas autoridades ficaram

mais suscetíveis a este ato, tornando-se mais intolerantes ao riso referente ao sagrado e tudo aquilo que lhe dizia respeito.

O riso é percebido com atenção, pois pode ser uma arma de contrarreligião, a contar também que os confrontos religiosos evidenciaram as possibilidades de representação do riso de negação do religioso ou de desvio cético (MINOIS, 2003). Com isso, a Europa do século XVI atravessara lutas religiosas e o riso podia ser utilizado como arma satírica de propaganda importante para estigmatizar vícios e os pecados. Para Lutero, por exemplo, considerando que o diabo e o mau espírito tornaram-se mestres na zombaria, o riso era uma ferramenta de contra-ataque ao mal. “O riso não é nem divino nem diabólico; é uma arma, e todas as armas são boas contra os adversários da boa fé” (MINOIS, 2003, p. 297).

É também no Renascimento que o estilo do teatro de Shakespeare dá conta do sentido trágico da existência humana: caracterizado por um estilo franco, jovial e recreativo nas comédias; autêntico e profundo no drama e na tragédia. A justificativa para isso é que o homem e sua própria condição são grotescos, cujo riso é sobre o ridículo e é a punição dos defeitos humanos (MINOIS, 2003; PROPP, 1992).

De acordo com Minois, o riso e a morte se encontram no teatro elisabetano e jacobino, tornando-se o centro dessas peças. O lado grotesco da morte, então, é ressaltado nas temáticas das comédias:

O reencontro do riso e da morte está no centro do teatro elisabetano e jacobino, pelo viés do estudo do suicídio em particular. A maior parte das comédias ressalta o lado grotesco desse ato. Grandiloquentes ou parodísticos, os suicidas são ridículos, a menos que o suicídio seja para eles um stratagem, como em *O mendigo cego de Alexandria*, de Chapman. O suicídio é desmistificado e, expondo suas verdadeiras motivações, os autores põem à luz seu aspecto derrisório. Confirma-se assim que, para o espírito da Renascença, pode-se rir de todos os assuntos, tudo é redutível ao derrisório. (MINOIS, 2003, p. 314).

Uma vez que a influência das ciências humanas expõe as fraquezas e a complexidade mental do ser humano, a fase humana do riso culmina mais tarde no riso filosófico no século XIX (MINOIS, 2003). Bem como, será uma questão que continuará ambivalente nos períodos subsequentes: no século XX e início do XXI, o humor pode ser recebido enquanto uma tática de releitura e reapropriação das escrituras do sagrado. Conforme Verena Alberti (1999), o riso enquanto parte constituinte do pensamento humano e das reflexões filosóficas do século XX, torna-se necessário para que o sério saia de suas fronteiras, bem como, torna-se parte de uma maneira específica de construir a filosofia. Assim: “o riso partilha, com entidades como o

jogo, a arte, o inconsciente etc., o espaço do indizível, do impensado, necessário para que o pensamento sério de desprenda de seus limites” (ALBERTI, 1999, p. 11).

Conforme Peter Berger (2017), a natureza do cômico está entre as experiências fundamentais do ser humano, cujas formas de recepção e percepção dependem da época e da sociedade em que ocorrem. Tal experiência é dotada das seguintes características: capacidade de evocar um mundo diferente da instância do sério e nas regras que o compõe, promessa de redenção e de superação das limitações humanas. Assim, fundamentado em reflexões filosóficas sobre o riso – tais como as de Hegel, Bergson, Kierkegaard e outros –, Berger compreende o cômico enquanto uma percepção da incongruência e do desvio.

Ao buscar compreender a questão acerca das situações em que o cômico se manifesta na condição humana, Berger analisa o riso como uma possibilidade de redenção, propondo a contraposição entre as “virtuoses” do cômico e o cômico das massas, através do paralelo importante com o que Max Weber define como religião dos “virtuoses” e religião das “massas”. Isto é, ele parte da contraposição do que diz respeito à religião dos “virtuoses”, definida como uma produção simbólica da construção discursiva e representativa controlada por um corpo sacerdotal, e às religiões das “massas”, cujo caráter popular não necessariamente domina a construção da trama religiosa, bem como, pode ser condicionada a práticas consolidadas de viver uma experiência com o sagrado.

Desta maneira, as “virtuoses” do cômico também se relacionam ao domínio intelectual do campo, abrange desde escritores cômicos – Aristófanes, Shakespeare, Moliere etc. – a bufões, palhaços, comediantes e contadores de piadas. Por outro lado, o cômico das “massas” está no âmbito do cotidiano, é um atravessamento nas ações ordinárias e, geralmente, os sujeitos não refletem sobre a natureza do cômico – a menos que tenham inclinações filosóficas. Tal como a experiência do religioso, Berger defende o argumento de que o cômico é onipresente na vida cotidiana.

Embora as questões sobre a morte ou fim do riso descontraído no século XXI sejam motivos de reflexões decorrentes da banalização, consumo e espetacularização do riso desde o século XX, é importante notarmos que, de certa forma, não se trata do fim do riso: o ato de rir se aproxima do problema da morte, do assombro com a possibilidade de catástrofe. No contexto sociopolítico europeu, por exemplo, ria-se amargamente em meio às guerras mundiais, ao holocausto, à Guerra Fria como forma de atenuar ou enfrentar o porvir (MINOIS, 2003).

Portanto, o riso moderno é carregado de temor, impotência perante o absurdo ou entrega ao fim, ao mesmo tempo que também pode ser um riso de sobrevivência e conciliação com a sensibilidade. Minois relata o sobre os prisioneiros dos campos de concentração:

Os deportados são retomados pelo sentimento do ridículo. Seu riso é autêntico, mas ele é mais físico que moral: riso de autômatos, nervoso, mecânico, como daquele que escapou da catástrofe mineira de Courrières, em 1906, depois de ter ficado enterrado, durante vinte dias, com duzentos camaradas mortos. Alguns sobreviventes são resgatados: “Um deles põe-se a rir”, escreve um jornalista de *O tempo*, ‘mas com um riso aterrador, lúgubre. Esse fantasma alegre chama-se Némy’”. (MINOIS, 2003, p. 555).

Quanto ao riso religioso, abordar a doutrina com tom humorístico proporciona distanciamento e aproximação concomitantes em relação ao transcendente: questiona-se e confronta-se o texto, conflitando a perspectiva tradicional e a contemporânea, ao mesmo tempo em que evidencia a capacidade de rir inerente ao comportamento humano e denota a tolerância divina para com o riso. É uma fé confiante na possibilidade de reflexão crítica, purificação e leveza. Ou seja, o riso a serviço da moral. Segundo George Minois:

Como a Bíblia não tem um sentido absoluto, válido para todos e para todas as épocas, a leitura distanciada é a única capaz de liberar as questões fundamentais para a cultura contemporânea. Praticar uma leitura irônica da Bíblia é provocar o texto, questioná-lo, confrontá-lo com as interrogações atuais – é fazê-lo viver. Cada vez mais os crentes têm consciência disso: tomar liberdades humorísticas com a Escritura é uma maneira moderna de viver a existência de um Deus ao mesmo tempo presente e ausente. A fé, atualmente, deve ser humorística, com toda a leveza que isso implica, ou tornar-se sectária. O riso transformou-se, no domínio religioso, em fogo, purificador. Em contato com ele, a fé insegura morre; a fé sem inteligência torna-se sectária e fanática. (MINOIS, 2003, p. 579).

Contudo, embora hoje tenha-se admitido a possibilidade de Deus e Jesus terem bom senso de humor e terem rido um dia, evitando o sentido trágico e austero dessas divindades, a relação entre humor e religião ainda é complexa e é motivo de críticas e tabus, na qual, muitos ainda dão primazia ao sério. Trata-se, portanto, de um processo de reconfiguração conforme as necessidades individuais e coletivas de experimentar a fé, na qual a experiência do indivíduo tem recebido cada vez mais atenção especial.

A seguir, partiremos de uma breve observação das intersecções entre o humor e a religião a partir do século XIX, a fim de compreender mais adiante o riso contemporâneo e os usos na doutrina espírita no presente.

1.2 A relação ambivalente entre o humor e a experiência religiosa

De maneira geral, o riso é compreendido consensualmente como uma característica inerente à condição humana, que invade as circunstâncias do sério e aparenta um desvio. Dentre as mais distintas variações do riso – tais como o grotesco, burlesco⁵ e assim por diante –, o humor aparece como uma categoria importante. Caracterizado como objeto de difícil definição e descrição, “o humor tem necessidade de contraste; é um duplo olhar, sobre os acontecimentos e sobre a vida; um simples olhar só vê as aparências e produz, de maneira inevitável tolice ou fanatismo, ou, mais frequentemente, os dois ao mesmo tempo” (MINOIS, 2003, p. 305).

Sua origem, de acordo com Minois, data do século XVI, na Inglaterra, todavia, o termo “humor” só aparece na *Encyclopedia Britannica*, em 1771. Embora este marco documental do termo seja a partir do fim do século XVIII, o autor argumenta que o humor pode ter origem tão antiga quanto a própria natureza humana e não é meramente exclusivo da Inglaterra, mas é com o Renascimento que esse gênero toma forma mais expressiva: visto que o humor é utilizado referente às mais distintas circunstâncias da vida e é uma questão de consciência, portanto, respectiva ao caráter e às peculiaridades de cada indivíduo. Já a expressão do humor moderno aparece ambígua e contrastante.

A recepção do riso no contexto religioso do século XIX permanecia dificultosa, cujo consenso prezava por um ideal de austeridade e severidade. Até havia pregações religiosas com gracejos e humor, porém, a credibilidade do padre era posta em xeque. Com isso, o caráter diabólico do riso adquire ênfase à medida que as ciências se consolidam e o ateísmo entra em ascensão, tal combinação tornara-se uma possibilidade de embate com o religioso. É também um período anticristão, cuja derrisão é uma possibilidade de detração dos dogmas religiosos – tais como, encarnação, trindade, transubstanciação, verdade literal da Bíblia, Adão e Eva – e dos ateus.

O ideal do século XIX é a seriedade e a tristeza, cuja ironia é uma forma de tirania dos costumes ou um ato escandaloso quando se trata de um vigário ao dar comunhão. Por outro lado, o riso só é permitido como regozijo das atividades servis, pois o choro é uma condição

⁵ Dentre as variantes do riso que Minois (2003) define, o grotesco e o burlesco podem ser compreendidos das seguintes formas: o burlesco é oriundo da França, onde exerce a função de “desrecale”, a fim de atingir aquilo que pesa nos planos individual e coletivo, pode ser refinado ou grosseiro; o grotesco, por sua vez, oriundo da região mediterrânea por volta do século XVI, é atrelado à consciência humanística, é ambíguo, do mundo da fantasia, bizarrice, sonho, loucura e baseado no contraditório.

inerente à natureza humana decaída. A Igreja “aprova até mesmo as festas. Mas o riso deve ser discreto. Nada de ousadias, porque só o mau cristão se alegra com ‘brincadeiras maliciosas’” (MINOIS, 2003, p. 503).

Neste momento, o riso é compreendido, portanto, como desvio, testemunha da imperfeição e desordem. Isto é, tal como a percepção filosófica até hoje presente na literatura sobre o riso (BERGSON, 1983; PROPP, 1992; BERGER, 2017; ALBERTI, 1999 e outros): a noção de incongruência. O riso aponta para o caráter mundano do mundo, o choro e a seriedade para a proximidade com o divino porque a religião cristã valoriza o sofrimento. É neste período, portanto, que o riso adquire o poder de ataque, mas “também uma dimensão filosófica, tornando-se um objeto de estudo muito sério por parte dos filósofos” (MINOIS, 2003, p. 509).

À medida que o riso se torna ferramenta de detração, a Igreja Católica tolera seu uso como arma contra inimigos anticristãos. Tornando-se presente nos sermões, tal como os protestantes usaram nas charges durante a Reforma. Entretanto, essa junção do riso e religião nesses embates deveria ser concebida com cautela, pois o riso mútuo entre clérigos e opositores teria o poder de criar vínculos. Esse duelo cômico era:

[...] malvisto pela hierarquia católica, que se escandaliza com tal mistura de risos. Um riso católico já é incongruente em si; se, além disso, se mistura ao riso ateu, isso se torna francamente perigoso. Não se deve expor a fé ao riso dos descrentes. Essa desconfiança em relação à hilaridade faz com que o riso seja mais ou menos anexado pelos incrédulos. (MINOIS, 2003, p. 508)

Já o século XX e início do XXI possibilitam rever as escrituras e refletir o sagrado a partir do riso (MINOIS, 2003), visto que o riso do tempo presente está assentado na lógica moderna de reflexividade cujas práticas sociais sofrem o processo de exame e renovação sobre elas mesmas, assim como, intervenções tecnológicas (GIDDENS, 1991). Neste sentido, a produção de bens simbólicos religiosos encontra-se em competição entre o corpo sacerdotal das instituições religiosas tradicionais e o corpo de leigos ou grupos.

Assim como Pierre Bourdieu (2015), podemos considerar a perspectiva de que a religião é um agente de poder simbólico, cujo sistema é estruturado e que impõe formas de pensamentos sociais, resultando em um sistema de crenças e práticas legitimadas ou em concorrência. Dentro da estrutura religiosa, encontram-se processos de moralização e sistematização de práticas e crenças que envolvem a produção, a reprodução e a difusão de bens simbólicos religiosos. A partir dessa perspectiva, o campo religioso e a ideologia religiosa possuem relações de transação estabelecidas a partir de interesses distintos entre

leigos e especialistas, e relações de concorrência construídas a partir de oposições entre especialistas ou sacerdotes no âmbito do campo religioso.

Com isso, a produção simbólica de bens religiosos depende da hierarquia que um indivíduo ou instituição religiosa exerce dentro de um grupo, a fim de legitimar representações e práticas do corpo de fieis. Tal hierarquia está submetida às demandas materiais e simbólicas intrínsecas dos grupos ou classes, cuja estrutura se apresenta a partir dos seguintes polos: religiosidade dominante, caracterizada por “sistemas de práticas e representações que tendem a justificar a hegemonia das classes dominantes” e a religiosidade dominada na qual “sistemas de práticas e de representações tendem a impor aos dominados um reconhecimento da legitimidade da dominação fundada no desconhecimento do arbitrário da dominação e dos modos de expressão simbólicos da dominação” (BOURDIEU, 2015, p. 53).

À vista disso, considerando que o riso é parte de uma troca simbólica no interior dos campos religioso e social, podemos observar que a maneira de rir pode ter nuances distintas dependendo do objetivo que se pretende atingir. A percepção do riso enquanto diabólico, indica que o riso exacerbado é uma ameaça à ascética cristã, bem como, sua concessão pode ser uma forma de controle para a manutenção do monopólio religioso ou constituição do carisma – isto é, o carisma é uma expressão do poder simbólico que confere aos líderes religiosos a possibilidade de acreditarem que lhe é nato próprio poder simbólico ou formas de manipular as construções simbólicas do religioso (BOURDIEU, 2015). Por outro lado, o riso pode indicar tanto a má fé ou falta de crença, quanto a condenação como prática de magia ou feitiçaria, isto é, apontar a religião do outro como dominada.

Logo, o riso da religião é distinto do riso religioso: o riso religioso, alia-se ao humor, apresenta-se como possibilidade de correção moral, está em oposição ao sério e ao choro a fim de lembrar o fiel da sua condição errante e pecaminosa; já o primeiro ocupa-se com o ataque e a degradação. Pode ser ser um riso que agride as crenças ou, quando aliado ao humor, que permite renová-la conforme as demandas contemporâneas:

[...] o riso pode matar a fé, ou ressuscitá-la, introduzindo o humor. [...] Parece, de fato, que a ironia e o humor são indispensáveis à fé religiosa, no mundo contemporâneo. Se o crente se obstina em manter a verdade ontológica dos ensinamentos tradicionais num mundo cada vez mais estranho a essa cultura, ele deriva, inevitavelmente, para o espírito de seita, baseado na coincidência perfeita entre o espírito e suas crenças. No mundo contemporâneo, a fé necessita, ao contrário, de uma distância só pode ser mantida pelo humor. (MINOIS, 2003, p. 578).

Como caso do riso que tem por finalidade se opor à religião alheia com propósito de libertação, Almeida (2009) relata a maneira que transcorre a sessão de descarrego da Igreja Universal do Reio de Deus (IURD). Através do escárnio e da zombaria, as pessoas são exorcizadas. Assim, o riso é uma forma de libertação do “mal”:

Transcorrendo de forma muito tensa, a performance do exorcismo tem como característica principal o escárnio das entidades. Segundo o pastor, tudo isso é feito para humilhar o diabo e todas as religiões que compactuam com ele, e não a pessoa exorcizada. Ora, rindo, ora sendo irônico, o pastor pretende mostrar que Deus é superior às divindades afro-brasileiras, e que nenhuma delas possui poder suficiente para atingi-lo. Alguns pastores, zombando, chegam a dar as costas para o endemoninhado, dizendo que se o demônio tiver alguma força terá de agredi-lo. Como isso não acontece, ele afirma que nenhum “trabalho”, nenhuma feitiçaria, nenhuma maldição é capaz de afetar aquele que foi “libertado”. (ALMEIDA, 2009, p. 96).

Por outro lado, humor no ritual também pode ser um aliado para romper a formalidade, tal como na introdução do Santo Daime⁶ nos Países Baixos. Conforme Groisman (2013), o riso é uma maneira de socializar e de dispersar a tensão ritualística, além de acometer aqueles que fumam a Santa Maria ou Cannabis durante o ritual. Assim, a brincadeira e o humor são maneiras de interagir entre brasileiros e neerlandeses, ao mesmo tempo em que é uma forma de conexão cósmica.

Segundo Minois, o riso é um produto de comercialização, argumento e consumo no século XXI e, como consequência, ele é indispensável para suprir o vazio da era em transição pela qual atravessamos. Fundamentado em Gilles Lipovetski, o autor afirma que estamos em uma sociedade humorística: “sociedade na qual o riso é receita eleitoral, argumento publicitário, garantia de audiência para os meios de comunicação e até uma incitação à iniciação criativa” (MINOIS, 2003, p.594).

Assim, o riso contemporâneo é um riso que deixou de atacar certezas com outras certezas e tem a função de apenas fazer rir a fim de resignar-se com a vida. A tese de Minois é a de que, no presente, o riso é vazio e necessário para o ser humano suportar as mazelas:

É assim que ele termina, na época atual, por cobrir tudo, numa sociedade humorística em que tudo se banha numa derrisão divertida. Certamente, existem redutos de seriedade aqui e ali – integristas e fanatismos de toda espécie –, mas eles só são sérios aos próprios olhos; o resto do mundo os ignora ou os olha com

⁶ O Santo Daime é uma religiosidade fundada no século XX, pelo brasileiro Raimundo Irineu Silva, maranhense descendente de escravos. Ele é dividido em três linhas espirituais: Alto Santo, Santo Daime CEFLURIS (Centro Eclético de Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Silva) e Barquinha. O “Daime” é uma referência à bebida enteógena à base de ayahuasca para entrar em contato com o Cosmos. As conexões espirituais do Santo Daime podem ser consideradas parte do movimento Nova Era ou *New Age*, que conjuga o bem-estar físico com misticismo, prezando pela vida humana harmônica com a natureza, como também os conhecimentos botânicos de cura para doenças (GROISMAN, 2013).

curiosidade. O riso moderno é incerto, porque não sabe mais onde se fixar. Ele não é nem afirmação nem negação, antes, é interrogação, flutuando sobre o abismo em que as certezas naufragam. (MINOIS, 2003, p. 632).

No Brasil, o humor religioso tem sido uma estratégia para aproximar os fieis e a juventude das mais distintas crenças. Citemos alguns exemplos: entre os católicos, destacou-se o falecido Padre Leo (1961 – 2007), era membro da Canção Nova (desde 1973 até a sua morte), cujas pregações exerceram influências até mesmo entre evangélicos, tal como o pastor Cláudio Duarte – atualmente membro da Igreja Batista Nacional desde 1992. No que tange ao humor sobre espíritos, há os espíritas da Companhia Amigos da Luz – que aliam humor e espiritismo no teatro (desde 2007) e no audiovisual (desde 2015) – e o canal umbandista no YouTube chamado Papo da Banda (2016), dentre outros.

É possível encontrarmos várias performances humorísticas sobre o religioso na internet, tanto produzidas e publicadas pelos próprios humoristas religiosos – tais como Papo da Banda e Canal Amigos da Luz – como também por parte de fieis – no caso do Padre Leo e do pastor Claudio Duarte. Isto porque com o advento da internet colaborativa (Web 2.0), os websites, tal como o YouTube, têm permitido que sujeitos sejam tanto consumidores quanto produtores midiáticos, cuja distribuição e circulação da mensagem permitem reação e engajamento sobre ela.

O contemporâneo é caracterizado pela produção de conteúdo da mídia tanto por grandes corporações quanto por consumidores, porém, as maneiras de codificar a mensagem e de usar a plataforma dependem do conhecimento ou instrução que o sujeito possui acerca desse aparato. É um ambiente em que os indivíduos criam comunidades em favor dos gostos em comum, onde com baixo custo para a implementação das ideias e com tempo livre pode-se atingir um grande número de pessoas, embora pesquisadores têm questionado até que ponto o comportamento criativo pode ser apreendido e compreendido pela sociedade civil, visto que “o mundo vem se tornando bem-provisionado com fontes de valor pessoal e comum, valor criado e captado principalmente pelos participantes” (SHIRKY, 2011, p. 162).

1.3 Riso, performance e a doutrina espírita

Como vimos, a inter-relação entre o riso e o religioso é ambígua tanto no passado quanto no presente, porém, ambos possuem proximidade com as questões morais. O humor,

enquanto categoria do riso, tem sido um recurso importante para as mais distintas expressões religiosas e, no que diz respeito ao espiritismo, pode ser utilizado como ferramenta para evidenciar os defeitos e desvios de conduta de um determinado sujeito, bem como, representar como as vidas se entrelaçam em diferentes encarnações e nos planos espirituais. Nessa perspectiva, esta conexão entre o riso e a morte torna-se importante para abordar a temática acerca da saída do mundo material e as interferências espirituais.

Isto porque o tema da morte é inevitável e essencial na trajetória humana: pode ser mascarado, fantasiado, evitado, motivo de tabu, envolto em uma aura mágica conforme os valores de um grupo ou sociedade, mas ele não é esperado com naturalidade, há certo temor e apreensão ou até falta de aceitação (VOVELLE, 1987). O historiador Michel Vovelle (1987) estabelece três níveis para compreender a causalidade da morte: primeiro, a “morte consumada”, a morte propriamente dita expressa a partir de dados estatísticos; segundo, a “morte vivida”, que engloba a sensibilidade à morte, gestos e ritos – desde a enfermidade, o túmulo e o que se espera do além –; terceiro, os discursos sobre a morte, o imaginário coletivo de uma época sobre a percepção da morte produzido e veiculado através da literatura, televisão, quadrinhos e assim por diante.

Segundo Hertz (1960), devido à experiência corriqueira e familiar que gera grande comoção, o significado de morte parece ser uma questão resolvida no senso comum. Porém, a morte pode ter diferentes significados: para os biólogos e cientistas médicos, um fenômeno fisiológico; já socialmente, a morte envolve a construção de significados, crenças, emoções e ações. Ou seja, é parte constituinte de uma representação coletiva. “Nós vemos a vida desaparecer, porém, nós expressamos este fato através do uso de uma linguagem especial: é a alma, nós dizemos, que parte para outro mundo onde se juntará aos antepassados”⁷ (HERTZ, 1960, p. 47).

Pensar sobre a morte pode levar o sujeito a construir uma relação com o presente e perpetuar as lembranças ancestrais. Bahia (2011) analisa como o problema da morte e da ressurreição se evidencia no repertório simbólico e na experiência vivida pelos pomeranos – imigrantes de origem alemã situados no estado do Espírito Santo –, observando que ele aparece atrelado ao estilo de vida, ao rito de passagem e na forma distinta de professar o luteranismo. Diferente da prática luterana, que recusa a aproximação aos mortos em primazia à vida, os pomeranos estabelecem vínculos com os mortos e rituais fúnebres.

⁷ Tradução nossa. “We see life vanish but we express this fact by the use of a special language: it is the soul, we say, which departs for another world where it will join its forefathers” (HERTZ, 1960, p. 27).

Com isso, a perspectiva de lidar com a circunstância da morte depende dos usos e significados atribuídos a ela por um coletivo. Por conseguinte, por mais que uma personalidade tenha se desvinculado do seu caráter material, as relações construídas no interior de um grupo ainda estabelecem vínculos. Os ritos funerários exercem a função de permanência do elo social, sendo “fundamentais para restaurar a unidade rompida e restabelecer a ordem do mundo dos vivos” (BAHIA, 2011, p. 305).

Mediante estas premissas, o espiritismo – na condição de se comunicar com espíritos que um dia foram homens e mulheres encarnados e morreram em algum momento da história – deseja auxiliar no atravessamento da ritualística da “morte vivida” (práticas funerárias, luto etc.) e, sobretudo, no que se esperar da morte – que é somente carnal. Por outro lado, ele constrói um discurso que busca negar a perspectiva sobrenatural dos espíritos, em defesa da naturalização e interferência constante dos mesmos na vida cotidiana de um sujeito. Com isso, adeptos mais engajados da doutrina têm construído representações em consonância com os estudos doutrinários, a fim de correlacionar a importância das boas práticas morais da vida no presente com a construção de um espaço espiritual no futuro.

Assim, estruturado sob a concepção de uma doutrina científico-filosófica e religiosa, o espiritismo concebe a possibilidade de estabelecer comunicações verbais e manifestações materiais com espíritos. Oriundo da França, na segunda metade do século XIX, a primeira publicação em 1857 do “Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec⁸, direciona a perspectiva doutrinária a partir de perguntas que teriam sido feitas a espíritos sobre a ordem dos espíritos e da humanidade.

Contudo, assim como podemos encontrar no “Livro dos Espíritos”, bem como no livro que resume a doutrina “O que é o espiritismo”, a comunicação espiritual preexiste à estruturação ou codificação doutrinária e estaria presente ao longo da história da humanidade, não sendo necessariamente uma invenção daquele período. Conforme pode ser consultado em “O livro dos Espíritos” (KARDEC, 2009b, p. 29), Allan Kardec reconhece as manifestações da França e dos Estados Unidos a partir de pancadas que concordavam com as indicações das letras do alfabeto como forma de comprovação dos fenômenos mediúnicos sem interferência humana. Tais comunicações sem o uso de palavras escritas ou fala serviam como forma de refutação das opiniões contrárias à doutrina. No livro “O que é o espiritismo”, Kardec argumenta da seguinte forma sobre a originalidade do espiritismo francês:

⁸ Pseudônimo do pedagogo francês Hyppolite Léon Denizard Rivail (1804 – 1869).

O espiritismo, todavia, não é uma descoberta moderna; os fatos e os princípios sobre os quais repousam, perdem-se na noite dos tempos, porque se lhes encontram os traços nas crenças de todos os povos, em todas as religiões, na maioria dos escritos sagrados e profanos [...]. O que é moderno é a explicação lógica dos fatos, o conhecimento mais completo da natureza dos Espíritos, de seu papel e de seu modo de ação, a revelação de nosso estado futuro, enfim sua constituição de corpo e ciência e de doutrina e suas diversas aplicações. [...] A própria doutrina que os Espíritos ensinam hoje, nada tem de nova; se a encontra por fragmentos, na maioria dos filósofos da Índia, do Egito e da Grécia, e toda inteira do ensinamento do Cristo. Que vem, pois, fazer o Espiritismo? Ele vem confirmar por novos testemunhos, demonstrar por fatos, verdades desconhecidas ou mal compreendidas, reestabelecer seu verdadeiro sentido, aquelas que foram mal interpretadas. (KARDEC, 2009c, pp. 153-154)

Ou seja, idealizado a partir das mesas girantes, a originalidade do trabalho realizado por Allan Kardec teria sido transformar a comunicação com espíritos numa doutrina letrada e experimental em comunhão com as descobertas científicas. E, por conseguinte, publicada sob a forma de livros para que as camadas burguesas tivessem acesso. Com isso, acolhe-se no interior da doutrina a ética cristã (principalmente, amor fraterno e caridade) com as noções de carma e reencarnação do hinduísmo (VÁSQUEZ e ROCHA, 2016), a partir da reinterpretação iluminista na qual o livre-arbítrio e o determinismo social explicam a trajetória de vida de um indivíduo (LEWGOY, 2006).

No livro “Obras Póstumas”, editado na França em 1912, dentre outros assuntos relativos ao Espiritismo, Allan Kardec aborda a perspectiva espírita sob as transformações dos modos de vida no século XIX, como também, a relação dicotômica entre materialismo e espiritualismo no que diz respeito à natureza e aos modos de vida. Além do mais, embora seja uma construção doutrinária burguesa que compartilha da necessidade de intelectualização do médium a fim de oferecer menos obstáculos materiais para comunicações “extra-humanas” (KARDEC, 2007, 2009b), o Espiritismo tece uma crítica à interferência dos modos de vida essencialmente materiais na construção artística, pois causariam certa desconexão com a espiritualidade e iluminação (KARDEC, 2008a, p.110).

É neste sentido que Kardec considera a desconexão entre o artístico e as representações beatas e espirituais uma forma de decadência da arte oitocentista. No entanto, o codificador espírita reconhece que se trata de um período de transição em relação às mudanças de hábitos e crenças. Inclusive, a título de exemplo do que concerne aos próprios modos de representação imagética do indivíduo, podemos citar o processo de busca pela verossimilhança com o ato humano de ver e sem interferência direta da mão humana que o século XIX acompanhou, resultando, em 1839, na divulgação e patenteamento da imagem fotográfica em Paris, na França. Sendo, por um lado, uma imagem técnica e mecânica

carregada do debate sobre a sua autêntica natureza artística, e, por outro, uma forma de representação imanente característica do período de industrialização e mecanização das relações de trabalho e de produção.

Assim, considerando desde a busca pela forma e a natureza na Antiguidade até as pinturas medievais com caráter religioso, a arte espírita um dia poderia ser compreendida como um possível complemento da arte cristã (KARDEC, 2008a, p. 111). Todavia, ao contrário do distanciamento da representação simbólica católica em relação ao fiel, a proposta da arte espírita buscaria uma relação solidária entre o plano espiritual, os outros mundos e a Terra, consistindo na representação do mundo e da moral espíritas. Partindo dessas concepções, Kardec propõe algumas representações imagéticas ou encenações performáticas da moral espírita:

Em lugar de representar os despojos frios e inanimados, ver-se-á a mãe tendo ao seu lado a filha querida, na sua forma radiosa e etérea; a vítima perdoa o carrasco; o criminoso fugindo em vão do espetáculo, sem cessar renascente, de duas ações culposas! O isolamento do egoísta e do orgulhoso, no meio da multidão; a perturbação do espírito nascendo na vida espiritual etc., etc.; E se o artista quer se elevar acima da esfera terrestre, nos mundos superiores, verdadeiros Édens onde os espíritos avançados gozam da felicidade adquirida, ou reproduzir algumas cenas dos mundos inferiores, verdadeiros infernos onde as paixões reinam soberanas, quantas cenas emocionantes, quantos quadros palpitantes de interesse não haverá para se reproduzir! (KARDEC, 2008a, p. 112).

Portanto, trata-se de um desejo de construção de representação sobre a crença do que seria a relação da vida após a morte nos mundos inferiores e superiores, como também, no plano terreno em conexão com o espiritual. A construção da performance de natureza artística realizaria tanto a função de contar uma narrativa quanto a de afirmar a identidade do sujeito enquanto espírita através da restauração do comportamento e personificação da moral doutrinária.

Conforme aponta Richard Schechner (2003, 2006), arte e ritual possuem uma relação intrínseca, cujas fronteiras são difíceis de delimitar: peças artísticas são utilizadas em rituais ou, o seu inverso, objetos de caráter ritual são motivos de exposições em museus; bem como, tranSES, danças, cantos e cultos possuem elevado grau de performatividade. Sob esta perspectiva dos estudos de performance, o sujeito está atravessado pelos modos de ser e estar no mundo do coletivo ao qual ele pertence ou pela tradição, sendo o jogo, o ritual, a dramatização e as ações cotidianas partes constituintes dos comportamentos marcados, emoldurados e restaurados a fim de contar uma narrativa ou perenizar a memória (LIGIÉRO, 2012; SCHECHNER, 2006).

A expressão artística do espiritismo através da performance não visaria somente entreter, como também exerceria as funções de marcar ou mudar identidade, ensinar ou persuadir, e de lidar com o sagrado ou espiritual. Tal finalidade dos comportamentos restaurados e encenados buscaria restaurar e recombinaer comportamentos de designação da tradição, transformação do indivíduo ou transmissão de uma concepção de mundo. Sob influência da ideia de progresso do Positivismo, a performance espírita defenderia a concepção de mundo espiritual constituinte do natural, renegando, portanto, a existência do sobrenatural.

Neste sentido, a partir da proposição kardecista de uma arte espírita, observamos uma tensão entre a expressão religiosa tradicional cristã em relação àquela que estava se fundando sob a égide de uma doutrina filosófica dotada de cientificismo para aferir a possibilidade de comunicação entre espíritos e humanos ou encarnados. De certa forma, é uma pretensão do espiritismo abarcar diversas esferas da vida social e cultural, tal como, de marcar posição racional em contrapartida ao materialismo. Desta maneira, a concepção de racionalidade moderna já dava indícios do seu caráter problemático e conflituoso naquele período.

Conforme assinala Anthony Giddens (1991), as consequências da modernidade se manifestam a partir de alguns vetores tais como a disjunção espaço-temporal intensificada com o desenvolvimento dos meios de comunicação e de transportes mais velozes, colocando em interconexão diferentes localidades, como também, o local e o global. A ordem capitalista, o industrialismo e o controle racionalizado da informação exercem significativa influência nas instituições modernas.

A atividade humana, por sua vez, é compreendida como socialmente construída e não como inerente à natureza divina, cujos imperativos morais e causas naturais ou do acaso têm primazia em detrimento das cosmologias religiosas. Embora já não se imponha completamente em todas as esferas sociais, a tradição religiosa ainda pode ser compreendida como um catalisador das sociedades modernas, cujo indivíduo busca construir para si suas próprias significações existenciais (HERVIEU-LÉGER, 2015).

Como parte constituinte do processo de racionalização, a vida moderna opera a partir da defesa pela especialização e reflexividade – isto é, das práticas sociais observadas e analisadas sob a sistematização e aplicação de conhecimento e informação que estão em constante revisão (GIDDENS, 1991) –, bem como, é constituída de esferas ou domínios em atrito e interferência concomitantemente. Tais como as seguintes dissociações: político e religioso; econômico e doméstico; arte, ciência, moral e cultura – constituindo-se como âmbitos distintos da manifestação criativa humana (HERVIEU-LÉGER, 2015). Com isso, o

processo de reflexividade interfere na construção subjetiva de visão de mundo e práticas com relação ao plano físico e espiritual ou sagrado:

A reflexividade, portanto, envolve a incorporação rotineira de novos conhecimentos e informações nos ambientes de ação que são assim reconstruídos e reorganizados. Um dos efeitos no plano das subjetividades, é a percepção crescente do caráter construído, relativista e provisório que os sistemas de referência subjetiva adquirem, levando o indivíduo a ter de decidir autonomamente sobre suas posturas e orientações práticas, existenciais e transcendentais. (D'ANDREA, 2000, p. 34)

Neste complexo entre a modernidade e suas consequências, podemos observar no contexto brasileiro a construção de representação da doutrina espírita sob diversas linguagens comunicativas: teatro, cinema, telenovelas e, mais recentemente, material audiovisual para plataformas digitais. Dentre elas, destacamos a peça “Morrendo e aprendendo”, da Companhia de Teatro Amigos da Luz, do Rio de Janeiro, uma comédia que aborda as relações entre orgulho e egoísmo, apego material as representações do umbral (plano espiritual de caráter intermediário, ocasionado pelos apegos materiais), que abordaremos no capítulo a seguir.

2 O ESPIRITISMO “CODIFICADO”: EM KARDEC, NOS PRODUTOS DA MÍDIA E NO TEATRO

Uma publicidade, numa larga escala, feita nos jornais mais divulgados, levaria ao mundo inteiro, e até aos lugares mais recuados, o conhecimento das ideias espíritas, faria nascer o desejo de aprofundá-lo, e, multiplicando os adeptos, impor o silêncio aos detratores que logo deveriam ceder diante do ascendente da opinião. (KARDEC, 2008a, p. 240).

A literatura acadêmica sobre o espiritismo realiza um interessante debate acerca das práticas, usos sociais e rituais da doutrina, bem como, reflete a respeito da postura do intelectual espírita, das estratégias de manutenção, do carisma do médium e da identidade dos adeptos. Contudo, nos atentamos para a seguinte lacuna: quando os usos dos meios de comunicação são abordados, geralmente, o caráter de fonte documental é mais enfatizado em detrimento da observação da mensagem correlacionada ao circuito comunicativo – isto é, de produção, transmissão, circulação e recepção. Consideramos que este ângulo de observação pode ser um elemento diferente para compreender a estruturação das práticas discursivas e performáticas da doutrina, visto que, desde a sua “codificação”, os meios de comunicação são recursos importantes para a difusão na sociedade. Inclusive, no curso da inserção do espiritismo no Brasil, observa-se a participação efetiva de jornalistas no seu interior, a começar pelo primeiro tradutor da doutrina espírita Luiz Olympio Telles de Menezes (1828 – 1893).

Certa naturalização das práticas comunicativas mediadas pode ser justificada devido ao fato de que elas são um processo de reelaboração simbólica da vida social, através do qual observamos o suprimento de necessidades comunicativas em um espaço e tempo cada vez mais amplo e comprimido por meio do desenvolvimento de tecnologias capazes de atingir este fim. Por outro lado, esse mesmo processo de reelaboração da vida simbólica contribui para registrar e preservar pensamentos e ideologias de sujeitos influentes do passado, tornando-se um importantíssimo aliado para a reconstrução de narrativas e, portanto, adquirindo maior ênfase enquanto fonte documental ou fato relativo à trajetória de um sujeito. Todavia, mesmo que o processo de intercâmbio de informação e símbolos seja inerente à espécie humana – desde pinturas rupestres à comunicação mediada por computador –, o desenvolvimento das instituições e tecnologias de comunicação influenciaram significativamente na maneira como o sujeito estrutura, circula e recebe formas de pensamentos e visões de mundo, a começar pela prensa gráfica de Gutenberg nos meados do

século XV. Com isso, tais instituições e tecnologias alargaram o espectro de produção, reprodução, mercantilização, disponibilidade e acesso da forma simbólica (THOMPSON 2014).

Inclusive, na iminência do desejo de fazer circular a *Revue Spirite* (Revista Espírita), encontramos em Obras Póstumas (2008a) o relato da consulta mediúnic de Allan Kardec a um espírito sobre a possibilidade de colocar em prática um jornal ou revista que abordasse o espiritismo. Preocupado com a concorrência, teria sentido necessidade de antecipar-se antes que outra pessoa colocasse em prática tal ideia. Logo, o espírito lhe teria feito o seguinte aconselhamento sobre a estruturação da mensagem: (1) satisfazer a curiosidade; (2) conseguir um ponto de equilíbrio entre o sério e o agradável para alcançar tanto intelectuais quanto um público mais amplo e simpatizante; (3) evitar monotonia e ter certa variedade. Com isso, podemos observar certa familiaridade com a construção da mensagem periódica, assim como encontramos mais à frente preocupações com possíveis interferências que um patrocinador poderia oferecer à liberdade textual, conforme Kardec relata:

Apressei-me em redigir o primeiro número, e fi-lo aparecer em janeiro de 1958, sem disso nada ter dito a ninguém. Não tinha um único assinante e nenhum sócio capitalista. Fi-lo pois, inteiramente aos meus riscos e perigos, e não ocorreu de me arrepender disso, porque o sucesso excedeu a minha expectativa. A partir de 1º de janeiro, os números se sucederam sem interrupção, e, como o Espírito previra esse jornal se me tornou um poderoso auxiliar. Reconheci mais tarde que estava feliz por não ter um sócio capitalista, porque estava mais livre, ao passo que um estranho teria podido querer me impor suas ideias e sua vontade, e entravar a minha caminhada; só, não tinha que dar contas a ninguém por pesada que fosse a minha tarefa como trabalho. (KARDEC, 2008^a, p. 206).

Desta maneira, o espiritismo formulado por Allan Kardec, na segunda metade do século XIX, está inserido num contexto cujas ideias estavam carregadas pela busca do imanente, pelo conhecimento da natureza e da sociedade através das ciências humanas e naturais, bem como, de um crescente processo de industrialização e urbanização. É ao longo do século XIX que o processo de comercialização e de inovações técnicas no âmbito da informação toma envergadura, no qual, cresce o processo de mercantilização e valorização econômica das formas simbólicas e informações. Os jornais, já menos opinativos que nos séculos XVII e XVIII, atingem um público mais heterogêneo, com “um estilo de jornalismo mais leve e mais vivo, como também uma apresentação mais forte para alargar o círculo de leitores” (THOMPSON, 2014, p. 111). O livro, por sua vez, era um veículo de difusão de visões de mundo e ideias estruturadas já bem conhecido desde meados do século XV. Então, a segunda metade do século XIX apresenta um dado importante: um aumento significativo nas

taxas de alfabetização, sendo muito favorável para a expansão e circulação dos impressos, visto que a transmissão de formas simbólicas estruturadas sob a forma escrita exige um processo de decodificação e interpretação da mensagem por parte dos receptores (THOMPSON, 2014).

Com isso, através de suas publicações sob o formato de livros – que se convencionou no espiritismo como “codificação” – e de revista, a *Revue Spirite* (1858 – 1859), Allan Kardec não somente buscou acompanhar a lógica de pensamento corrente à época como também se inseriu nas demandas comunicativas com fins de publicidade e circulação de ideias. Neste caso, a doutrina espírita está inserida no âmbito em que a publicidade da imprensa não implicava necessariamente um lugar comum do contexto de produção da mensagem e da conversação face a face, mas demandava cada vez mais o uso de meios de produção e transmissão das formas simbólicas e informações (THOMPSON, 2014).

A própria noção de “codificação” já nos aponta para o processo de construção da mensagem através da estruturação das normas e procedimentos formulados previamente por um sujeito, sendo necessário o processo de decodificação pelo receptor. Este último necessitaria de capacidade de interpretação e certa visão de mundo que pudesse atribuir significado à mensagem estruturada. Inclusive, embora seja reconhecido na “codificação” espírita que o espírito pode ter um intelecto diferente daquele vivido durante a encarnação, a intelectualização do sujeito é considerada um fator importante para estabelecer comunicações mais elaboradas entre o homem encarnado (médium) e o desencarnado (espírito)⁹.

Entretanto, embora a noção de codificação remeta à noção de estruturação de mensagens com regras e práticas que exigem um processo de transmissão e recepção e apropriação, devemos considerar que os enunciados contidos nessa literatura espírita não eram definitivos. Neste caso, o que deveriam ser compreendidos como indiscutíveis seriam os pressupostos acerca da existência de Deus e da condição imortal da alma (DAMÁZIO, 1994). A escolha do termo “codificação” na “teoria espírita” evidencia “o poder sobre um uso particular de categorias específicas de sinais – fato que possibilita pensar estratégias simbólicas de apresentação e de representação como parte fundamental da análise de conformação do espiritismo” (ARRIBAS, 2010, p. 47).

⁹ Vale ressaltar que é importante, mas não necessariamente imprescindível. No capítulo XIX de O livro dos Médiuns, lê-se: “A mediunidade propriamente dita independe da inteligência, bem como, das qualidades morais. Em falta de instrumento melhor, pode o Espírito servir-se daquele que tem à mão. Porém, é natural que, para as comunicações de certa ordem, prefira o médium que lhe ofereça menos obstáculos materiais” (KARDEC, 2007, p. 284).

No contexto brasileiro, a implantação das mensagens e práticas espíritas adquiriu, pelo menos, dois pontos de vista diferentes: de um lado, os mais cientificistas, de outro, os mais catolicizantes. Através dos quais, geraram-se debates e disputas no espiritismo ao longo de sua história no Brasil, mas também originaram diferentes interpretações acadêmicas, visto que o espiritismo do século XX buscou incorporar um cristianismo “renovado” e até mesmo uma ascética mais cristã, sendo Chico Xavier uma referência (LEWGOY, 2004; STOLL, 2003). Assim como Stoll (2002), podemos considerar esta configuração de “espiritismo à brasileira” como uma versão original daquela francesa, fruto do processo de apropriação e criatividade relativa a um contexto. Logo, as formas de conhecimento e as suposições relativas à cultura em que a mensagem é difundida são recursos necessários para o processo de estruturação e de compreensão da mensagem, pois, “o processo de compreensão é sempre uma ação recíproca entre as mensagens codificadas e os intérpretes situados, e estes sempre trazem uma grande quantidade de recursos culturais de apoio a esse processo” (THOMPSON, 2014, p.50).

Inclusive, dentro desse processo criativo de interpretação da doutrina, observamos a inserção do humor espírita atrelado à produção de bens simbólicos não somente nas mídias tradicionais, mas também na internet, nos centros e no teatro. Assim, pretendemos nesse capítulo refletir sobre os usos das tecnologias de comunicação e da performance teatral no espiritismo. Como encenação teatral a representa e pode ser uma aliada na compreensão moral? Como o riso aparece atrelado às questões de vida e morte? Analisaremos no item 2.3 a peça “Morrendo e aprendendo”, da Companhia Amigos da Luz, a fim de entender como a performance do teatro pode ser uma possibilidade de proselitismo religioso e representação do que é ser espírita.

2.1 Espiritismo e os usos das tecnologias de comunicação

Na edição de setembro de 2014 de *O Reformador*¹⁰, o artigo assinado por Mayara Paz, intitulado “Tecnologia, uma aliada na divulgação espírita”, dá origem ao tema da revista daquele mês e defende a tecnologia como uma aliada para a divulgação espírita tanto no cotidiano como nos centros espíritas. De acordo com esse editorial oficial da Federação Espírita Brasileira, os centros seriam potencializados com a mediação virtual visto que

¹⁰ *O Reformador* é uma revista da Federação Espírita Brasileira, publicada pela primeira vez em 1883 e circula até os dias atuais, em versão impressa e digital.

poderiam ser usados os recursos de cursos online, portais de informação e fóruns. Para tal, a ação de Kardec em publicar em jornais e revistas com finalidade de divulgação e a defesa de publicidade em larga escala contida no livro *Obras Póstumas* (citamos na epígrafe deste capítulo) fundamentam a argumentação do texto. Por sua vez, a própria divulgação da federação através do ambiente digital é utilizada como exemplo para que dirigentes revejam as resistências quanto à “inovação e renovação”. Então, a seguinte questão central norteia esse artigo de *O Reformador*:

Se os meios tradicionais de divulgação como livros, jornais, revistas, televisão, rádio, cinema são grandes impulsionadores das palavras e práticas espíritas, refletindo o pensamento de Kardec, por que não otimizarmos esta ação com uso dos novos veículos de comunicação oferecidos pela tecnologia? (O REFORMADOR, setembro de 2014, p. 40).

Nas redes sociais virtuais, a *Rede Amigo Espírita*¹¹ é apresentada como “uma comunidade Cristã Espírita” que só permite a discussão da doutrina dos espíritos “codificada” por Kardec. De acordo com a plataforma, o objetivo é estudar e divulgar a doutrina. Logo, ela possui as seguintes sessões: fórum, bate-papo, vídeos, artigos, grupos de discussão, fotografias, blogs, vídeos (a partir de canais da rede no YouTube) e espaço para eventos. Segundo as diretrizes, é preciso fazer um cadastro para ter acesso e ser maior de 13 anos.

Acerca dos usos das redes sociais virtuais pelos espíritas, Calil (2008) observa que o “mundo espírita virtual” oferece uma característica diferenciada para a doutrina: ao mesmo tempo em que permite a manutenção da doutrina, a comunicação dos encarnados com espíritos (sem presença carnal / material) é mimetizada na comunicação entre seres humanos sem simultaneidade espaço-temporal. Então, ele defende a concepção de que o uso do ambiente virtual pelos espíritas é tanto uma construção de novos tipos de sociabilidade quanto inerente ao processo de apropriação deste ambiente pelas camadas médias urbanas.

Todavia, se no contemporâneo os produtos da mídia são impulsionadores importantes para a doutrina, nem sempre foi assim, pois, na década em que o espiritismo é inserido no Brasil (1860), ele encontrou espaço na classe de jornalistas / escritores com certa ambiguidade: uma parte até foi responsável pela difusão e consolidação da doutrina; outra, carregada de desafeto, utilizava o jornal com fins de oposição a ela (LEAL, 2007). Trata-se do momento em que muitos escritores renomados também exerciam a função de jornalista, isto é, um “jornalismo literário” e opinativo com nomes como Machado de Assis, José de Alencar,

¹¹ Criada em 2009 por José Aparecido dos Santos, possui o slogan: “Divulgando, instruindo e unificando”. Disponível em: <<http://www.redeamigoespirita.com.br/>>. Acesso em: 04 dez. 2018.

os quais, por sinal, fizeram oposição à doutrina. Com isso, segundo Ubiratan Machado (1996), logo que se inseriu no território brasileiro, a doutrina espírita não possuía unidade entre os estados, sendo a Bahia e o Rio de Janeiro territórios que estabeleciam uma melhor comunicação, aliás, através de correspondências trocadas entre Luís Olympio Telles de Menezes e Casimir Lieutaud. Além disso, os jornais fluminenses recebiam constantes contribuições de Telles de Menezes sobre a doutrina espírita. Àquela época, presenciavam-se narrativas de ataques e contra-ataques à doutrina por parte da imprensa “profana” favorável e da espírita em contraposição à imprensa de oposição (católica ou com jornalistas / escritores incrédulos).

Um caso desse é narrado por Ubiratan Machado: Antônio da Silva Neto, jornalista, presidente da Sociedade de Estudos Espíritas Confúcio (esta que mais tarde dará origem à Federação Espírita Brasileira), decide fundar uma *Revista Espírita* com propósito de preservar a pureza doutrinária. Tal empreendimento só perdurou por seis edições, porém, já no primeiro número, Antônio da Silva Neto reagiu às provocações de um folhetinista no *Jornal do Commercio* que comparavam o “elevado estudo da ciência espírita” com os feitiços do “Juca Rosa”¹². Entretanto, é importante salientar, tal como Ubiratan Machado, que Juca Rosa era um homem negro, cujas práticas espirituais eram sincretizadas entre o culto de origem africana (adjetivadas pelo autor como magia ou feitiçaria) com o espiritismo. Isto é, tal distinção não somente aponta para a defesa da “pureza” kardecista, mas também para situar a doutrina do outro como inferior e menos elevada.

Vários são os relatos de oposição entre o que se convencionou chamar de “alto espiritismo”, relativo às elites, “baixo espiritismo”, das camadas populares¹³, e Igreja Católica

¹² José Sebastião Rosa, ou Juca Rosa, era conhecido como feiticeiro na corte do Rio de Janeiro, em meados do século XIX, onde atuava na Rua do Núncio. Filho de africana, seu nome era citado em diferentes jornais da época, como “*A Reforma: Órgão Democrático*”, “*A Vida Fluminense*”, “*Diário do Rio de Janeiro*”, e outros, como influente no meio político e do comércio com práticas de cura e magia. Foi preso e julgado por prática de feitiçaria no ano de 1871, sendo, então, considerado como criminoso contra a sociedade por extorsão de dinheiro, ataque à honra e à fé. Conforme Gabriela Sampaio, Juca “cultuava santos católicos, e antepassados ligados à cultura banto, de Angola e Congo. Especializou-se na feitura de breves e amarrações, já era muito procurado para a realização desses serviços, devido às características da maioria de sua clientela. Fazia também batizados e casamentos, conduzia esses ritos católicos de sua própria maneira. Como alguns sacerdotes africanos, tinha várias mulheres, e rendia homenagens a entidade mais ligada ao sexo e a virilidade. Além disso tudo, realizava também práticas de cura, cumprindo o papel de curandeiro, ou médico do corpo” (SAMPAIO, 2000, p. 237).

¹³ Estas classificações são associações entre camadas do estrato social e as práticas religiosas, observadas por Roger Bastide em 1967, onde notou-se alguns tipos de espiritismo: o da mentalidade intelectualizada e o religioso, composto pelas classes médias e altas; o espiritismo de umbanda, das classes mais baixas. (GIUMBELLI, 1997). Portanto, tais categorias foram utilizadas por religiosos a fim de legitimar-se ou rebaixar as práticas do outro, visto que classes mais baixas utilizavam o termo espiritismo para designar a prática sincretizada com rituais de matrizes africanas, principalmente, a umbanda.

na imprensa periódica¹⁴, principalmente, sob a acusação de “curandeirismo” e exploração da credibilidade alheia. Giumbelli (1997) observa que as posições católicas se repetem sob a acusação de fraude, manipulação, ilusão com apelo ao sobrenatural, bem como, danos à saúde mental. O jornal católico *O Apóstolo* teria sido um dos principais jornais a combater o espiritismo no final do século XIX, enfrentando grandes embates com o jornal espírita *O Reformador*. Na imprensa “profana”, a sessão “Microcosmo” de *O País* e o *Jornal do Commercio* era também uma frente católica de oposição.

Notícias e artigos veiculados pelos grandes jornais o ‘espiritismo’ aparece sempre associado ao curandeirismo. E, nesse contexto, os ‘espíritas’ eram tratados como ‘especuladores’ à frente da indústria ‘lucrativa’ sustentada pela ‘ignorância/credulidade’ da população. (GIUMBELLI, 1997, p. 89).

Avançando um pouco mais no tempo, o fenômeno espírita ou espiritualista forma o seu público, logo, observa-se programas radialistas como, por exemplo, “No Limiar do Amanhã” (1971 – 1973), apresentado pelo jornalista espírita Herculano Pires, na *Rádio Mulher* (SP), bem como, a doutrina vê-se apresentada através da telenovela. Podemos citar o caso da telenovela “A Viagem”, que alcançou relativo sucesso de público e teve repercussão e discussões de caráter religioso em jornais revistas, em 1994. Transmitida primeiramente na TV Tupi (1975 – 1976) e depois, na versão da Rede Globo (1994), a telenovela “A Viagem”, de Ivani Ribeiro, tratava em sua trama principal da temática espírita como também possuía personagens seguidores da doutrina, sendo que o personagem suicida remeteu a muitos ao livro de Chico Xavier, chamado *Nosso Lar*. Para tal empreendimento, a autora fora assessorada sobre a doutrina pelo jornalista José Herculano Pires, influente tanto na imprensa paulista quanto no espiritismo. Relata Rizzini (2000), biógrafo de Herculano:

Herculano Pires, à medida em que a consagrada telenovelistas lhe entregava os capítulos de “A Viagem” procedia à leitura, buscando trechos de diálogos ou cenas incompatíveis com a verdade espírita. Em carta datada de 04 de janeiro de 1976 ele a informa que “modificou bastante o diálogo das personagens Alberto e Alexandre por necessidade de adaptá-lo às exigências da doutrinação espírita, que é sempre persuasiva, objetivando persuadir o espírito obsessivo ao invés de contrariá-lo ou ofendê-lo. Ao contrário do que se passa no exorcismo (advertiu Herculano Pires), na doutrina espírita a entidade agressiva não é tratada como demônio, mas criatura humana sofredora, doente que precisa de cura”. (RIZZINI, 2000, p. 231)

Assim, dentre as repercussões na segunda versão, de acordo com Giumbelli (1997), um arcebispo do Rio de Janeiro queixou-se do sincretismo religioso de alguns frequentadores

¹⁴ GIUMBELLI, 1997, p. 83-90.

da Igreja, que frequentavam umbanda ou kardecismo ou candomblé. Então, o arcebispo teria alertado aos cristãos sobre os perigos das práticas espirituais e da possível ligação com satanismo, falsa caridade, “macumba” e manobras fraudulentas. Neste contexto, a história do espiritismo está atravessada pela relação ambígua e conflituosa com o catolicismo, na qual o espiritismo veio para o Brasil com um caráter anticlerical e depois se apresentou como um cristianismo renovado. Embora o sacerdote tenha considerado umbanda, candomblé e kardecismo dentro de uma mesma perspectiva, como se fossem a mesma coisa por se tratarem de religiosidades que lidam com espíritos, é preciso levarmos em consideração que o campo religioso envolve disputas e até mesmo considerações que dizem respeito à classificação do espiritismo como mais puro e o candomblé como mais baixo, relativo a feitiçaria e inferior.

Com base em Bourdieu (2015), podemos observar que, tanto no caso católico quanto no caso das distinções entre as diferentes manifestações que lidam com os espíritos, trata-se das funções de associação e dissociação ou distinção, que ocorre em todo sistema simbólico e na religião, que classificam determinados sistemas de práticas e crenças como magia ou feitiçaria, classificando-os como religião inferior. Nesse jogo de forças simbólicas, para que uma religião seja considerada com “superior” será preciso considerar a posição que ela ocupa na estrutura. Ou seja, precisa ser, ou buscar ser, dominante no sistema de práticas e crenças na formação social, o que envolverá o jogo com os diferentes poderes, inclusive, o simbólico:

Toda prática ou crença dominada está fadada a aparecer como profanadora na medida em que, por sua própria existência e na ausência de qualquer intenção de profanação, constitui uma contestação objetiva do monopólio da gestão do sagrado e, portanto, da legitimidade, dos detentores deste monopólio. Na verdade, a sobrevivência constitui sempre uma resistência, isto é, a expressão da recusa em deixar-se desapropriar dos instrumentos de produção religiosos. (BOURDIEU, 2015, p. 46).

Portanto, o conteúdo doutrinário midiaticizado pode ser um importante recurso para a divulgação da doutrina, por outro lado, muitas vezes o processo de mercantilização – através de filmes, livros, telenovelas e outros – atua em cumplicidade com a divulgação, cuja fruição de tais produtos se torna também desejo de consumo para além do alcance de um público amplo, bem como, lida com o repertório do senso comum, preconceitos e exclusão do outro. À vista disso, como bem situa Martin-Barbero (2013), é preciso atentar-se que conceber as tecnologias somente como “grandes mediadoras” entre pessoas e o mundo pode mascarar o fato de que a mediação mais intensa é a da “sociedade de mercado”, que opera com lógicas de valor e troca intensas, com tendências à obsolescência. Então, a mediação pode significar

“novas maneiras de estar juntos” no campo da comunicação e da cultura, todavia, a construção de vínculos e sentimentos de pertença a um grupo ou comunidade depende dos sujeitos / atores sociais, visto que eles são geradores de sentido e capazes de sedimentar as tradições.

Ademais, sob o contexto das sociedades ocidentais, observou-se que o processo de visibilidade projetado a partir do impresso já não requeria necessariamente a presença de indivíduos em um contexto face a face e, com o advento da televisão, a noção de visibilidade aproxima-se da experiência de co-presença. Porém, no caso da TV, os indivíduos estão situados em número maior e presenciam os eventos em contextos dispersos no espaço e no tempo; fenômenos de contextos distantes e variados podem ser observados sob um ângulo selecionado pelo produtor da mensagem; produtores e receptores não estão no mesmo campo de visão, tal como ocorreria nas interações face a face tradicionais.

No contemporâneo, percebe-se um crescente processo de integração entre meios de comunicação tradicionais, computadores e redes digitais. Ou seja, um processo dinâmico de convergência entre meios que se interseccionam e criam novos significados. Os sujeitos se relacionam a fim de compartilhar referências em comum, bem como, tornam-se partes integrantes do processo de produção comunicativa. (MARTINO, 2014) Criadores de conteúdo e audiência interagem e deixam rastros em plataformas de circulação e armazenamento de mensagens ou formas simbólicas, porém, muito mais que um processo de difusão e visibilidade visto anteriormente com o impresso e com a televisão, tem-se acompanhado um processo contínuo de participação de retroalimentação cultural, cujo próprio YouTube pode ser compreendido como uma dessas ferramentas usadas socialmente (BURGESS e GREEN, 2009).

Além dos usos dos meios de comunicação como ferramentas importantes, o teatro e o humor se tornaram recursos auxiliares na pedagogia espírita de alguns atores sociais. Atentando-se a isto, percebemos que a mídia e o teatro podem realizar uma simbiose, cujos analistas de mídia podem realizar um paralelo com as relações estabelecidas nas dinâmicas teatrais do passado em que a comunicação estimulava a visualidade e a audição a partir de mensagens verbais e não verbais (BRIGGS e BURKE, 2016)¹⁵. De acordo com a tese materialista dialética de Guy Debord (1997), esta dinâmica no âmbito da sociedade do século XX pode ser denominada de “sociedade do espetáculo”, na qual, a experiência vivida é

¹⁵ Conforme Briggs e Burke, rituais, espetáculos, montagens e teatro amador, peças etc. também eram no passado tanto maneiras de comunicar uma informação quanto a própria mensagem.

representação, cujas imagens mediam as relações sociais entre as pessoas, e a comunicação de massa é apenas uma parte superficial da sociedade espetacular. Porém, de acordo com essa perspectiva, o espectador desse grande espetáculo não se sente integrante da unidade do mundo:

Quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo. Em relação ao homem que age, a exterioridade do espetáculo aparece no fato de seus próprios gestos já não serem seus, mas de um outro que os representa por ele. É por isso que o espectador não se sente em casa em lugar nenhum, pois o espetáculo está em toda parte. (DEBORD, 1997, p. 24).

Entretanto, a representação do “eu” e a sensação de espetáculo / encenação por toda parte pode também ser compreendida sob a perspectiva dramaturgic de Goffman. Diferentemente de Debord, que considera o espetáculo externo ao indivíduo e orquestrado por agentes que controlam a mídia, Goffman (1985) observa a encenação na vida cotidiana considerando que as ações humanas são problemas dramaturgicos ligados a representações de práticas e ações sociais de um sujeito diante dos outros, cujas impressões e expressividades dele interferem na forma como os outros lhe compreendem. Assim, a representação é compreendida como toda atividade realizada por um indivíduo em relação a observadores, dentro de um contexto espaço-temporal específico e “caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observados e que tem sobre estes alguma influência” (GOFFMAN, 1985, p. 29).

Com isso, o sujeito não é apenas o espectador de um espetáculo orquestrado por um circuito ou pela classe dominante, ele também constrói repertórios e significados conforme o grupo em que está inserido. Como também, aprende formas de estar no mundo através da duplicação de comportamentos previamente exercidos e observados. Similar à vida cotidiana, o teatro busca ser persuasivo com os acontecimentos que simulam a realidade através da presença carnal do ator (PRADO, 2014). No caso do teatro espírita, a performance parece trazer visibilidade dos atos do sujeito, marca os trejeitos e traz materialidade ao conteúdo moral da doutrina. Dentre os nomes mais expressivos do século passado, o espiritismo contou com o trabalho de Leopoldo Machado¹⁶ e Carlos Imbassahy¹⁷. Este último fundou um teatro

¹⁶ É importante atentar-se que a figura de Leopoldo Machado é representada por seus grandes feitos no espiritismo. Inclusive, Lucena e Godoy publicaram um livro sobre as personagens espíritas brasileiras e estrangeiras pela Federação Espírita do Estado de São Paulo (1982), cujo propósito era exaltar os feitos e trabalhos dedicados por homens e mulheres no Movimento Espírita, e Leopoldo é um dos homens biografados. De acordo com esses autores, Leopoldo nasceu na Bahia em 1891 e convertera-se ao espiritismo por volta de 1915, ainda no estado de origem. Casou-se em 1927 e, dois anos depois, viera com a esposa para Nova Iguaçu, Rio de Janeiro. Ambos eram espíritas e, neste período, fundaram o Centro Espírita Fé,

espírita junto com a esposa e realizou estudos doutrinários com “assuntos leves e jocosos (o que lhe rendeu inimizades de líderes austeros)” (ARRIBAS, 2014, p. 59). Desta forma, nas Semanas Espíritas¹⁸, organizadas por ele e Leopoldo Machado, desenvolvera uma peça de comédia, “Firma Roscof e Cia.”, a fim de aproximar os jovens espíritas do trabalho artístico.

Por sua vez, no contemporâneo, outros seguidores da doutrina têm se inspirado nesses trabalhos e prosseguindo com o humor espírita: a Companhia Amigos da Luz no teatro e no audiovisual compartilhado na internet, utilizando a narrativa de Leopoldo Machado como figura inspiradora da trajetória do grupo, bem como, para demarcar precedentes do uso do gênero humorístico no espiritismo. Assim, refletiremos a seguir sobre a negociação entre a trajetória individual e a coletividade, na qual, Leopoldo Machado é uma personagem importante para os Amigos da Luz.

2.2 Companhia Amigos da Luz: negociações na trajetória individual e coletividade na construção de representação

A Companhia de Teatro Amigos da Luz é formada por um grupo de atores da Baixada Fluminense e foi criada em 2007. Dentre os integrantes, sete são espíritas (seguidores da doutrina de Kardec) e duas são espiritualistas. Na transmissão ao vivo do YouTube intitulada “*Live Especial de Fim de ano*”, de 27 de dezembro de 2016, o grupo explicou como tomou conhecimento da doutrina: Fábio de Luca, espírita, se interessou pelo “Livro dos Espíritos” na fase em que estava interessado por livros de terror, por volta dos dezessete anos, uma amiga tinha os livros em casa e o emprestou; Loeni, não se considera espírita e tende mais para o

Esperança e Caridade, o Albergue Noturno Allan Kardec, e um orfanato para meninas órfãs e abandonadas chamado Lar Jesus. A biografia de Leopoldo também conta com o fato de que ele se tornara educador em Nova Iguaçu, local onde fundou o Colégio Leopoldo, instituição privada de classe média, ainda existente na atualidade. Ademais, além do projeto de caridade espírita, ele se tornou conhecido pelo seu engajamento com as mocidades espíritas, cujo incentivo teria formado líderes no movimento, bem como, auxiliado no proselitismo e aderência de outros jovens.

¹⁷ Carlos Imbassahy, natural do estado da Bahia, foi promotor público concursado neste estado. Mais tarde, torna-se funcionário público na função de estatístico do Ministério da Fazenda, no Rio de Janeiro. Instalando-se, então, no município de Niterói. Além disso, acumulara as funções de jornalista dos jornais diários e de escritor, tendo publicado livros espíritas, em sua maioria.

¹⁸ As Semanas Espíritas duravam uma semana com o propósito de agregar espíritas para abordar a doutrina a partir de peças de teatro, literatura e música. A primeira Semana Espírita acontecera em 1939, em Três Rios, já a segunda, idealizada por Leopoldo Machado, ocorrera em 1944 nos seguintes locais: no estado do Rio de Janeiro, em Barra do Pirai, Macaé e Nova Iguaçu; São Paulo, em Cruzeiro; Minas Gerais, em Juiz de Fora e Astolfo Dutra (ARRIBAS, 2014).

espiritualismo, porém, acredita em reencarnação, na doutrina e o avô paterno era espírita; Carla, espírita, teve contato com a doutrina através dos pais, por volta dos onze anos de idade, quando os pais se aproximaram da doutrina após a avó paterna ter adoecido. Alex, de família católica, aderiu ao espiritismo após uma busca espiritual; Sônia tinha uma tia do candomblé que a emprestou um livro de cartas psicografadas de Chico Xavier, cuja narração de um espírito ter sentido o afeto de uma rosa deixada no túmulo por familiares a impactou positivamente, porém, ela se considera espiritualista e acredita em Iemanjá, na religiosidade e na umbanda; por sua vez, Everton, que faz participações eventuais no grupo, tornou-se espírita após trabalhar em um grupo de teatro de um centro espírita. Já Sidney, foi da umbanda entre os 23 e 24 anos e, por volta dos 26, segundo ele, apaixonou-se pelo espiritismo.

De um lado, observamos um trânsito religioso, de outro, uma identificação com a doutrina. De outro, a citação ao caso de Chico Xavier nos chama atenção para a importância da dele não somente para o espiritismo, mas também para o espiritualismo. Isto porque a biografia de Xavier expressa uma vida marcada pelo ideal de santidade, de renúncia ao sexo, casamento e aos bens materiais, de provas e penitências (STOLL, 2002), por outro ângulo, seu vasto acervo de publicações bibliográficas oferece o imaginário espírita para o público leitor:

[...] seu caráter de intercessor privilegiado com o plano espiritual, especialmente no domínio das letras, liga-se à formação de um cânone ritual, literário, narrativo e mítico para o espiritismo brasileiro. Este assume uma feição literária e nacional tanto pelo *Parnaso de Além-Túmulo* quanto por *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*, e um decidido caráter cristão nos romances de Emmanuel *Há 2000 anos*, *Cinquenta anos depois* e *Paulo e Estevão*. Mas é com a série André Luiz, iniciada em *Nosso Lar*, que Chico consolida uma proposta que une diferentes esferas, a religiosa e nacional, em livros cujo cenário privilegiado é o chamado “plano espiritual”. (LEWGOY, 2000, p. 211).

A produção teatral do grupo aborda o espiritismo utilizando o gênero humorístico e ressignifica, conforme suas apropriações, os discursos que geralmente são utilizados pelo senso comum para ridicularizar as religiões que lidam com espíritos. Produzem, assim, uma linguagem que busca se aproximar dos jovens, dos simpatizantes e dos membros da doutrina. Foi com o canal criado na plataforma digital YouTube, em 2015, que o grupo entrou em maior evidência, o qual fora denominado de “Canal Amigos da Luz”, onde contam com cerca de 252.069¹⁹ mil inscritos de diversas partes do país, possibilitando distintas formas de interações com uma gama variada de identidades e identificações simbólicas.

¹⁹ Os números podem sofrer variações conforme o tempo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/CiaAmigosDaLuz/about>>. Acesso em: 13 out. 2018.

Isto porque o ciberespaço permite que qualquer consumidor-receptor tenha o potencial de produzir e recriar as mensagens para pessoas com interesses em comum (MARTINO, 2014). Há aqueles que recriam e replicam os produtos comunicacionais da mídia tradicional, outros, como os Amigos da Luz, que são produtores da mensagem e utilizam a plataforma do YouTube como uma maneira de alcançar receptores (neste caso, a plateia do teatro em potencial). À vista disso, o YouTube comporta várias tendências estéticas:

Os vídeos populares do YouTube são contribuições de uma diversidade de profissionais, semiprofissionais, amadores e participantes pró-amadores, alguns dos quais produzem conteúdo que não se adequa confortavelmente às categorias disponíveis -sejam de mídia “tradicional” ou de formas vernáculas geralmente associadas ao conceito de conteúdo “amador”. (BURGESS; GREEN, 2009, p. 80-81).

Todos os integrantes do grupo já trabalhavam com teatro antes de se reunirem para formar a companhia e depois o canal. Neste sentido, a formação técnica e a formação doutrinária são combinadas no processo de construção de representação, exercendo influência sobre o processo criativo, visto que uma parte possui curso técnico em teatro, outra, ensino superior em artes cênicas e em cinema. De acordo com Fábio de Luca, responsável pelo roteiro, direção e atuação, a formação de ator propiciou o desejo de propagar o espiritismo através da performance dramaturgica, pois é na encenação que ele se expressa melhor, em vez de palestras ou escrita em blogs. Então, Fábio nos relata:

Fábio: Não foi muito escolhido. A gente já era ator. Tínhamos uma companhia de teatro e a gente queria falar de espiritismo porque era uma coisa que eu estava apaixonado, na época. Estou um pouco hoje ainda. Mas, já viu, você fica apaixonado e depois vira aquele amor mais sereno. Na época, a gente estava falando só disso, era uma coisa que a gente estava muito dentro disso. E aí, como a gente se expressa naturalmente pelo teatro, era uma coisa... Também tem isso. Teatro, não sei se é papo de ator, mas é uma coisa que não é uma escolha muito, não. Tem isso de você... [gesticula no sentido de externalização]. Arte, de maneira, geral, né. Eu poderia ter feito um blog, poderia, mas eu nunca pensei nisso porque o primeiro pensamento que vem num ator é montar uma peça sobre isso. [Sidney concorda.] Nessa época, não vídeo, porque eu não tinha esse acesso, mas montar uma peça. E já tinha um conhecimento sobre arte. Ainda não tinha concluído a faculdade, mas já tinha o conhecimento e a experiência trabalhando com isso. Principalmente com o humor, que é a nossa maior...

Sidney: Característica.

Fábio: E a gente só teve no início o medo de como juntar isso, né. Porque, no geral, peças espíritas são adaptações de livros, romances e tal, a maior parte delas. E não dá para pegar Nosso Lar e fazer uma sátira, fazer uma comédia. Ia parecer um deboche. (Informação verbal.)²⁰

²⁰ LUCA, Fábio de; GRILLO, Sidney. Entrevista Companhia Amigos da Luz – Sidney Grillo e Fábio de Luca. [jul. 2018] Entrevistadora: Grazylle Fonseca. Rio de Janeiro, 2018. 1 arquivo .mp3 (47:30).

Sidney, ator da companhia e do canal, concorda e diz que se sentiria fora da zona de conforto se estivesse apresentando uma palestra. Com isso, o humor aparece como a maior característica do grupo, bem como, o teatro se torna uma expressão inerente à forma como eles se expressam no mundo. A vocação profissional está atrelada à expressão religiosa, ao mesmo tempo em que o grupo se instala em um nicho específico de expressão performática. Para o espiritismo, a vocação está atrelada à escolha das provas do espírito durante a encarnação e ao progresso referente à existência anterior, sendo que as aptidões de cada indivíduo são variadas “a fim de que cada um possa concorrer aos objetivos da Providência no limite do desenvolvimento de suas forças físicas e intelectuais: o que um não faz, o outro faz” (KARDEC, 2009b, p. 253).

Isto posto, os entrevistados da Companhia Amigos da Luz demarcam muito bem a maneira como eles conseguem se expressar no mundo e com seus pares: são atores profissionais que abordam a doutrina através da performance humorística. Embora o humor tenha sido o principal gênero de trabalho desde o início, houve receio com relação à recepção no âmbito espírita, porém, a profissão de ator também forma a identidade desses sujeitos espíritas. De certa forma, aproxima-se da ideia de vocação protestante exposta por Weber (2013), na qual, o cumprimento dos afazeres mundanos é valorizado enquanto uma forma elevada de conduta moral do indivíduo, cujas tarefas possuem significado religioso. Por outro lado, diverge desta concepção tradicionalista cujo homem deveria aceitar a vocação designada por Deus e adaptar-se (WEBER, 2013), pois, conforme “O Livro dos Espíritos”, a missão predestinada poderia se tornar vaga após o nascimento, sendo “desenhada” somente ao longo da trajetória do sujeito. Um ponto em comum em ambas as noções de vocação é que, também para a “codificação” de Kardec, Deus impele os sujeitos “no caminho onde devem cumprir seus desígnios” (KARDEC, 2009b, p. 193).

Segundo Fábio de Luca, o grupo sente uma inspiração coletiva, na qual os amigos espirituais impulsionariam e inspirariam o processo executivo do trabalho de construção de roteiros, peças e vídeos. Ele relata:

O que a gente percebe muito, não só na ideia dos roteiros, mas em qualquer etapa da produção dos vídeos e das peças, uma influência espiritual forte. Nenhum de nós é médium psicógrafo, de ver e tal, mas a gente sente, às vezes, uma... É difícil explicar, mas uma inspiração coletiva, um negócio que nos impulsiona, que não tem muita explicação e que a gente é muito grato mesmo porque é o que leva o trabalho. (Informação verbal.)²¹

²¹ LUCA, Fábio de Entrevista Companhia Amigos da Luz – Sidney Grillo e Fábio de Luca. [jul. 2018] Entrevistadora: Grazyelle Fonseca. Rio de Janeiro, 2018. 1 arquivo .mp3 (47:30).

Isto é, a ação de produção da mensagem, de acordo com o relato do diretor, é compatível com o preceito da “codificação espírita” acerca das missões e ocupações dos espíritos, pois ele coloca o sujeito enquanto instrumento dos espíritos para a execução das tarefas mundanas. “Por exemplo, um Espírito julga que seria bom escrever um livro que ele mesmo faria se estivesse encarnado; ele toma o escritor mais apto a compreender seu pensamento e executá-lo, e lhe dá a ideia e o dirige na execução” (KARDEC, 2009b, p. 193). Assim, segundo esse preceito, isso também ocorreria na arte ou na descoberta.

Em alguns momentos, observamos que o grupo brinca com algumas características que teriam sentido negativo, mas que são apropriados como uma conotação positiva de um sujeito em aprendizado no mundo: tal como espíritos zombeteiros e preguiçosos. Na transmissão ao vivo de 26 de outubro de 2016, sobre a ordem dos espíritos imperfeitos, Fábio de Luca e Sidney Grillo conversam sobre as questões 100 a 106 do “Livro dos Espíritos” e de Luca comenta que a nona classe é composta por espíritos levianos, que são zombeteiros, travessos e alegres. Para ele, esta classe possui certa similaridade ao trabalho dos Amigos da Luz, visto que eles também se comunicam de maneira jocosa, espirituosa, exploram as falhas das pessoas e o ridículo.

Assim, segundo ele, talvez eles seriam compostos a partir da criação de uma classe de espíritos levianos, mas em transição, pois buscariam se aprofundar na doutrina. Inclusive, o auxílio espiritual também viria como forma de impulsionar o trabalho do grupo enquanto espíritos imperfeitos, visto que seriam preguiçosos conforme nos relataram em entrevista: “A gente é muito preguiçoso, a gente não quer fazer nada e tal. Aí, vem uma coisa que a gente acredita que é o plano espiritual, são os amigos que estão: “Vamos embora, gente! Vamos trabalhar! Como é que é?”. A brincadeira com as próprias imperfeições traz o riso como denúncia do próprio desvio, da falha humana.

Um dado importante é que o grupo recusa o pioneirismo no trabalho do humor na religião, visto que personagens importantes do movimento espírita como Divaldo, Chico Xavier são carregados de senso de humor alegre e Leopoldo Machado atuara muito no teatro humorístico para a mocidade espírita. Portanto, isso diz respeito ao reconhecimento da inserção do grupo em um *habitus* já socialmente constituído, sem o qual não seria possível o uso da ideologia religiosa espírita e as experimentações discursivas e estéticas. Assim, o *habitus*, enquanto gerador e unificador do conjunto de práticas e ideologias dos grupos que atuam e são reconhecidos em determinada coletividade (BOURDIEU, 2015), permite que as ideologias possam ser atualizadas ou ressignificadas de acordo com a posição na classe da estrutura dominante e da trajetória intelectual do grupo nessa classe.

Segundo os entrevistados, as adaptações teatrais mais comuns são de romances espíritas, sendo que, quando o grupo começou, humor e espiritismo ainda não era uma combinação muito difundida. Eles relataram que o ator Renato Prieto já fazia peça de humor espírita e adaptações de romances, porém, o grupo ainda não havia tomado conhecimento na época em que montaram o primeiro espetáculo. À vista dessa informação, pesquisamos que Prieto atuou na peça “Quem é morto sempre aparece”, com roteiro e direção de Cyrano Rosalém. Em cartaz no ano de 2006, a arte gráfica de divulgação demarca o título de primeira peça de humor espírita, na qual, a morte é idealizada a partir do humor e do amor, sem culpa. Portanto, conforme a sinopse disponível no site do ator, o espetáculo de humor é uma forma de combinar informação e entretenimento, “diversão garantida dentro do pensamento espírita”. Ademais, como forma de aval espírita, o texto assinado por Prieto afirma que Chico Xavier teria dito a ele e a outros artistas profissionais: “sugiro a vocês que se juntem para fazer um espetáculo com temática espírita!”.²²

Todavia, como vimos no item 2.1, o teatro espírita não é uma novidade recente: Leopoldo Machado e Carlos Imbassahy combinaram esse gênero para atrair as “mocidades espíritas”. Sendo Leopoldo Machado uma grande influência para a trajetória dos Amigos da Luz. Inclusive, uma entrevista do dia 28 de maio de 2017, chamou-nos atenção porque questionava a influência do percurso do diretor do grupo, Fábio de Luca, e também esse percurso estava atravessado pelo contexto institucional escolar que carrega o nome de Leopoldo Machado, uma figura considerada importante para o movimento da juventude espírita do Rio de Janeiro. A própria participação do ator na Confraternização das Mocidades Espíritas do Rio de Janeiro (COMEERJ), que é voltada para jovens atuantes nos centros espíritas cuja atividade, volta-se para o estudo da doutrina e o retiro espiritual durante o período de carnaval, forma a construção de identificação e formação dele enquanto sujeito espírita. Vejamos a seguir:

Thiago Brito: Eu estava vindo para cá e estava lembrando, cara, das coisas em comum que a gente tem. Rapaz, a gente é de Nova Iguaçu.

Fábio de Luca: Somos. Somos de Nova Iguaçu, essa terra incrível, que frutifica tanta coisa legal no Movimento Espírita. Muitas casas importantes, personalidades importantes e a gente não pode deixar de citar uma, em especial, nosso *teacher*, nosso professor Leopoldo Machado [Patrono da Juventude Espírita]. Leozinho para os íntimos.

Thiago Brito: Rapaz, Leopoldo... Vem cá, Fábio, você, no Movimento espírita, trazendo tanta inovação, saindo da zona de conforto para vir para a zona de conflito porque veio para quebrar tabu, qual a influência dessa entidade, desse irmão Leopoldo Machado nesse trabalho?

²² Disponível em: <<http://www.renatoprieto.com.br/>>. Acesso em: 13 out. 2018.

Fábio: Nossa Senhora... Total. Total. Porque eu estudei no colégio Leopoldo, lá em Nova Iguaçu.

Thiago Brito: Ah, você estudou lá?

Fábio: Sim, você também, pô, está maluco? [risos] Embora eu não tenha estudado lá enquanto ele esteve encarnado, já não estava mais há muito tempo entre nós aqui, na carne, no mundo físico, o colégio ainda tinha ainda alguma coisa da energia dele. Eu acho que ali era um ambiente muito propício à criação. Lembra que a gente fazia umas semanas de arte, sabe? Nada a ver com o espiritismo naquela época, mas, assim, puramente artística a parada.

Thiago: A gente tinha a liberdade de usar o auditório, apresentar, né.

Fábio: Exato, exato. E eu não sei se isso parte dele. Eu acredito que sim porque sempre foi um cara muito ligado à cultura, muito à frente no seu tempo na questão das mocidades e liberdade dos jovens se expressarem e tal. Nada é por acaso. Eu, nessa época, já frequentava a mocidade dos centros espíritas, participava da COMEERJ [Confraternização de Mocidades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro], essa coisa toda. Mas, aí, acabei me afastando do movimento espírita, fui viver outras coisas. Já trabalhava como ator, profissionalmente, em outros trabalhos também envolvendo humor, canais de internet e depois o Parafernalha e tal. E aí, lidando com humor... E, de repente, cara, me deu um insight. Porque a gente já tinha o grupo de teatro Amigos da Luz, fazendo peças de teatro com a temática espírita transcendental e com humor. Cara, vamos fazer isso no vídeo. E, aí, fomos fazer isso no vídeo. Mas, assim, toda essa sensação de que é possível fazer as coisas nasce, para mim, pelo menos, na instituição Colégio Leopoldo.²³

Neste caso, tanto o diretor e ator como o entrevistador eram contemporâneos no mesmo grupo escolar e compartilhavam, ao mesmo tempo, de visões comuns e pontos de vista subjetivos e individuais. Portanto, questionar a influência do território e do contexto institucional que carrega o nome de uma personalidade importante para o movimento espírita e ter um entrevistador com caráter de testemunha contribuem para a evocação de lembranças dentro de um contexto que forma um elo entre passado e presente. A evocação da memória individual é lembrada considerando-se parte de uma coletividade, permitindo que o contato com o grupo continue estabelecido, gerando identificação com ele (HALBWACHS, 1990).

Lembrar-se de uma figura espírita, bem como, da instituição, integra a trajetória entre indivíduo e sujeito, estabelecendo uma comunidade afetiva. Além disso, para os Amigos da Luz, o território de Nova Iguaçu²⁴ não possui apenas o caráter funcional, onde se

²³ Carona Espírita – Entrevista Fábio de Luca à TV Nova Luz, publicado no YouTube em 30 de maio de 2017. Disponível em: <<https://youtu.be/1e8goBW3f1o>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

²⁴ A narrativa acerca da vida de Leopoldo Machado e sua atuação no movimento espírita dá a Nova Iguaçu certa expressividade para o movimento espírita. Inclusive, no momento em que Leopoldo se instala no município, há crescente a oferta de terras, bem como, com a dinâmica territorial, visto que na época em que funda o colégio (1929) convidado pelo prefeito coronel Alberto de Melo, não havia ensino secundário na região.²⁴ Conforme a história do município, a partir de 1920, Nova Iguaçu adquire forte relação com a agricultura, cuja principal plantação era de laranjas. A citricultura propiciou que a administração pública realizasse investimentos com medidas de saneamento, estradas de ferro e aproveitamento de terras na Baixada Fluminense (ALEXANDRE, 2015). Porém, como argumenta Enne (2004), o projeto agrícola do município declina no início dos anos 1940-1950, período em que se observa a vinda de migrantes do Norte e Nordeste devido aos loteamentos com preços baixos, bem como, disputas de terra entre camponeses e ocupações de “grileiros”. Além disso, o município também é impactado pelo crescimento das indústrias de bens de consumo

estabeleceram as sociabilidades e moradia, ele também é carregado de caráter simbólico para o movimento espírita e para a Cia. Amigos da Luz que é oriunda daquele espaço. Este caráter simbólico é carregado de subjetividades, dos usos e apropriações e aspectos culturais do ambiente coletivo, isto é, carregado de marcas do vivido e do valor de uso (HAESBAERT, 2007). Tanto o território de Nova Iguaçu, como o centro espírita, o espaço onde se realizava a COMEERJ e, por fim, a escola são instrumentos de recordação e construção imagética da memória, “não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial” (HALBWACHS, 1999, p.143). Quando se diz que Nova Iguaçu é uma terra que frutifica coisas importantes para o movimento espírita – tanto Leopoldo Machado, no passado, quanto a Companhia Amigos da Luz, no presente, fundaram seus trabalhos lá – enfatiza-se a sua importância espacial para a memória do espiritismo, que reconstrói acontecimentos do passado e ligam ao presente. Assim, conforme Halbwachs, “toda religião tem também a sua história, ou antes, há uma memória religiosa feita de tradições que remontam a acontecimentos geralmente muito distantes do passado, e que aconteceram em lugares determinados” (HALBWACHS, 1999, p. 156).

Mais adiante, na fala do Fábio de Luca, podemos verificar que os trânsitos do sujeito em outros grupos também teriam afetado na percepção de produção do humor na religião e na estratégia de divulgação. A memória individual combina, então, influências das redes de sociabilidade, alterando-se conforme as relações mantidas tanto no meio espírita quanto no meio da criatividade profissional. A construção da lembrança individual está atrelada às mudanças que ocorrem nas relações individuais com os meios coletivos, está apoiada na memória exterior e faz parte da história geral de vários grupos com os quais estabelece sociabilidade (HALBWACHS, 1990). A memória, neste caso, está imbricada de acontecimentos vividos por tabela, vividos pessoalmente, constituída de lugares e personagens (POLLAK, 1992).

Assim, embora Leopoldo Machado tenha falecido em 1957 e seus atos no movimento espírita não tenham sido no mesmo espaço e tempo do entrevistado, sua biografia e o espaço institucional criado por ele contribuem para a construção da memória individual e aparecem atrelados à parte da criação da Companhia Amigos da Luz. Porém, precisamos levar em conta que a memória coletiva pode ser herdada, não se limita à vida física do indivíduo e pode sofrer variações conforme o momento em que é requisitado (POLLAK, 1992), nesta entrevista, especificamente, trata-se de uma entrevista para uma web tv espírita concedida a

e de capital, delineando a expansão da “região metropolitana” do Rio de Janeiro, cuja parcela de moradores de Nova Iguaçu realizavam movimento pendular em direção ao Rio de Janeiro (ENNE, 2004).

um ex-colega que estava presente no mesmo contexto escolar, sendo fatores que direcionaram a figura de Leopoldo Machado e sua escola como parte constituinte da ideia do projeto do Canal Amigos da Luz e do teatro.

Já na ocasião da entrevista para esta pesquisa de dissertação, Fábio de Luca afirmou que Leopoldo Machado tem uma história inspiradora para o grupo, pois ele seria um visionário em prol da juventude no centro espírita. Tendo realizado um importante trabalho de integração entre instituições espíritas do Brasil através da “Caravana da Fraternidade”, em um contexto que não havia tecnologia de comunicação tal como a internet. Logo, o personagem de Leopoldo Machado é compreendido como um patrono, possui mais materialidade que Kardec, Francisco de Assis e Jesus, pois fora um homem encarnado próximo à realidade que membros do grupo vivenciaram, visto que Fábio não somente estudara no colégio, mas também conheceu a irmã mais nova do espírita:

Ele era um dramaturgo, ele escreveu comédia. Tem uma comédia dele. Tem mais de uma. “Teatro para a juventude”, acho que é uma coisa assim o nome dos livros que ele fez, tomos I, II e III. Esquetes para serem trabalhados com humor nas mocidades. Quer dizer, ele já fazia o que a gente hoje tenta fazer. Então, ele para a gente é um patrono. Uma figura muito inspiradora, muito querido e muito perto porque a gente tem... Tem isso também. Kardec é uma figura que é muito valiosa para a gente, Jesus, Francisco de Assis... Mas, Leopoldo Machado está aqui. Tipo, eu conheci a irmã mais nova dele. São figuras mais próximas e tudo. Então, a gente tem muito carinho por Leopoldo e a gente tem muita gratidão porque, se ele não tivesse começado lá trás, a gente hoje teria muito mais dificuldade de trabalhar com jovens e de trabalhar o humor. (Informação verbal.)²⁵

Desta maneira, a identidade do grupo enquanto espírita acompanha a necessidade de estabelecimento de coerência com a trajetória individual, onde a memória é também um elemento constituinte. Sendo que o território também influi na construção narrativa da identidade coletiva e individual. No Brasil, o Sudeste é a região com maior número de adeptos ao espiritismo, sendo o Rio de Janeiro o lugar com mais expressividade. A maioria que o compõe são indivíduos de classe média e com ensino superior completo e, de certa forma, a arte espírita dialoga com a codificação e decodificação estruturada pela classe dominante. Mesmo que não deseje, o estilo de vida se aproxima mais ao da burguesia do que da classe média e dos mais pobres estabelecendo uma relação ambivalente, pois, de acordo com Bourdieu (2015), a criação artística e intelectual está em dependência material com as frações dominantes da burguesia, podendo estar em situação de impotência política. Para ele, a

²⁵ LUCA, Fábio de. Entrevista Companhia Amigos da Luz – Sidney Grillo e Fábio de Luca. [jul. 2018] Entrevistadora: Grazyelle Fonseca. Rio de Janeiro, 2018. 1 arquivo .mp3 (47:30).

maioria das classes artísticas e intelectuais é oriunda dessas frações e possuem relações familiares ou círculos de amizades.

No caso do espiritismo, em especial, isso não é muito diferente: enquanto a umbanda é uma religiosidade que se origina nas camadas mais subalternas e de maioria negra, o espiritismo kardecista é a expressão das classes médias e classes médias altas, de maioria branca, enfatizando o caráter de ciência intercambiada com os dogmas religiosos (GIUMBELLI, 1997). Como abordamos acima, o próprio texto de Kardec é atravessado dos ideais burgueses e pela busca da intelectualização, onde afirma-se que é ideal que o médium seja intelectualizado, pois ofereceria menos obstáculos para a comunicação espiritual, na falta de “instrumento melhor”, os espíritos poderiam servir-se daqueles que possuem pouco estudo (KARDEC, 2007).

Através das regiões de trânsito e circulação do grupo no teatro, o público que eles buscam atingir e que frequenta às peças é de maioria oriunda das camadas médias urbanas, embora também sejam contratados para apresentações em regiões mais interioranas. Dos locais urbanos, podemos citar como exemplo, Nova Iguaçu, Tijuca, Jacarepaguá (RJ); Guarulhos e São Bernardo do Campo (SP); Porto Alegre (RS); Florianópolis e Blumenau (SC); Fortaleza (CE); Brasília (DF); e outros. Além disso, os esquetes cômicos do YouTube abordam temáticas relativas às questões sobre a subjetividade e espiritualidade, próprio das demandas das classes médias.

E, assim, também não podemos perder de vista que utilizar a temática do espiritismo na performance artística é também, de certa forma, seguir os preceitos de Kardec, que, no livro *Obras Póstumas*, indica a possibilidade de haver um dia uma arte espírita, da mesma forma em que houve uma arte pagã e uma arte cristã. Logo, este preceito oferece legitimidade para quem produz a arte espírita, ao mesmo tempo em que abre espaço para o uso da arte no âmbito religioso. Assim, Fábio de Luca coloca que embora seja um trabalho com temática religiosa e que alguns questionem a cobrança de ingressos, a peça de humor espírita também é fruto de um trabalho profissional:

Os Amigos da Luz têm o bônus de ser a minha religião que eu abraço, mas, de fato, é o meu trabalho. Montei um espetáculo, onde eu tenho o interesse de atrair público para tirar receita da bilheteria, que é onde eu tiro o meu sustento. Então, isso é a linha mestra do trabalho com o *plus* de ser espiritismo, que eu amo. Diferente do Canal Amigos da Luz, que acabou servindo para divulgação da peça. Mas o canal é o exercício de divulgação, porque a gente não tem recursos. (Informação verbal.)²⁶

²⁶ LUCA, Fábio de. Entrevista Companhia Amigos da Luz – Sidney Grillo e Fábio de Luca. [jul. 2018] Entrevistadora: Grazyelle Fonseca. Rio de Janeiro, 2018. 1 arquivo .mp3 (47:30).

Portanto, observa-se que esta trajetória é carregada de mudanças, de rupturas e trânsitos entre grupos, no qual o diretor e ator do projeto se afastou por um tempo do movimento espírita. Então, a relação entre humor e religião, embora conflituosa, também é utilizada como forma de negociação com o espiritismo. Visto que não se desejava criar uma imagem de si como sujeitos puros e bondosos, que comumente se dá aos líderes espíritas, o grupo pode negociar com o imaginário da esfera dos espíritos zombeteiros e brincalhões, ainda não evoluídos com a disciplina da doutrina espírita. É quando o movimento espírita começa a aceitar essa possibilidade e a utilizar os vídeos como ilustração do estudo da doutrina no centro espírita que o grupo se considerou reconhecido. Neste sentido, a construção da identidade social envolve o jogo de negociação entre os outros, “em referência a critérios de aceitabilidade, de admissibilidade e credibilidade” (POLLAK, 1999, p. 204).

2.3 “*Morrendo e aprendendo*”: riso, performance e a doutrina espírita

Desde os escritos de Allan Kardec, a doutrina espírita evoca para si o tom da seriedade, pois, a brincadeira e o riso poderiam esvaziar o sentido dos preceitos, como também, partir de seus detratores. Isto é, ridicularizar o sagrado e / ou a condição empírica que o espiritual se apresentava ao “visível”. Quem sabe o riso não partiria dos detratores? Entretanto, o riso interno se apresenta como uma possibilidade no presente: ajustar os costumes e rir dos desvios morais. Concordamos com Berger quando ele argumenta que o caráter ambíguo do riso – perigoso para a instância do sagrado e forma de extravasamento –, possibilita que a comédia seja uma estratégia de evita-lo em situações “inapropriadas”:

O cômico, portanto, é perigoso para toda ordem estabelecida. Ele deve ser controlado, contido em algum tipo de enclave. Pode-se dizer que a comédia, como uma arte performática, já representa essa contenção da experiência cômica, ritualizando-a em formas socialmente aceitáveis e confinando-a aos limites do palco teatral. Os espectadores riem no teatro, e isso pode evitar que eles riem nas e das encenações solenes da religião e do Estado. (BERGER, 2017, p. 51).

Logo, partindo dessa concepção, realizamos uma observação da comédia espírita no teatro. Em 30 de março de 2018, a Companhia de Teatro Amigos da Luz levou à cidade de Saquarema, região dos lagos do Rio de Janeiro, o espetáculo “*Morrendo e Aprendendo*”, cujos atos abordam o despertar da consciência espiritual de uma mulher rica após o

desencarne. A apresentação ocorrera no Teatro Municipal Mário Lago, durante a Semana Santa, e houve uma grande presença de público. Embora a apresentação tenha sido na semana carregada de simbologia católica, o grupo enfatizou que não compartilha dos mesmos pontos de vista católicos quanto à ressurreição, mas que considerava importante a concepção de renovação da vida e prática do amor.

No item 4, do capítulo IV do livro “O evangelho segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec (2009a), encontramos a proposição da doutrina de opor-se ao critério de ressurreição. Nele, Kardec considera que a compreensão judaica de ressurreição era muito similar ao que a doutrina espírita defende como reencarnação, pois, os judeus não tinham noções precisas acerca da alma e do corpo e nem definiam com exatidão como um homem poderia reviver; já os Saduceus defendiam que a vida se findava com a morte. Assim, partindo da ideia de que já havia sido comprovado cientificamente a impossibilidade material do corpo morto retomar à vida após o estado de putrefação e decomposição, o evangelho espírita nega a ressurreição de homens representados na Bíblia, tal como João Batista sob o nome de Elias, embora abra exceção para Lázaro. E, no “Livro dos Espíritos”, Kardec comenta: “Não se pode, pois, racionalmente admitir a ressurreição da carne senão como uma figura simbolizando o fenômeno da reencarnação e, nesse caso, não há nada que choque a razão, nada que esteja em contradição com os dados da Ciência” (KARDEC, 2009b, p.318).

Entretanto, a posição de Kardec acima é o postulado da doutrina. Já, quanto ao grupo, devemos considerar que eles são capazes de interpretar a doutrina conforme os seus ideais. Inclusive, vale ressaltar que no vídeo publicado em 03 de abril de 2015, “*A vaca da páscoa*”²⁷, o grupo já tratara dessa relação entre espiritismo e o simbolismo desta data: para eles, é uma data de comemoração da morte enquanto transformação. Não a morte necessariamente enquanto um fim fisiológico, mas a morte no sentido figurado, de fim dos conflitos e início da paz. Vejamos a descrição do vídeo:

Que tal aproveitarmos o sentimento de renovação que a Páscoa inspira para refletirmos sobre o que, em nossos atos, precisa morrer e ressuscitar transformado? O Espiritismo não comemora especialmente essa data, mas respeita a Páscoa comemorada pelos judeus e cristãos, e compartilha o valor do simbolismo representado, ainda que apresente outras interpretações.²⁸

²⁷ Conforme abordamos acima, o grupo também produz humor audiovisual na internet, em específico, a plataforma *YouTube*. “*A vaca da páscoa*” fora publicado em 03 de abril de 2015 com uma sátira sobre o coelho da páscoa, isto é, da divergência do simbolismo e seu “verdadeiro” significado, portanto, a mudança por uma vaca. O objetivo da narrativa é enfatizar que Jesus e a transformação deveriam ser o verdadeiro motivo da comemoração.

²⁸ AMIGOS DA LUZ. *A vaca da páscoa*. *YouTube*: 03 de abril de 2015. Disponível em: <<https://youtu.be/pNICeR4dhOI>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

O Teatro Mario Lago possui capacidade para aproximadamente cento e cinquenta pessoas e possibilitou que os atores interagissem com a plateia desde os primeiros atos, inclusive, convidando-a a participar com nomes e opiniões quanto às personagens. Observamos que o público presente era de maioria adulta, com significativa presença de idosos. Geralmente, o que provocava o riso era a contraposição do erro em relação ao correto ou caráter moral, sendo a repetição um recurso importante para a encenação dos atos. Ademais, os desvios ou as dicotomias entre o belo e o feio, o rico e o pobre, o gordo e o magro também eram motivos de derrisão.

De acordo com a sinopse da peça disponível no site dos Amigos da Luz, a construção do lugar sombrio que Lourdes Theresa se encontra após a sua morte, e ainda presa ao caixão, é devido ao mau uso do livre-arbítrio designado a ela durante a última encarnação vivida como uma mulher rica. Neste sentido, ela é responsável e culpabilizada pelos maus atos. Todavia, esse lugar é também um caminho para o encontro com o desafeto remanescente da vida passada: o espírito que fora sua irmã, a bondosa e apaixonada Felizmina.

Trata-se, portanto, de um plano espiritual de ligação à matéria, ao orgulho, à vaidade e ao domínio do desejo de vingança. Segundo a Companhia Amigos da Luz, “esse é um espetáculo emocionante que, fazendo uso de linguagem simples e acessível a todos, nos traz uma mensagem de amor e responsabilidade. E tudo isso, é claro, em meio a muitas risadas!”.²⁹ Logo, a narrativa da peça possui teor introdutório ao espiritismo, com referências ao imaginário do umbral³⁰ de Nosso Lar³¹, bem como busca introduzir os preceitos dos livros de Kardec. Todavia, o grupo reconhece que o livro Nosso Lar ainda possui pontos de difícil compreensão a respeito de algumas similaridades da colônia espiritual de recuperação em relação ao plano terreno, tais como, alimentação e aspectos materiais.

Assim, dentre os atos, há três momentos distintos com relação às emoções. O primeiro é cômico e composto pelas seguintes situações: a amiga que vai até o velório; Lourdes no caixão, o contato com o mentor espiritual e o processo de tomada de consciência; a mesquinha da socialite; a trama em torno da proposta do casamento de Felizmina e Lauro; a reencarnação. O segundo tem caráter trágico: envolve a morte de Felizmina, vingança e ódio. Por fim, o terceiro é mais emocionante: acompanhamos a reconciliação entre as irmãs; a revelação do mentor espiritual como sendo o homem que disputara esse amor e aprendera a

²⁹ Disponível em: <<https://www.amigosdaluz.com/morrendo-e-aprendendo>>. Acesso: 10 maio 2018.

³⁰ Plano intermediário, de caráter liminar cujo espírito ainda está apegado aos sentimentos materiais.

³¹ Livro psicografado por Chico Xavier e ditado pelo espírito André Luiz.

perdoar; a passagem do umbral para o plano espiritual; assim como a reencarnação e o desfecho feliz.

O mote principal da peça é a vingança e o reencontro com a irmã que a esperava no plano espiritual com mesma vibração por tê-la impedido de viver o amor verdadeiro. Segundo a peça, a proposta é recobrar o principal ensinamento de Jesus: o amor, que é ensinado há mais de dois mil anos, mas ainda assim incidimos no erro ao sentir ódio e desejo de vingança. Entretanto, esse processo se desenrola durante os noventa minutos de peça porque é preciso considerar que a doutrina espírita compreende que o espírito não se lembra das vidas passadas logo assim que desencarna. A tomada de consciência ocorre à medida em que se entra em contato com o plano espiritual e entende-se que já não há ligação com a matéria.

Fotografia 1 – A amiga de Lourdes Theresa vai até o velório



Fonte: A autora, 2018.

A peça se inicia com um velório, a amiga da falecida entra em cena através da plateia. No primeiro ato (fotografia 1), vê-se apenas um caixão cuja amiga, com o rosto deformado por intervenções cirúrgicas, fala com a morta apenas assuntos de natureza material e estética, exaltando as riquezas de Copacabana e Paris. A cada sorriso, ela deveria fazer um movimento inverso: uma careta colocando a língua para fora para que exercitasse os músculos da face e preservasse as intervenções plásticas, provocando o riso da plateia. Por fim, o ato se encerra

com a saída da amiga com argumento de que iria visitar outra amiga que ficara pobre, todavia, não porque gostava dela, mas para ver a “cara de derrota”.

Visto por outro ângulo, o velório nos aponta a questão moral de como o corpo morto é tratado socialmente: o defunto não é exposto à decomposição tal como algumas pessoas toleram com os animais, um funeral é preparado a fim de cumprir funções morais e não somente por motivos higiênicos (HERTZ, 1960). Espera-se que durante o funeral a “amiga” expresse luto, tristeza. Entretanto, ela menospreza a condição do lugar em que a falecida vivera seus últimos dias de vida, diz: “Com tanto lugar para morrer, veio morrer logo em Saquarema!”. Assim como, suas vestimentas são vermelhas, fugindo do preto enquanto cor do luto.

Há, então, um desvio da percepção da morte enquanto um período lúgubre, de demonstração da tristeza e modificação das vestimentas (HERTZ, 1960) para o desprezo e apego aos bens materiais. Revela-nos uma crítica à personagem, afinal, a “amiga”, no velório, revelara que “até ia ao centro espírita, lia algumas coisas”, mas não praticava nenhum preceito kardecista. Por outro lado, ela é o reflexo das relações realizadas em vida com a mulher que naquele momento é velada, pois, mesmo após a morte, ainda há vínculos na vida social que será restaurado e reajustado para o mundo dos vivos através do rito funerário (BAHIA, 2011). Ela também corre contra o tempo: para esquecer que a morte se avizinha, realiza procedimentos estéticos.

Philippe Ariès argumenta que a sociedade contemporânea não permite o choro e o fingimento do choro por aqueles que morreram: “Não convém mais anunciar seu próprio sofrimento e nem mesmo demonstrar o estar sentido” (ARIÈS, 2017, p. 231). Todavia, esta condição nos parece ser a sátira da peça: visto que o espiritismo brasileiro se propõe a ser uma visão “consoladora” para aqueles que sentem a perda e, para aquele que nada sente, revela ao outro a sua conduta moral, a insensibilidade, materialidade e banalização da morte. Diante da cerimônia fúnebre encenada, observamos o que Bahia (2011) descreve sobre a cerimônia fúnebre ou morte enquanto rito: um lugar cujas distâncias sociais, conflitos e possíveis alterações da ordem social tornam-se explícitos.

A partir desse ato e do cenário, que é o mesmo durante toda a encenação e sofre apenas modificações de luzes e sombras conforme as situações são transcorridas, observamos a maneira como as personagens do teatro se posicionam perante a plateia e compõem-se com o cenário para contar a obra. Assim como Prado (2014) argumenta, a personagem teatral dá existência à obra, é através do ator que a narrativa sobre a condição humana se personifica e adquire materialidade. Diferente do romance, o teatro dispensa o narrador, ele é a própria ação

e suas personagens se dirigem ao público a fim de explicitar sua consciência moral ou psicológica, confessando seus pensamentos em voz alta.

Como se a própria situação estivesse ocorrendo naquele momento, o teatro estabelece um acordo com a plateia, transformando-a em testemunha. Por conseguinte, o cenário é apresentado através das personagens e a estética mais reduzida dele entra em consonância com a corrente da construção cênica moderna: “há toda uma corrente estética moderna, baseada em ilustres precedentes históricos, que procura reduzir o cenário à quase neutralidade para que a soberania da personagem se afirme ainda com maior pureza” (PRADO, 2014, p. 84).

Durante os noventa minutos de peça, as personagens buscam interagir com a plateia através de trocadilhos com a cidade na qual a peça estava sendo encenada, além de referir-se ao imaginário das mentalidades espíritas brasileiras: os espíritos Joanna D’Ângelis³² e Emmanuel³³, e o médium Chico Xavier.³⁴ Além disso, também é abordado humoristicamente o senso comum sobre a dificuldade de leitura e estudo da codificação espírita em contraposição aos romances espíritas, apontando o romance espírita “Violetas na Janela”³⁵ como um livro de fácil compreensão. Desta maneira, a literatura espírita é mencionada a partir dos mentores espirituais e os médiuns, como também os romances e a necessidade de se estudar o livro de Kardec.

Particularmente, esta é uma demanda característica da forma como o espiritismo se introduziu no Brasil. Com a inserção do espiritismo no Brasil por volta da década de 1860³⁶ – logo após a publicação do “Livro dos Espíritos” na França –, a doutrina torna-se uma

³² Joanna D’Ângelis, mentora do médium Divaldo Franco, com caráter mais transnacional, é uma figura feminina poliglota e teria sido uma freira cristã em todas as suas encarnações, assim como Emmanuel, ela também reencarnara no Brasil só que como uma freira que defendera o convento até a morte (LEWGOY, 2008).

³³ Emmanuel, mentor de Chico Xavier, monoglota, a serviço da defesa da nação, teria sido uma personalidade importante na história do Cristianismo romano e também teria reencarnado como o jesuíta Padre Manoel da Nóbrega, representando a masculinidade e virilidade em todas as suas encarnações.

³⁴ Chico Xavier, é o médium Francisco Cândido Xavier, de Uberaba – MG, figura carismática da Federação Espírita Brasileira (FEB) desde a década de 1930 até a sua morte em 2001, pregava um cristianismo redutivo, alicerçado no amor. Joana D’Ângelis é a mentora espiritual de Divaldo Franco e Emmanuel, espírito mentor de Francisco Cândido Xavier e com várias obras psicografadas atribuídas a ele.

³⁵ Romance Espírita psicografado por Maria Lúcia Marinzeck de Carvalho, publicado pela primeira vez em 1993. A autora é natural do estado de Minas Gerais (1948), é residente em São Paulo. Na sua atuação como médium psicógrafa, baseia-se nos preceitos das obras de Allan Kardec para a construção narrativa de suas obras, mas também busca atingir um público amplo, externo à doutrina espírita kardecista.

³⁶ Conforme Cavalcanti (2008), o espiritismo é introduzido no Brasil com o livro de Jean-Baptiste Roustaing, chamado Revelação da revelação.

alternativa viável aos opositores da Igreja Católica, abolicionistas e republicanos. Em sua maioria, os adeptos eram compostos pelas classes médias intelectualizadas: homens profissionais liberais, médicos, políticos e funcionários públicos. Segundo Bernardo Lewgoy (2008), neste grupo havia uma divergência de ideias interna entre anticatólicos e simpatizantes da perspectiva católica na doutrina.

Porém, Emerson Giumbelli (1997) questiona a distinção entre “científicos” ou “intelectuais” e “religiosos” ou “evangélicos”, pois o discurso espírita brasileiro continuou atrelando a doutrina à “ciência” mesmo entre os mais religiosos do movimento. Inclusive, o médico e político Adolfo Bezerra de Menezes, convertido ao espiritismo em 1875 e presidente da Federação Espírita Brasileira (FEB) entre 1889 e 1895, escrevera um livro sobre espiritismo e loucura com o seguinte título: “A loucura sob novo prisma: estudo psíquico-fisiológico”. Com perspectiva orgânica, Menezes tinha por princípio investigar acerca da natureza espiritual do homem, da relação com os espíritos e a obsessão.

Ademais, embora tenha tido um caráter “místico” e “consolador”, Menezes instituiu o estudo sistemático do “Livro dos Espíritos” como uma atividade doutrinária necessária para todos os iniciantes e adeptos do movimento. Por outro lado, é notório o fato de que a perspectiva mística tenha assumido a liderança e a força de negociação no interior da FEB. Apesar de buscarem se diferenciar da “ciência” e da “religião”, os espíritas adotaram as sínteses ora “ciência religiosa” ora “religião científica” ou “filosofia”,

[...] mantendo ou reconhecendo uma especificidade própria tanto à “ciência” quanto à “religião”. Uma das possibilidades abertas com isso, para os espíritos, era uma espécie de “polivalência discursiva”: sua doutrina podia ser legitimada tanto pelo respeito que prestava às regras da “experiência científica” quanto pela fidelidade que devia às palavras do Evangelho. A princípio, toda acusação poderia ser respondida recorrendo-se às verdades da natureza ou a sabedoria da revelação. (GIUMBELLI, 1997, p. 74).

Contudo, essa síntese entre ciência e religião no âmbito do espiritismo não anulava a possibilidade de conflitos e acusações de um lado mais científico ou religioso. Apesar de fundada em 1884, a hegemonia da FEB só se estabelece a partir de 1949, com o Pacto Áureo assinado entre instituições espíritas de todo o país³⁷ e com Francisco Cândido Xavier (Chico Xavier) como figura carismática para fins de divulgação e promoção da doutrina. A atuação

³⁷ Conforme Emerson Giumbelli (1997, p. 314), o Pacto Áureo foi um documento assinado em 1949 por diferentes instituições espíritas nacionais, originando o Conselho Federativo Nacional – órgão ligado à Federação Espírita Brasileira (FEB) a fim de promover unidade institucional e doutrinária. No ano de 1949, federações dos seguintes estados estabeleceram o pacto: Distrito Federal, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Minas Gerais. Em 1950, o Conselho adquiriu também adesão de: Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Espírito Santo.

desse médium propôs um cristianismo renovado a partir da codificação espírita, com predomínio das mães e mulheres nas sessões familiares. Logo, a perspectiva simpatizante ao espiritismo cristão ganha primazia dentre os adeptos, ao contrário do espiritismo francês – criado conforme os ideais de laicidade, progresso e cientificidade da época (LEWGOY, 2008).³⁸

Assim, há ênfases distintas nas representações dos mentores espirituais de Chico Xavier – Emmanuel –, e de Divaldo Franco – Joanna D’Ângelis³⁹, porém, ambos os mentores exerceram função de liderança. Inclusive, tais mentores – dentre outros – também exercem importante função de transmissão e proselitismo da mensagem espírita através da respectiva atribuição de autoria aos livros psicografados. Desta forma, conforme a tese de Bernardo Lewgoy (2000), o espiritismo é uma expressão religiosa letrada ou da cultura escrita porque requer letramento mínimo dos sujeitos para sistematização e compreensão da doutrina. Este fato se apresenta como um marcador diferencial no campo religioso brasileiro, visto que a construção simbólica e ritual é experimentada não só através do corpo, mas também a partir do livro e da leitura, cuja escolarização do indivíduo interfere na construção de simpatia ou inserção no movimento. Portanto, ao entrar em simbiose com a leitura dos produtos da imprensa e das editoras espíritas, a identidade dos sujeitos é construída a partir:

[d]a leitura, por fundamentar-se, desde as primeiras experiências do iniciante no centro espírita, numa relação de estudo e exegese de textos, aproximando-o de todo um abrangente universo de referências escritas, de citações, de exemplos e de narrativas, que coram sua concepção de mundo e seu imaginário em relatos supostamente ditados pelos Espíritos. Ser espírita no Brasil não é apenas dar e receber passes, assistir a palestras e sessões de mesa ou mesmo comunicar-se com os mortos, mas, por exemplo, ter lido Allan Kardec, saber citar o Espírito de Emmanuel, estar atento às transformações do mundo como sintomas da mudança do status da Terra, de “planeta de provas e expiações” para de “regeneração”. (LEWGOY, 2000, p. 12).

³⁸ Sobre a relação entre espiritismo / espiritualismo e ciência, Corinna Treitel (2004) analisa o interesse de acadêmicos alemães no estudo de manifestação de efeitos físicos realizada por um médium, Henry Slade, no fim da década de 1870 e início da década de 1880. O astrofísico alemão, Karl Friedrich Zöllner convidou o norte-americano Slade, condenado e foragido da justiça britânica por prática de sessões espirituais de efeitos físicos, a participar de seus estudos sobre a relação dos efeitos “espíritos” e a física. Então, junto com um matemático, psicólogo e dois físicos, eles iniciam o processo de observação. É interessante rememorarmos que no contexto observado pela autora, Allan Kardec já havia publicado a sua “codificação espírita”, onde declarara que os efeitos físicos não eram pura questão de magnetismo. A partir de uma narrativa empírica e cientificista, Zöllner defende a concepção da quarta dimensão, da possibilidade de se realizar uma física transcendental. Segundo Treitel, o pesquisador baseava-se na perspectiva das categorias transcendentais de Kant e na geometria do hiperespaço de Helmholtz, servindo-se da observação da mediunidade espiritualista para provar sua revisão das noções contemporâneas de espaço. Isto é, um intercâmbio entre a física e a fisiologia nas fronteiras da ciência e da espiritualidade.

³⁹ Conforme comentado em nota, Emmanuel e Joanna D’Ângelis são espíritos guias ou mentores de Chico Xavier e Divaldo Franco, respectivamente.

Ademais, conforme o autor acrescenta, o mercado literário espírita tem chamado atenção de não-espíritas ou simpatizantes, o que indica um fator importante para a linguagem se tornar mais acessível. Embora a inserção do espiritismo nas camadas médias já vinha sendo mais difundida nessas camadas com a popularização literária e das práticas mediúnicas de Chico Xavier desde a década de 1960, o romance *Violetas na Janela* exerce um importante papel de divulgação porque é com a legitimação do romance espírita consolador e com função de instrução, a partir da década de 1980, que a leitura de entretenimento torna-se mais aceitável e adquire maior circulação entre não-espíritas e o leitor medianamente letrado (LEGWGOY, 2000).

Fotografia 2 – Lourdes Theresa no umbral



Fonte: A autora, 2018.

O apego ao caixão no plano espiritual (figura 2) representa o apego ao corpo material e às dores. Esse processo de desapego somente ocorre quando a personagem se dá conta que sentir-se viva após à morte indica que não há a morte, mas estágios distintos de se experimentar a vida. Entretanto, o papel do mentor espiritual nessa libertação é somente de orientação e não de interferência, enfatizando o papel das responsabilidades que são atribuídas ao indivíduo. Não sendo necessário saber de cor orações como Pai-Nosso, Ave Maria ou o Credo, mas a prece com as próprias palavras e sentimentos verdadeiros.

No ato em que Lourdes Theresa sai do caixão, já ciente que está “morta”, ela se lamenta da sua trajetória e conta seus aprendizados e coisas materiais. Como desejara ser rica em uma das suas reencarnações, a fim de reparar seus erros, ela tivera a chance de refazer a vida em uma família apegada ao dinheiro. No entanto, sua concepção fora indesejada pelos pais, que a enviaram para um internato na Europa, experimentando a solidão.

Seguindo a lógica da caridade, suas doações eram carregadas de preconceito, nunca chegara perto das crianças de comunidades. Acreditava que assim supria as coisas materiais, porém, no plano espiritual deu-se conta que um sorriso, um olhar e um abraço poderiam suprir muito mais. Nesse processo de tomada de consciência espiritual no umbral, compreendeu que os menos abastados só querem ser vistos como crianças e não como “carentes”, humanizando os seres que ela desprezava.

É neste momento que ela começa a compreender o ensinamento espírita “fora da caridade não há salvação”. Portanto, a moral espírita exerce uma função social cuja salvação pessoal está correlacionada às ações que o indivíduo exerce no mundo com base nesse preceito capaz de livrar do mal e do sofrimento se for compreendido durante a encarnação. Esta função de justificativa da classe social ou a situação vivida através da religião, é evidenciada por Bourdieu (2015) como uma perspectiva esperada pelos leigos ou não pertencentes ao corpo sacerdotal:

[...] os leigos não esperam da religião apenas justificações de existir capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e da solidão, da miséria biológica, da doença, do sofrimento e da morte. Contam com ela para que lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada, em suma, de existir como de fato existem, ou seja, com todas as propriedades que lhes são socialmente inerentes. (BOURDIEU, 2015, p. 48).

Todavia, conforme Fábio de Luca – diretor, roteirista e ator da Companhia Amigos da Luz – apontou-nos, a dificuldade de construir discurso e representação ocorre não somente no audiovisual, que fica disponível para acesso com fins de recepção e consumo a qualquer momento, no teatro também há necessidade de repensar como a personagem se expressa em palco. A respeito desse ato de tomada de consciência de Lourdes Theresa, ele relata um problema entre a identificação da plateia e a fala da personagem:

Agora, recentemente, no espetáculo “Morrendo e aprendendo”, a Lourdes, que é uma personagem materialista, super madame, perua, ela acha que fazia caridade porque ela dava dinheiro para umas crianças. Só que nessa cena, ela fala primeiro muito mal. “Essas crianças carentes...” [expressão de nojo]. Mas a ideia da peça é mostrar o absurdo disso, aí depois a gente reverte. Só que nesse dia da apresentação, estavam umas crianças de orfanato assistindo e, imediatamente, perguntaram para a

peessoa: “a gente é carente?”. Tipo, acho que ficaram se sentindo ofendidos pela Lourdes nesse momento e aí, depois a moça veio falar com a gente e a gente está repensando essa cena. Como fazer isso se tornar mais... Que a gente consiga mostrar esse absurdo da atitude de algumas pessoas, mas não mostre isso de maneira que atinja algum jovem de orfanato que esteja presente. Então, nossa... Mas, na verdade, essa é uma preocupação de todo mundo. Nem só quem está trabalhando com teatro e conteúdo religioso, não. Hoje, o politicamente correto e os limites do humor é uma discussão generalizada. E a gente tem mais responsabilidade ainda porque a gente se propõe a levar a chancela espírita. (Informação verbal.)⁴⁰

A ocorrência de assimilação e crítica ao discurso da personagem em relação à condição de ser uma criança carente ocorre a partir do processo de identificação que, no senso comum, é construído com base no “reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas por grupos ou pessoas, ou ainda, a partir de um mesmo ideal” (HALL, 2000, p. 46). Todavia, como argumenta Stuart Hall (2000), o processo de identificação, no plano discursivo pode ser tanto abandonado quanto sustentado pelo indivíduo, trata-se de um processo de trabalho discursivo com delimitação das fronteiras simbólicas e que envolve uma relação entre o “eu” ou “mesmo” (sujeito) e o “exterior” (o outro).

Com isso, é aí que surge a possibilidade de o receptor questionar ou recusar a se reconhecer em tal posição e, em determinado momento, rejeitar o discurso de negação do diferente até mesmo na comédia com fins de correção moral e transmissão doutrinária. Não rir, contestar e se sensibilizar com a necessidade repensar esse ato da personagem sofrer a transformação moral e espiritual indicam que o riso está correlacionado à forma de levar a vida como também ao afeto, o “riso é incompatível com uma grande e autêntica dor. Do mesmo modo, o riso torna-se impossível quando percebemos no próximo um sofrimento verdadeiro” (PROPP, 1992, p. 36).

É preciso reconhecer que a maneira como o indivíduo se apresenta no palco é distinta da vida cotidiana e que, a performance teatral funciona somente ligada à audiência – isto é, quando a audiência muda, a performance é alterada pois elas interagem mutuamente (SCHECHNER, 2011). Conforme Goffman (1985), no palco, os atos são simulações do repertório simbólico e do caráter moral, cuja vida é projetada através da máscara ou encenação de atores em relação a outros atores. A plateia, desta maneira, é um elemento correlato e essencial, mas só está presente porque a encenação não é real. Na “vida real”, por sua vez, há apenas o indivíduo desempenhando um papel, em determinado contexto de espaço

⁴⁰ LUCA, Fábio de. Entrevista Companhia Amigos da Luz – Sidney Grillo e Fábio de Luca. [jul. 2018] Entrevistadora: Grazyelle Fonseca. Rio de Janeiro, 2018. 1 arquivo .mp3 (47:30).

e tempo, para outros presentes (que são, ao mesmo tempo, a plateia – pois, observam a ação – e atores – visto que também vivenciam as situações e transmitem impressões ou referências).

No que tange aos produtores de humor, que não seja religioso, e a preocupação com os limites da piada – tais como *Porta dos Fundos*, *Parafernália* (nos quais alguns atores dos Amigos da Luz já fizeram participações, retomaremos mais detalhadamente no capítulo 3) e outros –, Miklos e Penna (2017) observam que embora o ambiente virtual possibilite que canais de humor busquem autoapresentar-se como contra-hegemônicos, vídeos com temáticas que lidam com espíritos muitas vezes podem reforçar estereótipos do imaginário cultural.

Assim, os autores analisam dois vídeos de esquetes cômicos do canal Porta dos Fundos sobre a temática afro-brasileira e ressaltam que reconhecer e apontar a presença de tom jocoso ou preconceituoso de senso comum não se trata necessariamente de uma crítica à produção audiovisual de um determinado grupo ou instituição, mas de “destacar o quanto as mídias, mesmo as ditas alternativas, como é o caso, fazem uso de estereótipos⁴¹ do sagrado, já difundidos no imaginário cultural brasileiro” (MIKLOS e PENNA, 2017, p. 9). Se levarmos isso em consideração, nem mesmo o audiovisual e as peças da Companhia Amigos da Luz estão isentos de reproduzir estereótipos, mesmo que busquem apropriar-se do discurso que geralmente é utilizado para rechaçar as doutrinas que lidam com os espíritos a fim de divulgar a chancela espírita e ressignificá-lo.

Ao contrário da personalidade problemática da personagem Lourdes Theresa, a irmã Felizmina possui o comportamento bondoso, é católica e membra ativa da igreja; Lauro é bonito, rico e tem seu amor correspondido pela beata. Lourdes Theresa, nesta encarnação é Serafina ou Fininha, interesseira, maldosa e contra o casamento da irmã. Para conseguir ser a detentora da herança, Serafina impõe: para que a irmã mais nova se case, a mais velha deve se casar primeiro. Então, Lauro se casa a contragosto com a mais velha para poder ficar perto da amada. Todavia, o romance continua, e culmina com a descoberta da irmã malvada descobre e expulsão da jovem de casa. Ela vai morar na Igreja, porém, planeja fugir com o amado. A

⁴¹ Giralda Seyferth (1995) reflete sobre a relação entre raça e estereótipo, colocando-nos que há uma variada gama conceitual acerca do termo estereótipo. Entretanto, de modo geral, a autora observa que o termo se refere às convicções e opiniões que fazem parte de um escopo social preconcebido: grupos e indivíduos são simplificados ou colocados em contradição conforme suas características físicas, mentais e comportamentais. Além destas “cognições seletivas”, há também outras relativas às omissões, a fim de qualificar ou desclassificar grupos ou indivíduos. Ela complementa que o uso de estereótipos é uma via de mão-dupla: ao mesmo tempo em que qualifica ou desclassifica o outro, reforçando a perspectiva de um sujeito em relação a terceiros, também, define o próprio sujeito. Assim, contém, “implicitamente, uma avaliação em dois sentidos. Em grande parte, podemos constituir uma avaliação negativa e reforçar, assim, identidades étnicas negativas” (SEYFERTH, 1995, p. 184).

megeira descobre e causa uma armadilha para a irmã, resultando em sua morte. É assim que o espírito da irmã bondosa planeja vingança e aguarda anos para reencontrá-la no umbral.

A representação cênica das almas e perturbações do umbral dá-se a partir da personagem de um homem com vestes pretas a fim de indicar a negatividade, além das sombras de mãos atrás de um tecido (fotografia 3). Em um acordo com a plateia, faz-se de conta que é um lugar lamacento, com pessoas gritando e vozes ecoando. O uso das luzes coloridas no cenário é um elemento importante para os atos visto que a luz vermelha indica a negatividade ou energias assombrosas (fotografias 4, 5), enquanto a luz branca denota a transição entre a matéria e o plano espiritual ou o recuo ao passado (fotografias 2, 5, 6 e 8) e, por fim, a luz azul corresponde às comunicações com o mentor espiritual e ao plano da tranquilidade (fotografia 7).

Fotografia 3 - Representação cênica das almas do umbral



Fonte: A autora, 2018.

De acordo com a Companhia Amigos da Luz, esta é uma peça introdutória aos preceitos do espiritismo, cuja linguagem mais simples dialoga com o imaginário do senso comum sobre a doutrina, bem como, com a Codificação de Kardec e o livro *Nosso Lar*, de Francisco Cândido Xavier. Portanto, o imaginário acerca do umbral na doutrina espírita advém do livro “*Nosso Lar*” de Chico Xavier (1987), cuja autoria psicográfica é atribuída ao

espírito André Luiz, que narra seus sentimentos e percepções de quando se encontrava no umbral:

Sentia-me, na verdade, amargurado duende nas grades escuras do horror. Cabelos eriçados, coração aos saltos medo terrível senhoreando-me, muita vez gritei como louco, implorei piedade e clamei contra o doloroso desânimo que me subjugava o espírito; mas, quando o silêncio implacável não me absorvia a voz estentórica, lamentos mais comovedores que os meus respondiam-me com clamores. Outras vezes gargalhadas sinistras rasgavam a quietude do ambiente. Algum companheiro desconhecido estaria, a meu ver, prisioneiro da loucura. Formas diabólicas, rostos alvares, expressões animais surgiam, de quando em quando, agravando-me o assombro. A paisagem, quando não totalmente escura, parecia banhada de luz alvacentas, como que amortalhada em neblina espessa, que os raios de sol aquecessem de muito longe. (XAVIER, 1987, p. 17-18).

Assim, a ideia de umbral, enquanto lugar intermediário de travessia do plano físico para o espiritual e de tomada de consciência de que a vida permanece após a morte, é uma imagem importante de Nosso Lar para os espíritas brasileiros a fim de evidenciar como o espírito recobra as vivências anteriores ao invólucro material que acabara de desencarnar. Desta maneira, o umbral se assemelha ao que os católicos chamam de purgatório.

Por sua vez, segundo Lewgoy (2008), ao narrar e expor possíveis vivências no plano espiritual, André Luiz e o livro *Nosso Lar* aprofundam a problemática moral e técnica da mediunidade e espiritualidade. Assim, a série de livros atribuídos a André Luiz tornou-se uma espécie de cânone textual para o espiritismo brasileiro, sendo importante para os estudos espíritas e, inclusive, enquanto referência bibliográfica exportada no processo de transnacionalização do movimento com “importância estratégica na uniformização de uma hermenêutica religiosa para o kardecismo” (LEWGOY, 2008, p. 91). Isto é, uniformização da interpretação e do estudo do universo espírita através da construção simbólica e literária na obra.

Todavia, é preciso considerarmos que Allan Kardec (2008b) compreende o purgatório como uma realidade material característica do mundo de provas e expiações, tal como a Terra, e a vida carnal é uma maneira de expiação. Apesar de negar a existência de um inferno localizado e de punição eterna, Kardec admite que a estadia temporária num lugar como o purgatório é possível, sendo que “[a] palavra purgatório revela a ideia de um lugar circunscrito, por isso, se aplica, mais naturalmente, à Terra, considerada como lugar de expiação, do que ao espaço infinito [...]” (KARDEC, 2008b, p. 42). Sendo que a estadia temporária em um plano espiritual de expiação similar à terrena não se trata necessariamente de um castigo ao espírito, mas de uma extensão ou complemento das provas e dificuldades experimentadas materialmente.

Fotografia 4 – O encontro das irmãs, a ligação do passado na vida após a morte



Fonte: A autora, 2018.

É importante notarmos na fotografia 4 que a irmã Felizmina, o desafeto da vida passada, possui vestes antigas e carrega uma sombrinha com fotos antigas representando o apego ao passado (em movimento), enquanto Lourdes Theresa usa vestes com pelos, salto e um vestido acetinado representando a elegância, porém, a bolsa que carrega na mão representa o apego às coisas materiais. Tal encontro possui o propósito de relembrar a competição da vida passada e sua conseqüente resolução: o amor verdadeiro por um homem rico por parte da irmã bondosa em oposição ao interesse material e a inveja para enriquecer e casar-se.

Através desta narrativa, objetiva-se abordar a “lei de causa e efeito”, a “responsabilidade do livre-arbítrio” e a “pluralidade das existências”, resultando nas reencarnações para reparar os erros. Observamos que, o livre-arbítrio “mal” exercido acarreta severa conseqüências: infelicidade e desejo de vingança que atravessam encarnações. O que significa que há um limite moral e disciplinar do que se deve executar durante a encarnação. Lewgoy (2006) explicita essa ambigüidade da interpretação iluminista de carma do espiritismo, delimitando que: de um lado, a noção de “livre-arbítrio” é rigorosamente combinada com a trajetória biográfica do sujeito a partir de vidas passadas e de provas de comportamentos escolhidos na encarnação presente; de outro, as leis morais impessoais regem compulsoriamente e determinam o grau evolutivo do sujeito.

A construção de personagens antagônicas, o desenrolar da vingança e seu consequente apaziguamento evidenciam o papel do teatro como a “arte do conflito”. Prado (2014), explica que o uso do antagonista no teatro é interessante porque evidencia as ações do protagonista e a submissão das personalidades ao confronto, permitindo que elas sejam melhor delimitadas. Com isso, os embates entre temperamentos, entre visões de mundo, de vida e ambições são estratégias úteis à exposição da sensibilidade e do caráter das personagens. Além disso, o autor expõe sobre o ritmo acelerado que os acontecimentos se desenrolam no teatro:

[...] paixões surgem à primeira vista, odiosidades crescem, travam-se batalhas, perdem-se ou ganham-se reinados, cometem-se assassinatos, tudo em alguns poucos minutos peçados de acontecimentos e emoção. Este tempo característico do teatro não poderia deixar de influir sobre a conformação psicológica da personagem, esquematizando-a, realçando-lhe os traços, favorecendo antes os defeitos de força que os de delicadeza – e nem por outro motivo a palavra teatral passou a ter o sentido de exagero já próximo da caricatura. (PRADO, 2014, p. 93).

Fotografia 5 – Os feijões e a experiência terrena



Fonte: A autora, 2018.

Os feijões (fotografia 5) representam na peça o trabalho de dona de casa executado pelas próprias irmãs, isto é, uma atividade do cotidiano. Na encarnação do passado, ao separar os feijões bons dos grãos ruins ou pedras, Serafina (ou Fininha, a irmã “malvada”) lamenta da condição simples, tornando este trabalho como marcador da sua condição social. Semelhante a esta situação, na encarnação do presente, a cena do feijão sendo escolhido se repete, porém,

agora por Felizmina, a irmã bondosa. Enquanto ela conversa com o marido que se arruma para uma entrevista de emprego, a filha – que nos tempos passados fora Lourdes Theresa e Serafina – queixa-se que já se passaram três encarnações e o feijão ainda não ficara pronto.

O riso é provocado por repetição da ação e não mais da palavra, portanto, o tom humorístico é combinado através de circunstâncias ocorridas em atos distintos ao longo da peça e por fim revelado. Segundo Bergson (1983), esse tipo de repetição é característico do teatro, no qual, a comicidade ocorre a partir da complexidade da recorrência do elemento representado na cena, buscando-se concilia-lo com naturalidade a fim de conferir a noção de coincidência.

Fotografia 6 – O pedido de casamento



Fonte: A autora, 2018.

Quando Serafina fica sabendo que a irmã quem se casaria com Lauro (fotografia 6), disse que estava feliz e tendo um derrame de tanta alegria pela irmã, apesar disso, o rosto dela estava paralisado de raiva. Inocente, a irmã disse que a amava. Quanto à expressão de Serafina temos clareza que é uma farsa exagerada, exterioriza corporalmente para a plateia o sentimento de negação da personagem, principalmente alicerçado na licença humorística para exagerar os defeitos. Porém, o contraste ocorre com a inocência da irmã que diz “Eu te amo” a alguém que era incapaz de amar, que estava absorva na maldade e planejando uma vingança.

Toda essa narrativa do passado recupera as lembranças vividas pelo espírito de Lourdes como a irmã malvada do passado. Em um diálogo com temas políticos da atualidade – tais como, corrupção, desvio de dinheiro e políticos –, o apego material e a traição são comparados ao ato de corrupção, gritam “Bandida! Bandida!” e gargalham. Então, a moral é que a felicidade deve ser mais valorizada que o dinheiro. São injúrias semelhantes às quais a personagem André Luz atravessa no Umbral de Nosso Lar por ter dado fim à própria vida:

Suicida! Suicida! Criminoso! Infame!” – gritos assim, cercavam-me de todos os lados. Onde os sicários de coração empedernido? Por vezes, enxergava-os de relance, escorregadios na treva espessa e, quando meu desespero atingia o auge, atacava-os, mobilizando extremas energias. Em vão, porém, esmurrava o ar nos paroxismos da cólera. Gargalhadas sarcásticas feriam-me os ouvidos, enquanto os vultos negros desapareciam na sombra. (XAVIER, 1987, p.21).

Em ambos os casos a gargalhada é sombria e revela um sentimento maldoso perante o estado de confusão e apego material. Vladimir Propp (1992) define este tipo de riso como riso mau, um riso que não suscita simpatia. Conforme o autor, é um riso correlacionado à personalidade descrente das características morais benevolentes. Portanto, aponta a falsidade e a hipocrisia merecedoras de escárnio.

Fotografia 7 – A reconciliação e a saída do umbral



Fonte: A autora, 2018.

Quando as irmãs se reconciliam e o mentor retorna para orientá-las para o caminho da luz, ele possui um discurso rebuscado, com gramática correta. Lourdes Theresa faz caras e bocas, arrasta a bolsa no chão com os pés por todo o caminho. Esta ação da personagem provoca o riso na plateia e desvia atenção do discurso, porém, denuncia o quanto é difícil desapegar dos itens materiais mesmo após tomar consciência da moral espírita e dos critérios de elevação espiritual.

Portanto, a atribuição de relação de interdependência entre o defeito humano de apego material ao objeto inanimado (a bolsa) torna-se motivo de riso. Assim como a comparação do ser humano a animais, as correlações dos mais variados objetos inanimados a homens e mulheres evidenciam para aquele que ri as relações negativas, de definição de caráter e de rebaixamento do sujeito (PROPP, 1992).

Então, vemos o processo de libertação do apego material se concretizar. Todavia, devemos nos atentar que a interdependência entre objeto e o morto também é marcante no que se refere à pureza e à impureza, ao gênero e à classe social em distintas sociedades, grupos ou práticas religiosas. Ao mesmo tempo, este apego material representado no mundo dos mortos está conectado à forma como os vivos lidam com os próprios pertences como *status* na sociedade capitalista, como também, geram significados para os objetos dos mortos. Como é o caso dos pomeranos, que enterram o cadáver junto com objetos significativos para a personalidade que partiu para o mundo dos mortos. Conforme afirma Bahia:

A ideia de poluição, que envolve os pertences do morto que não devem ser tocados ou sequer mantidos no mundo dos vivos, marca uma distinção entre ambos os universos e reorganiza a vida social para uma nova etapa, relembrando suas regras sociais. Objetos, animais e a terra puros e impuros são metáforas que expressão diferenças sociais, ou seja, explicitam a distinção entre mulheres e homens puros e impuros, vivos e mortos. (BAHIA, 2011, p. 309).

Ademais, a interação com espíritos obsessores dialoga com a doutrina espírita no que diz respeito às afinidades vibratórias entre o sujeito e o obsessor. Semelhante à explicação do Livro dos Espíritos acerca da afinidade entre espírito obsessor e espírito encarnado (Kardec, 2009b), o espírito de Lourdes que acabara de desencarnar – ainda sob os domínios e anseios da matéria – age em conjunto com o espírito das sombras e com vestimenta preta através da afinidade entre os defeitos e as qualidades da personagem.

Segundo a explicação de Kardec, os espíritos inferiores ou imperfeitos exercem influência a fim de testar a fé e a constância do indivíduo, porém, tal ação só é eficaz se aquele que é “obsediado” dá margem ou pensa de fato em executar uma ação que interfira na

ordem moral. Trata-se, portanto, de um lado, da tendência do indivíduo a ter pensamento de cobiça que atraem espíritos obsessores e, de outro, espíritos que criam a circunstância. “Eles aproveitam a circunstância, mas, frequentemente, a provocam, compelindo-vos, inconscientemente, ao objeto da vossa cobiça” (KARDEC, 2009b, p. 168).

Quando o mentor convida o espírito obsessor a ir em direção à luz e tem como resposta a recusa e, por conseguinte, a necessidade de enfretamento, estabelece-se uma conexão com a premissa de Kardec sobre a evolução dos espíritos ocorrerem a partir da vontade e livre-arbítrio do próprio ser. De acordo com a doutrina, a intervenção de espíritos “bons” na luta contra a influência dos “maus” ocorre a partir da vontade do indivíduo de mudar e, assim, pode-se cessar tal obsessão: no caso da personagem, ela muda do plano intermediário (umbral) para um novo processo de expiação carnal na Terra, enquanto que o obsessor continua nas trevas. Essa escolha entre o bem, o mal e o processo de aperfeiçoamento do espírito é o que o espiritismo define como livre-arbítrio, o qual:

[...] se desenvolve à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo. Ele não teria mais liberdade se a escolha fosse determinada por uma causa independente de sua vontade. A causa não está nele, está fora dele, nas influências a que cede em virtude de sua vontade livre. É a grande figura da queda do homem e do pecado original; alguns cederam à tentação, outros resistiram. (KARDEC, 2009b, p. 67)

A codificação espírita define que os espíritos são separados por ilimitadas ordens de “perfeição”, sendo que três podem ser destacadas como principais: espíritos puros – sem influência da matéria, estariam no mais alto patamar da “evolução” –, espíritos intermediários ou na metade da escala – estão preocupados com o exercício do bem – e, por fim, os espíritos imperfeitos – dominados pela ignorância, desejo do mal e paixões mundanas. Todavia, essa escala não é considerada como definitiva, o espírito tem liberdade para se aperfeiçoar. “São os próprios Espíritos que se melhoram e, melhorando-se, passam de uma ordem inferior para uma ordem superior” (KARDEC, 2009b, p. 63).

Assim, vale notarmos que o espírito mentor é interpretado pelo mesmo ator do personagem do Lauro (fotografias 6 e 7). Como o mentor mesmo revelará esses encadeamentos de vida quase no ato final, esse recurso indica que o espírito já passara pela etapa de vingança e ódio, mas adquiriu “evolução” espiritual e sabedoria à medida em que foi perdoando.

Fotografia 8 - A reencarnação



Fonte: A autora, 2018.

Por fim, os três reencarnam no contemporâneo como forma de reconciliação dos erros: Lourdes Theresa agora é a filha de Felizmina e Lauro, os três vivem uma vida simples. O homem está saindo para uma entrevista de emprego (fotografia 9), a esposa continua bondosa e amorosa, e Lourdes é uma criança. As vestimentas são contemporâneas, bem como, o celular é um meio de comunicação importante para demarcar o tempo. Assim, o espírito mentor reencarna com a finalidade de purificação e auxílio às antigas rivais, que se encontram em processo de expiação e provas.

Há, portanto, dois momentos em que os meios de comunicação aparecem nos atos: nas fotografias na sombrinha de Felizmina no umbral, representando a memória do passado, e o celular no presente. Nos dois casos, os aparatos tecnológicos de comunicação aparecem correlatos ao plano material enquanto que as comunicações no plano espiritual ocorrem por meio do pensamento ou da fala. Desta maneira, os meios de comunicação exercem as funções de transmissão da mensagem, como também, de extensão da memória, evidenciando que, enquanto tecnologias de extensões individuais humanas, elas atravessam as nossas relações sociais e o complexo psíquico (MCLUHAN, 1969).

Tais tecnologias também podem designar marcos temporais da reencarnação desses espíritos, cujos acontecimentos são do período em que uma tecnologia determinada – tal como a fotografia ou o celular – já havia sido criada e apresentava consequências para a vida

cotidiana. Por outro lado, embora distantes no tempo, estas tecnologias ainda coexistem e o advento de uma não impeliu o desaparecimento de outra, elas se interpenetraram e, inclusive, dão origem às mídias híbridas (BURKE, 2008).

Esta comédia pode ser definida como uma proposta de evidenciar os maus costumes, sem a finalidade de rir daquilo que causa revolta ou provoque grande ofensa. Embora mal-entendidos ou problemas na construção de identificação possam ocorrer, tal como relatado pelo diretor Fábio de Luca. A comicidade permite que as qualidades negativas da alma ou da matéria humana sejam confrontadas com as positivas, em relação ao que se compreende como moralmente correto no interior da doutrina espírita. Portanto, quase todas as ações humanas são passíveis de riso – aparência, intelecto, desejo – menos aquelas que causam dor e sofrimento, pois rir da dor e do sofrimento alheio indica “monstruosidade” (PROPP, 1992).

Sendo o acerto de contas espirituais importantes através do matrimônio e da reencarnação como pais e filhos. No que diz respeito a essas relações, Allan Kardec (2009b) nos posiciona que a união de dois seres através do matrimônio é parte da “lei humana” a fim de levar o progresso à humanidade, pois, além da solidariedade de um para com outro, a união constante controla os impulsos instintivos animais ou naturais; já a paternidade e a maternidade são considerados como uma missão de poder conduzir a criança pelos caminhos do bem e construir seu caráter. Pensar a reencarnação dentro da perspectiva de reparo, para ele, estende os laços construídos não só entre a família, mas também com o semelhante:

A parentela, estando baseada sobre as afeições anteriores, os laços que unem os membros de uma família são menos precários. Ela aumenta os deveres da fraternidade visto que, entre vizinhos ou entre os servidores, pode se encontrar um espírito que esteve ligado a vós pelos laços consanguíneos. (KARDEC, 2009b, p. 92).

Considerando a importância de Chico Xavier e o espírito mentor Emmanuel para o movimento espírita brasileiro, enquanto um abraqueiramento do espiritismo francês (LEWGOY, 2008), a partir do livro *Vida e Sexo* (XAVIER, 2013) complementa-se que nem filho e nem pais são pertencentes uns aos outros, mas atravessam em comunhão um período de provas e expiações. No que diz respeito ao matrimônio, a atração sexual obedece não somente fins de procriação ou gênese, mas também de mútua colaboração através do entrelace e necessidade de permanência de troca energética e de sentimentos afetivos ou amorosos.

Assim, o reencontro das três personagens em posições familiares ou vínculos diferentes na peça ocorre como forma de reajuste, desligamento e libertação dos erros do passado e das uniões infelizes (XAVIER, 2013). Através da reencarnação, os problemas

familiares são expostos e explicados e, na posição de filha, o espírito de Serafina ou Lourdes Theresa tem a possibilidade de acertar as contas com os espíritos de Lauro e Felizmina, também em novos invólucros carnis. Logo, todos eles também atravessam novas experiências físicas, espirituais, psicológicas e sentimentais.

Por fim, vimos como o discurso sobre o riso e a morte pode ser performado no teatro correlato à doutrina espírita. Com isso, as bibliografias espíritas de Allan Kardec e a brasileira de Chico Xavier são recursos importantes para a construção de representação e performance no teatro de humor espírita. Sendo a simulação do teatro auxiliar tanto na visualização do que é ou não ser espírita, quanto na visualização de como as vidas podem se entrelaçar nos moldes do livre-arbítrio, de reencarnação e da caridade.

As tecnologias de comunicação aparecem em alguns dos atos, bem como, é importante para a divulgação e circulação do trabalho teatral e audiovisual dos idealizadores. Desta forma, no capítulo subsequente, desejamos observar o campo religioso e os usos da mídia pelos espíritas, analisando a produção audiovisual dos Amigos da Luz no YouTube. Então capítulo seguinte, pretendemos refletir de que maneira o contemporâneo e as tecnologias da comunicação, em particular a internet, afetam as temporalidades imaginárias e construções identitárias do sujeito espírita.

3 Esquetes cômicos espíritas: apropriações da codificação espírita

Quanto ao riso, lembro-me da afirmação de Reinhold Niebuhr, de que o riso é o início da oração. Só Deus tem o direito de se levar a sério. Quem compreende isto tem a liberdade não só de rir dos outros que se levam a sério, como também de rir de si mesmo. E quem é capaz de rir de si mesmo começou a andar no caminho da bondade e da mansidão. Os sérios estão condenados a ser inquisidores. (ALVES, 1984).

A partir das abordagens realizadas nos capítulos anteriores, este terceiro capítulo busca compreender as seguintes questões: De que forma as representações audiovisuais da doutrina espírita estão imbricadas de aspectos socio-históricos, que compõem o jogo de negociação entre o individual e o coletivo na doutrina espírita? Como o humor pode ser um elemento diferencial? Como tais construções identitárias são representadas na internet?

A presente dissertação parte da concepção de que através da construção narrativa – seja do teatro, seja dos esquetes cômicos audiovisuais – sujeitos representam o pertencimento a um grupo, bem como, sua identidade. Desta maneira, tal como Patrick Charaudeau (2016), compreende-se que o discurso falado, contado ou escrito é organizado de acordo com a identidade e a imagem que um sujeito tem do seu interlocutor, cuja “situação de comunicação determina a identidade social e psicológica de pessoas que comunicam” (CHARAUDEAU, 2016, p. 76). Segundo este autor, no ato comunicativo não está somente em evidência a identidade psicossocial do sujeito (carregada de subjetividade), mas também a identidade acerca do papel desempenhado ou da função social – tal como a instância que representa no ato de enunciação ou de recepção da mensagem.

Isto é, conforme o nosso caso de análise, há, de um lado, atores que são sujeitos com suas subjetividades e que se definem como espíritas no cotidiano e, de outro, uma companhia em perspectiva coletiva que aborda a temática espírita, cujos espectadores são o destinatário final. Sendo que a mensagem é transmitida e recebida através do “Canal Amigos da Luz”, cuja plataforma do YouTube oferece duas propostas: primeiro, a estrutura textual de caráter descritivo do vídeo, a qual explicita o tema abordado durante o produto audiovisual; segundo, o audiovisual de caráter narrativo. Há espaço para comentários dos inscritos e o gênero da narrativa é de caráter humorístico. Logo, tal representação é construída a partir da

“narrativa de forma breve”⁴² e o receptor observa indivíduos e formas de vida que podem tanto transmitir empatia quanto apatia, pois, “contar é também construir um universo de representação das ações humanas” (CHARAUDEAU, 2016, p. 154).

Observamos que os vídeos utilizam, com certa recorrência, referências das músicas populares – paródias com funk, piadas sobre o sertanejo universitário etc. –, do cinema – tal como “Sexto Sentido” ou referência à princesa da Disney –, assim como referências às discussões políticas do ambiente virtual ou de imaginários da literatura espírita. Tais mensagens dialogam diretamente com usos e funções sociais do YouTube, pois é “um site que a mídia é citada e recombina, em que a mídia caseira ganha acesso público e várias subculturas produzem e compartilham mídia” (JENKINS, 2009, p. 144). Assim, de acordo com Henry Jenkins,

[...] o modelo de negócio do YouTube cria valor por meio da circulação. Suas capacidades técnicas características fazem com que a ancoragem do conteúdo do YouTube em outros lugares seja apenas uma simples questão de copiar e colar o código, permitindo que os vídeos sejam inseridos em diferentes mercados culturais e ecologias sociais. Mais, essa fluência descontrolada de conteúdo de mídia cria ambivalências e ansiedades – não somente para os detentores de direitos comerciais, mas também entre os produtores amadores de mídia. Considere, por exemplo, o caso de vídeos de fãs de música que remixam filmagens de programa de televisão famosos com música popular, criando um modo diferente de comentário cultural. Embora muito da cultura do remix seja apresentado em forma de paródia, esse gênero intensifica a experiência emocional do material original, nos aprofundando ainda mais nos pensamentos e emoções dos personagens principais. (JENKINS, 2009, p. 153)

O audiovisual, neste caso, possui caráter digital e permite interação entre os produtores de conteúdo e os receptores da mensagem. O vídeo pode ser concebido como um produto, ambíguo, com formas múltiplas, passível de instabilidade e complexidade conforme o dispositivo e o espaço perceptivo, abarcando uma gama de manifestações. Assim, de acordo com essa proposição, o vídeo pode ser duplamente direcionado: primeiro, carregado de similaridades com a televisão e o cinema (roteiro, câmera, edição) e transmitidas em telas (grandes ou pequenas); segundo, enquanto instalações artísticas, que demanda a interação perceptiva, física e ativa do receptor – inclusive, há instalações cujos vídeos não são gravados, a câmera apenas capta a imagem para que o receptor interaja com a proposta do produtor e construa a mensagem conforme a ocasião. (DUBOIS, 2004)

⁴² Os vídeos têm aproximadamente entre dois a quatro minutos de duração. Ademais, narrativa de forma breve é o modo como Patrick Charaudeau chama um tipo da construção de crença do imaginário, na qual ele esta característica proveniente do romance realista como inerente a adaptação à “essa visão compósita, não homogênea do homem, de sua vida, de sua psicologia. É a forma das novelas, que contam *fragmentos da vida*, a *dos retratos* e das *fábulas satíricas* que ‘se nutrem de pedaços de ser’ (sob o álbi de uma lição de moral)” (CHARAUDEAU, 2016, p. 156).

Desta forma, Philippe Dubois insere o vídeo num espaço liminar entre cinema, televisão e arte, cujos usos do computador vem ganhando espaço. É interessante ressaltar que nossos informantes pretendiam realizar um filme sobre espiritismo e humor, mas optaram por vídeo devido aos custos mais baixos para execução. Embora o vídeo no YouTube possibilite que o usuário experimente linguagens distintas, eles se aproximam da primeira direção entre o cinema e a televisão, que apontamos acima – de acordo com as diretrizes vigentes em 2018, o YouTube demanda que os conteúdos veiculados sejam de cunho familiar. Ademais, esteticamente, o vídeo “se movimenta entre a ficção e o real, entre o filme e a televisão, entre a arte e a comunicação” (DUBOIS, 2004, p. 69).

As produções audiovisuais escolhidas foram produzidas pelo “Canal Amigos da Luz”, de forma independente. Os apoios de divulgação sinalizados nos vídeos são: da Rede Amigo Espírita, uma rede social virtual de espíritas, e da Rede Boa nova, uma rádio espírita AM. Dentre os 204 vídeos de esquetes cômicos e transmissões ao vivo publicados no canal⁴³, selecionamos e observamos 45 vídeos: priorizamos os anos de 2015 e 2016, pois são os anos de formação do conteúdo do canal. Entretanto, selecionamos alguns vídeos do ano de 2017, levando em conta dos seguintes critérios: primeiro, dois vídeos que têm como base a relação do pensamento e comportamento do espírita com a tecnologia; segundo, quatro vídeos relacionados ao posicionamento do grupo em relação ao trabalho e de terceiros, sendo dois publicados em canais espíritas – TV Nova Luz e Rede Amigo Espírita. Com base nisso, separamos os vídeos nas seguintes temáticas que lidam com a cosmologia espírita: a) Deus / Jesus; b) Prece; c. Mediunidade / Espíritos; d) Personalidade espírita / Diversidade; e) Vida passada; f) Despedida / Passagem para o plano espiritual; g) Sobre a Companhia Amigos da Luz.

A partir do contato com esse material, foi possível esquematizar o nosso roteiro de entrevista com os membros da Companhia Amigos da Luz de forma que também abordasse a produção audiovisual e nos auxiliasse no processo de análise. Embora nosso escopo de análise aborde a relação entre produção, circulação e a própria mensagem, ao observarmos os esquetes cômicos audiovisuais, com curta duração, nos fez questionar quem seria o público receptor. Seria um público jovem? Um público interno ou externo? Ao mesmo tempo em que parece ter a intenção de propagar a doutrina para um público mais jovem, o humor do Canal Amigos da Luz parece ser interno, para os espíritas e simpatizantes que se preocupam com o religioso.

⁴³ Disponível em: <<https://www.YouTube.com/user/CiaAmigosDaLuz>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

De acordo com os entrevistados, Fábio de Luca e Sidney Grillo, a maioria do público presente nas peças conheceu o trabalho do grupo através do YouTube. Desta forma, os vídeos publicados na plataforma e o uso de outras redes sociais virtuais – tal como *Facebook* – seriam as formas mais eficazes de divulgação das peças, embora eles coletem cartazes em locais físicos, em algumas oportunidades. Alegam que o recurso de monetização do YouTube, a partir das visualizações, traz pouco retorno financeiro, pois eles não estão associados a marcas e têm um pouco mais de 200 mil inscritos. Logo, eles enfatizam que a maior finalidade da plataforma é a divulgação e publicidade do trabalho, aliadas à construção audiovisual da mensagem espírita.

Trata-se um canal com expressivos números de visualizações por vídeos (entre 20 mil a 400 mil visualizações nos esquetes e entre 1 a 6 mil visualizações, nas transmissões ao vivo de estudo da doutrina) e com uma quantidade relevante de inscritos. Entretanto, precisamos levar em conta que a plataforma possui lógicas próprias de distribuição e alcance dos vídeos, cujos canais com mais acessos e interações recebem mais destaque que outros. Inclusive, no que diz respeito aos padrões étnicos e econômicos, cujo “conteúdo das minorias obviamente circula pelo YouTube, viajando através de várias redes sociais até alcançar seus nichos de público, mas há pouca ou nenhuma chance que esse conteúdo chegue a uma audiência maior por causa da escala na qual o YouTube funciona”⁴⁴ (JENKINS, 2009, p. 163). Os conteúdos não são equitativamente distribuídos – principalmente, os de amadores e com poucos inscritos –, tal como argumenta Jenkins:

Algumas formas de produção cultural são acolhidas dentro das tendências de preferências dos visitantes do site e dos interesses comerciais dos proprietários do site. Outras formas de produção cultural são empurradas para a periferia do espectro por se situarem fora das preferências e interesses dominantes. E algumas – como pornografia amadora, vídeos de nudismo etc. – são sumariamente excluídas. (JENKINS, 2009, p. 162).

Assim, segundo os entrevistados, a audiência do “Canal Amigos da Luz” é composta, em sua maioria, por adultos entre 35 e 50 anos. Sendo que as mulheres de 35 a 45 anos compõem a maioria da média dos receptores. Logo, neste primeiro momento, a audiência dos jovens-adultos é secundária em relação aos adultos. Para eles, a audiência dos jovens e adolescentes ocorrem em duas etapas: (1) a partir dos pais e tias, que compõem a maioria da audiência do canal, visto que são os adultos que mais consomem o conteúdo; (2) no centro espírita, a partir do estudo da mocidade. Já a motivação pela falta de interesse dos jovens,

⁴⁴ No YouTube Brasil, as minorias étnicas, de gênero etc. têm ganhado expressividade, porém, há relatos de produtores acerca da dificuldade de alcance da mensagem.

segundo os informantes, seria: (1) falta de interesse na religião; (2) a temática do canal, que possui linguagem que remete à religião, tal como Deus etc. Relatam:

Fábio: Eu acho que é mesmo pela demanda dos jovens. Eles não estão muito a fim de religião, a maioria está de saco cheio desse assunto. Então, você pega um dos nossos primeiros vídeos “O que é Deus?”, “Prece com pressa”, são palavras que não são muito atraentes para os jovens. A gente tenta botar um *thumbnail*⁴⁵ [careta] para ver se atrai, mas acho que não interessa. Agora, quando eles veem... tipo, a mãe... Geralmente, é assim, a mãe mostra, tipo: “Olha, que legal”. Aí, o filho: “Pô, maneiro”. Tipo, alguns, graças a Deus, muitos deles se inscrevem, passam a acompanhar e tal. E a gente tem tido muitos depoimentos de pais que não tinham... pais espíritas chamaram os filhos para ir no centro, falar sobre um assunto, no culto no lar, que é uma coisa bastante comum entre os espíritas. E aí, eles não tinham muito interesse e com os vídeos passaram a ter mais interesse porque viram que pode ser legal, pode falar de uma maneira...

Sidney: É, e tivemos até um depoimento de um pai, né, falando que os dois filhos deles passaram a ir ao centro espírita depois que começaram a assistir aos vídeos.

Fábio: Muitos e muitos assim. É um dos *feedbacks* mais comuns que a gente tem assim. Então, é por isso, né, as mães, as avós, as tias espíritas que gostam do assunto, já estão buscando palestras, que está cheio o YouTube, acabam vendo esses vídeos e consomem para atrair os mais jovens da família. Acho que deve ser isso. (Informação verbal.)⁴⁶

Assim, de acordo com as falas dos entrevistados, os vídeos ajudam a despertar o interesse dos jovens para a doutrina, o que nos levanta a hipótese de que o produto midiático de caráter religioso, com linguagem mais coloquial, pode contribuir para que um público se interesse em frequentar o centro espírita.⁴⁷ Quanto à região, há certa disseminação pelo país, porém, Rio de Janeiro e São Paulo são predominantes, seguidos da região Sul e depois as regiões se tornam mais difusas. Ademais, os informantes também relataram haver receptores fora do país. Com base nessas informações relatadas, perguntamos se a expressividade do Sudeste, em especial o Rio de Janeiro, havia relação com o número de espíritas que possui um dado notório no estado, compondo a maioria em relação a São Paulo e Minas Gerais, no Censo do IBGE de 2010.⁴⁸ Entretanto, afirmaram que, conforme as métricas disponibilizadas pelo Google, as pessoas que mais visualizam o canal são naturais do estado de São Paulo.

⁴⁵ *Thumbnail* é a capa dos vídeos do YouTube, geralmente, é utilizada pelos produtores de conteúdo para atrair audiência.

⁴⁶ LUCA, Fábio de; GRILLO, Sidney. Entrevista Companhia Amigos da Luz – Sidney Grillo e Fábio de Luca. [jul. 2018] Entrevistadora: Grazyelle Fonseca. Rio de Janeiro, 2018. 1 arquivo .mp3 (47:30).

⁴⁷ Tal questão não é somente pertinente à doutrina espírita: segmentos evangélicos, por exemplo, têm criado conteúdo audiovisual, no YouTube, para manter seguidores e atrair jovens cristãos que estão afastados da Igreja, como por exemplo, Fabiana Bertotti, membra da Igreja Adventista do Sétimo Dia, possui um nicho voltado para a jovem mulher evangélica e casada, ou Priscilla Alcântara, cantora gospel que relata suas vivências de uma jovem seguidora da Bola de Neve, entre outras.

⁴⁸ De acordo com o Censo do IBGE de 2010, os espíritas são mais expressivos na região Sudeste, sobretudo, no Rio de Janeiro.

Outra informação relevante é que eles perceberam que muitos que assistiam ao canal não conheciam a “codificação espírita”. Neste sentido, as transmissões ao vivo, que pareciam ser secundárias no canal, começaram a ser cobradas pela audiência, bem como têm funcionado como instrução informal. Isto é, funciona como um estímulo para que o indivíduo estude sozinho a doutrina, mas evidenciam que um centro espírita deva ser procurado para um estudo complexo ou, de um certo modo, mais pedagógico:

Muita gente que assistia ao canal não conhecia O Livro dos Espíritos e nem Kardec. Achava... Conheceu o espiritismo assim: leu Violetas na Janela, sabe que o Chico Xavier era muito importante e você pode ter uma carta da sua avó que morreu e era isso. E Kardec, alguns achavam que era médium também. Não tinham a menor ideia de fato o espírita. Então, a gente pensou: “Bom, já que o canal atinge muita gente, vamos fazer um trabalho onde a gente possa trazer *O Livro dos Espíritos* e a figura de Kardec para ser mais conhecida, até para a gente ter mais riqueza dos assuntos tratados nos vídeos”. Porque senão a gente pode falar de coisas que a pessoa não... Se fugir disso de falar com parente que já morreu, vida após a morte... Se a gente for falar de outra coisa menos comum nessa superfície do que seria o espiritismo, eles não iriam entender. Então, é uma maneira de até formar plateia para a gente. (Informação verbal)⁴⁹

Entretanto são os esquetes cômicos que compõem o principal gênero comunicativo utilizado pelo grupo na internet, cuja ironia é um recurso importante para evidenciar os desvios de conduta. De acordo com Propp (1992), é através dos instrumentos linguísticos de zombaria e comicidade que o homem evidencia seus traços da sua vida espiritual. Dentre os instrumentos, o autor aponta trocadilhos, paradoxos, tiradas / chiste e ironias. Com isso, observamos que a definição de ironia, enquanto uma construção que evidencia uma ação, mas subentende outra (exemplo, uma situação que evidencia uma ação positiva, mas que a conduta ou fala da personagem deixa subtendida uma conotação negativa, oposta ao evidenciado), possibilita que possamos compreender a construção do sentido através dos esquetes cômicos em análise. “A ironia revela assim alegoricamente os defeitos daquele (ou daquilo) de que se fala. Ela constitui um dos aspectos da zombaria e nisto está sua comicidade” (PROPP, 1992, p 125).

Ou seja, é a definição do defeito através da qualidade que realça o aspecto negativo (no nosso caso, trata-se de uma demanda de autocrítica do espírita diante da exposição das condutas negativas do sujeito em “evolução”, mesmo quando ele pensa que sua ação é benéfica). Assim como Propp, é preciso ressaltar que a comicidade e zombaria (cuja ironia é

⁴⁹ Entrevista concedida por LUCA, Fábio de. Entrevista Companhia Amigos da Luz – Sidney Grillo e Fábio de Luca. [jul. 2018] Entrevistadora: Grazyelle Fonseca. Rio de Janeiro, 2018. 1 arquivo .mp3 (47:30).

um dos seus recursos) pode ser inocente e boa ou ser uma arma afiada e precisa a depender do produtor da mensagem e da intenção que se pretende atingir.

3.1 Canal Amigos da Luz: o discurso de humor espírita na internet

De certa forma, considerar que a religiosidade possa se expressar para além do centro espírita, através das preces e estudos doutrinários coletivos, através de computadores, no quarto ou na sala de casa, nos aproxima da proposta de evangelho no lar muito reivindicada por Chico Xavier. Embora indivíduos possam conversar sobre a doutrina sem sair de casa, a dinâmica virtual é distinta do núcleo familiar: desenrola-se através de transmissões ao vivo de estudo informal da doutrina entre pessoas conectadas de diferentes lugares do país ou até de outros países.

Devido a isso, os informantes não consideram que esta reunião de estudos de frente para câmera do computador e interagindo com mensagens de inscitos por bate-papo seja uma espécie de “evangelho no lar”, mesmo havendo o momento destinado para a prece. O cuidado em não se definir enquanto um lugar midiático de prece é uma busca por afirmar a legitimidade do centro espírita e, por outro lado, também nos remete à tese acadêmica acerca da “ciber-religião”, que é compreendida enquanto uma perspectiva negativa, na qual, Miklos (2010) argumenta que o não comprometimento do corpo e do espaço, através da religião experienciada à distância sob a forma de velas, terços e peregrinações virtuais, é fruto de uma sociedade rendida aos signos da visualidade e do valor de mercado.

A perspectiva de Miklos parece dialogar com uma perspectiva um tanto iconoclasta, onde ele percebe que há um abandono do corpóreo e multissensorial em primazia do auditivo e visual, cuja religiosidade experimentada pelo religioso é vazia. Entretanto, assim como Arlindo Machado (2001), compartilhamos da perspectiva de que o papel efetivo das mídias é construído através de um processo de negociação entre os produtores da mensagem, a própria mensagem ou sentido, os interpretes / receptores e as instâncias sociais cuja mensagem será aplicada, não sendo, portanto, uma realidade dada a priori ou uma fatalidade histórica. O sujeito constrói os sentidos através da realidade que o cerca, sendo que as tecnologias de comunicação têm cada vez mais se imbricado ao ambiente cotidiano e à experiência dos corpos. Acreditamos que a religião no espaço virtual pode funcionar com outros vieses: aproximação dos sujeitos, desconstrução de perspectivas enraizadas no senso comum ou ser

mantenedora dos preceitos existentes através da construção de representação. O ambiente virtual possibilita que seguidores comuns da doutrina construam suas interpretações e sua identidade através da forma simbólica e não somente a instituição oficial.

De acordo com a concepção relatada, a noção de lar remete a um lugar geográfico com um núcleo familiar estruturado, logo, a conexão entre pessoas para estas transmissões ao vivo representa mais uma forma de conexão com o “alto”, com a “espiritualidade superior” em tom informal. Assim, não se trataria de uma tentativa de substituição do vínculo familiar através da tecnologia de comunicação, mas de estimular o contato e a vivência com a doutrina.

Consideramos que é também uma maneira de dialogar com as demandas do contemporâneo onde as expressões religiosas aparecem cada vez mais destituídas do caráter de Igreja, onde os sujeitos estão cada vez mais autônomos, cujas pertencas religiosas são opcionais. Além disso, com a diversificação e fragmentação das religiões, estas se tornam competitivas para atrair fiéis (RANQUETAT JR., 2009) e o espaço virtual tem sido uma ferramenta com custo baixo para constituir nichos religiosos.

O grupo alega que o projeto audiovisual do Canal Amigos da Luz é baseado na codificação espírita de Allan Kardec a fim de evitar possíveis equívocos da doutrina, pois o humor deve também ser levado com seriedade e compromisso, sendo o seu oposto a irresponsabilidade, a falta de compromisso. Porém, eles não teriam conseguido seguir a ordem dos capítulos do “*Livro dos Espíritos*”, abordando assuntos variados nos vídeos (inclusive, há vídeos cujas questões do livro são indicadas para leitura nas descrições), sendo as transmissões ao vivo uma forma de seguir este livro:

[...] a gente pensou, a princípio, em fazer os vídeos seguindo os capítulos do Livro dos Espíritos. Os vídeos seriam nessa sequência porque a ideia era que pudesse ser utilizado em algum estudo e tal e tivesse um vídeo para cada capítulo. Só que a gente acabou não levando adiante isso porque nos falta “disciplina, disciplina, disciplina” [risos]. Aí, a gente achou por bem falar de outros assuntos e aí ficamos sem uma ordem exatamente, mas aí a gente sempre busca no Livro dos Espíritos, na Codificação, a base dos vídeos que a gente faz. Isso aí é um ponto muito importante para a gente. Para que a gente não corra o risco de passar um conceito equivocado. Já que os vídeos são tão vistos, a gente não pode correr esse risco, precisa ter responsabilidade muito grande com isso. É humor, mas é sério. Aliás, uma coisa muito comum é a pessoa achar que o contrário de humor é seriedade. Que uma coisa seja oposta à outra. Mas, não, o oposto de sério não é a brincadeira, o engraçado. O oposto de sério é a falta de compromisso. Quando você não tem compromisso com uma coisa, aí, sim, você não tem seriedade, de fato.⁵⁰

⁵⁰ Relato em palestra para a 40ª Feira do Livro Espírita de São José do Rio Preto. LUCA, Fábio de. Bate-papo com a Cia. Amigos da Luz no Ribeirão Preto Shopping, transmitido pela Rede Amigo Espírita em 11 de março de 2017. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://youtu.be/ah_TouqTMx0?list=PLaWJN9ikdpvqIWJcsGQ0QzOvJG6GizKzV>. Acesso em: 22 ago. 2017.

No vídeo “Retrospectiva 2015 – Quem somos nós”, de 25 de dezembro de 2015 (duração de 24:01), eles abordam um pouco mais essa perspectiva:

Nosso primeiro vídeo oficial do canal é o vídeo “O que é Deus?”. A gente pensou em fazer os vídeos a partir dos capítulos do livro dos espíritos para ficar uma coisa coerente, ter um encadeamento coerente. Mesmo que não fosse uma história sequencial, mas ter um... seguir ali um.. Porque o nosso objetivo, a princípio, seria criar um material de uso dos cursos e tal. Então seria interessante ter essa sequência bem definida. Só que a gente fez o primeiro, “O que é Deus?”, e depois a gente já queria falar sobre prece porque era um assunto que a gente estava vivendo naquele momento e já pulamos já. A prece estava lá no final do livro e a gente resolveu fazer logo o da prece e tiramos essa ideia de seguir os capítulos, mas o “Livro dos espíritos” e a codificação ainda é a nossa base. É onde a gente se escora nesses temas sempre.

Considerando que os vídeos são interpretações da doutrina, o que seria evitar equívocos doutrinários? Primeiramente, há uma construção narrativa do grupo que busca se fundamentar e se consolidar no fato de ser atrelada à doutrina codificada por Allan Kardec; segundo, que há um mercado de bens culturais relativos à doutrina espírita que constrói imaginários e ritualizações nem sempre amparados na literatura que se estruturou como base do espiritismo, inclusive, inspiram-se na literatura de Francisco Cândido Xavier; terceiro, uma defesa pela possibilidade de se trabalhar com humor no âmbito religioso.

Com isso, ao tomar como base o *Livro dos Espíritos* para fundamentar os vídeos, o grupo também forma sua posição dentro do espiritismo: a defesa pela leitura dos livros de Allan Kardec. Isto fundamenta, inclusive, a interpretação de Deus e Jesus que eles argumentam nos vídeos “Que é Deus?” e “Boa Nova”. Vejamos o quadro abaixo:

Quadro 1 – Concepções de Deus e Jesus

| Divindades | Vídeo | Concepções centrais | Piada ou Ironia |
|------------|---|--|--|
| Deus | “Que é Deus” 20 de março de 2015 Duração 3:14 | <i>Livro dos Espíritos</i> , “As causas primeiras”, capítulo 1, “Deus”. Deus é uma entidade que não é homem, mulher e nem animal. Não é possível de defini-lo. É justo, bom e todo poderoso, é uma força suprema acima da capacidade humana. Na piada, o filho tenta fazer uma situação hipotética em caso desaparecimento, logo, evidencia que Deus é evidente nas situações de desamparo, de anomia, que não há nada além | Ela fala de Deus, mas não consegue acertar que esta divindade estaria acima de todas as coisas e só consegue fazer menção à criação humana: -Mas, e se nada adiantasse, se nada adiantasse de fazer e você nunca mais me achasse? -Não sei, meu filho. Eu só sei que eu nunca iria desistir de você. Eu acho que todos os dias, eu iria rezar, pedindo a Deus para que você... Eu sou o disque- |

| | dele. | <i>denúncia!!!</i> |
|-----------------|--|---|
| Jesus de Nazaré | <p>“Boa Nova” 26 de março de 2016 Duração 2:32</p> <p><i>Livro dos Espíritos</i>, “As leis morais”, capítulo 1, “A lei divina ou natural”. É noticiada a crucificação de Jesus, um profeta judeu, e a sua chegada ao plano espiritual. O âncora do telejornal interage com o comentarista do plano espiritual, este deseja evidenciar a importância da vida de Jesus para a humanidade, o “espírito mais puro que já pisou pela Terra”.</p> | <p>A notícia de destaque não é o espírito modelo para a moral humana, mas o esquema de corrupção na Terra:</p> <p><i>-Política: vazaram novas gravações autorizadas pela justiça, envolvendo dois prefeitos. Temos a transcrição. Abre aspas: Você tem alma de pobre, Pilatos. Monte Gólgota, aqui é como se essa crucificação tivesse sido em Maricá. Aquele lugar é uma.. – e ele disse um palavrão, outro palavrão e outro palavrão.</i> [Referência à conversa que vazou entre o ex-presidente Lula e o ex-prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, em março de 2016.]</p> |

Fonte: A autora, 2018.

Assim, o primeiro vídeo do canal baseado no *Livro dos Espíritos* faz referência à primeira questão do capítulo “Deus”, “Que é Deus?”. De acordo com este livro, “Deus é a inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas” (KARDEC, 2009b, p. 35), a prova da existência desta divindade estaria em tudo aquilo que não fora criado pelas mãos humanas. Assim, o esquete cômico apresenta a situação de um jogo entre amigos para descobrir o nome da personalidade colada no rosto de cada participante. Entretanto, Deus é, para eles, uma entidade difícil de definir, afirmam não haver possibilidade de conhecer muito sobre Deus visto que tal descoberta levaria o homem ao orgulho por conhecer tal mistério. A personagem não consegue acertar a charada (quadro 1), porém, as pistas foram retiradas das questões acerca da essência de Deus, daí a narrativa deixa implícita a importância de se estudar a doutrina.

Já em “Boa Nova”, há uma crítica aos moldes do telejornalismo, cujo fato noticioso é evidenciado a partir da morte ou de um escândalo político em detrimento da importância de propagar um modelo a ser seguido para a humanidade. Com isso, a perspectiva abordada busca narrar como seria a transmissão da notícia da passagem de Jesus para o plano espiritual,

após sua crucificação. Na descrição do vídeo, percebemos que há menção à questão 625 do Livro dos Espíritos, a qual caracteriza Jesus como “o tipo mais perfeito que Deus ofereceu ao homem para lhe servir de guia e modelo” (KARDEC, 2009b, p. 207), pois ele seria a perfeição moral.

De acordo com os entrevistadores, eles já conheciam os livros da doutrina antes de começar as peças e o canal. Logo, eles já estavam familiarizados com a linguagem formal do espiritismo. Porém, quando eles conversam sobre a doutrina nas transmissões ao vivo, algumas palavras da tradução requerem o uso do dicionário, pois a conotação do passado nem sempre se adequam aos usos atuais. Por outro lado, eles acreditam haver uma mudança de geração, então, compartilham da incerteza quanto às influências dos usos das redes sociais na capacidade cognitiva dos sujeitos, inclusive, deles mesmos.

Eu era já leitor, eu lia muito. Então, eu já estava mais familiarizado com a literatura de maneira geral. Eu adorava Aghata Christie, eu lia umas coisas assim que não tinham uma linguagem que se compare com a do Kardec. Mas eu adorava. Machado de Assis... Então, eu tinha uma experiência em ler e lidar com o vocabulário que você não conhece e tem que buscar. Mas, hoje em dia, eu acho que está muito diferente a geração, o tempo que as pessoas dispensam para a leitura... eu não sei, cara... Eu não sei como está. Esse negócio de ter *tweet*, que tem 140 caracteres, você ter limite de caracteres para se comunicar... Dificultou... Eu vejo muito jovem – não só jovem, não, gente mais velha, eu mesmo, eu mesmo! –, às vezes, sem saco para ler um texto, “Textão” no Facebook virou uma... “ó, gente, vai ter textão”, você tem que avisar. É quase que você estivesse entrando com um pé enlameado na casa de alguém: “ó, desculpe, eu tenho mais de dez linhas aqui...”. Pelo amor de Deus. As pessoas não conseguem ler um texto mais, infelizmente. Infelizmente, não sei... É a maneira como a atualidade lida com a informação. É diferente. É mau? É pior? É bom? Eu não sei... A gente vai descobrir o que isso vai influenciar nas gerações futuras. (Informação verbal.)⁵¹

Conforme apontamos anteriormente, eles acreditam haver recepção em etapas diferentes: no YouTube e nos centros espíritas, a partir do trabalho com as mocidades – cujo dado é difícil de ser mensurado. Nesse segundo momento, de acordo com os entrevistados fundamentados no retorno obtido a partir dos dirigentes das casas espíritas, os vídeos são utilizados como ilustração do tema abordado nas reuniões. Assim, os jovens teriam menos resistência à doutrina e mais atenção à mensagem. Isto porque haveria uma linguagem informal de gênero cômico e fugiria da terminologia espírita.

Inclusive, a título de exemplo sobre da fuga da terminologia e certa acessibilidade da linguagem, eles também nos relataram que esta estratégia foi usada no vídeo sobre a Copa do

⁵¹ Entrevista concedida por LUCA, Fábio de. Entrevista Companhia Amigos da Luz – Sidney Grillo e Fábio de Luca. [jul. 2018] Entrevistadora: Grazyelle Fonseca. Rio de Janeiro, 2018. 1 arquivo .mp3 (47:30).

Mundo, “7 coisas espíritas na Copa”, que ficou entre os vídeos mais assistidos (“em alta”⁵²) do YouTube Brasil quando foi publicado em 30 de junho de 2018. Porém, foi criticada nos comentários por alguns, pois usaria a palavra “energia negativa” em vez de “fluido negativo”, tal como usada na doutrina. Entretanto, afirmaram que o propósito central era justamente interagir com a linguagem do senso comum – energia positiva, energia negativa, o uso do número 7 – em contraposição à linguagem hermética da doutrina – tal como fluido negativo ou positivo.

Segundo eles, o trabalho de divulgação do espiritismo através do YouTube e do teatro não é a linguagem mais utilizada pela doutrina para proselitismo, pois, a maior parte da divulgação seria através de livros psicografados e romances para que, após o interesse do simpatizante, este venha a aderir ao movimento espírita e acompanhar às palestras. Neste sentido, o mercado editorial possui grande importância para o espiritismo. Já o YouTube e o teatro estariam em conjunto com os outros produtos da mídia, tal como música, novela e filme.

Segundo eles, o uso da linguagem audiovisual na internet teria relação com os preços módicos de equipamentos de vídeo e o acesso aos *smartphones*, como também com o trabalho como ator profissional em canais de humor do YouTube e o crescimento da plataforma para empresas produtoras de conteúdo:

Novela... de vez em quando tem uma “*A Viagem*” da vida. Então, eu acho que a gente no teatro e no YouTube, a gente está se utilizando de mais um recurso que agora a gente tem à mão... Porque antigamente, você não podia fazer um vídeo e chegar em tanta gente, não existia o YouTube, equipamento de gravação era uma coisa absurdamente cara e você não podia fazer. E aí, a gente começou a fazer com o teatro, que a gente gostava e já era o nosso ofício mesmo. Aí, quando eu fui trabalhar em um canal de YouTube e aprendi como é que fazia, o que era de fato o YouTube e como é acessível hoje você ter uma máquina fotográfica que filma... Até um celular filma bem. Então, ah, vamos fazer. E aí virou mais uma maneira legal de falar de espiritismo. (Informação verbal.)⁵³

Destacam-se na fala do entrevistado os aspectos de que, a princípio, ele não havia domínio da plataforma, que seu conhecimento fora adquirido a partir da inserção profissional na encenação para o audiovisual compartilhado na internet, bem como, da possibilidade de adquirir eletrônicos a preços mais acessíveis. Isto porque o YouTube é uma plataforma que lida tanto com usuários amadores quanto profissionais, cujas diretrizes de funcionamento da

⁵² De acordo com o YouTube, essa sessão tem o objetivo de destacar vídeos que podem agradar um público heterogêneo de espectadores, sendo que esta lista recebe atualização a cada 15 minutos e o vídeo em destaque pode mudar de posição. As visualizações, taxas e origens dos acessos, tempo de publicação do vídeo são fatores considerados para definir a inserção dele nessa seção.

⁵³ Idem. Rio de Janeiro, 2018. 1 arquivo .mp3 (47:30).

comunidade são alteradas com frequência conforme interesses comerciais que atendem aos interesses da instância corporativa.

Estamos tratando de gêneros específicos de audiovisual – esquetes cômicos e transmissões ao vivo de construção simbólica religiosa –, mas a plataforma também comporta outras linguagens tais como *vlogs*, instruções, aulas e assim por diante. Assim, trata-se de um site de publicação de vídeos com interação social entre pares e de compartilhamento de conteúdos diversos, no qual, “ser ‘letrado’ no contexto do YouTube, portanto, significa não apenas ser capaz de criar e consumir conteúdo em vídeo, mas também ser capaz de compreender o modo como o YouTube funciona como conjunto de tecnologias e como rede social” (BURGESS e GREEN, 2009, p. 101).

3.2 Pode o riso na doutrina espírita? Nuances do humor, nem todos acham graça

De acordo com os entrevistados, os trabalhos do canal e da companhia de teatro enfrentam menos resistências do que eles imaginaram. Sendo a taxa de aprovação dos vídeos do YouTube próxima dos 99%⁵⁴. Porém, com certa modéstia, afirmam que o número de pessoas que não gostam do trabalho pode ter relação ao tamanho da importância do trabalho realizado por um determinado indivíduo. Sendo assim, talvez, não ter muita oposição pode significar que o projeto não ofereça grandes inconvenientes. Logo, a maior parte dos espíritas gostam do trabalho que eles realizam:

Se você for perceber os comentários dos vídeos, o tanto que é elogiando e o tanto que é criticando... É difícil achar, às vezes, um criticando. Ou as pessoas não se dão ao trabalho de criticar porque a gente é muito qualquer coisa ou então é porque tem pouco mesmo, assim... Graças a Deus, a maior parte dos espíritas e das instituições entendem que é legal. (Informação verbal.)⁵⁵

Entretanto, em 01 de outubro de 2017, houve uma divergência entre o Canal Amigos da Luz e uma federação espírita acerca da validade de se fazer humor e religião e se o grupo deveria ou não ser aceito entre os espíritas daquele estado. Tal situação teria ocorrido após um

⁵⁴ Esta taxa é medida a partir da métrica dos botões “*like*” e “*dislike*”, botões trazidos para gostei e não gostei. São utilizados como métrica para a aprovação dos vídeos e adicionam o vídeo a uma lista de favoritos do perfil usuário.

⁵⁵ Entrevista concedida por LUCA, Fábio de. Entrevista Companhia Amigos da Luz – Sidney Grillo e Fábio de Luca. [jul. 2018] Entrevistadora: Grazyelle Fonseca. Rio de Janeiro, 2018. 1 arquivo .mp3 (47:30).

documento interno da instituição ter circulado entre os espíritas, questionando a legitimidade de tal apropriação. O principal objetivo da instituição seria promover o espiritismo no estado de origem e apoiar as sociedades espíritas a partir da coordenação das Unidades Regionais Espíritas. Devido à sua trajetória de trabalhos a serviço do espiritismo em escola, hospital psiquiátrico e outras iniciativas, a federação possui certa legitimidade no estado que atua. Neste sentido, a diretoria executiva, em entendimento com os membros, julgou que não apoiaria o trabalho humorístico da Companhia Amigos da Luz, bem como, acreditou “defender os melhores meios de divulgação da lídima doutrina espírita”.

Então, a Companhia negou que tenha feito tal contato e afirmou não poder fazer nada a respeito da falta de consenso em relação ao agrado do trabalho. Defendeu que a proposta de realizar humor na religião está a serviço do bem, além do mais, o riso é uma categoria intrínseca da condição humana. Devido à proporção tomada nas redes sociais virtuais, o grupo se posicionou afirmando que não pretende ser unanimidade e que respeita a liberdade de oposição. Todavia, deixou claro que a posição do grupo é a de trabalhar com a doutrina e o humor para reflexão a serviço do bem. Diante desta situação, outros espíritas que apoiam o canal entraram em defesa do uso do humor na religião.

A oposição visava minar qualquer possibilidade de turnê das peças teatrais, pois, segundo a diretoria da instituição, elas seriam compostas de “críticas azedas” aos costumes, considerando que há uma falta de consenso entre os dirigentes espíritas sobre a possibilidade de se utilizar humor na divulgação e estudo da doutrina. Ademais, para a federação, a linguagem jocosa é preterida ao estudo “sério” da doutrina, considerando que se deve ter cautela, zelo e cuidado para com o uso do riso, pois, conforme a definição que eles utilizam do dicionário, a comédia ridiculariza o cotidiano. Além de não poupar a palavra rebuscada “lídima” para se referir à autenticidade e legitimidade da doutrina espírita.

[...] em relação a federações e instituições de maneira geral, a gente teve esse problema, tomou uma proporção maior porque era uma federação e porque foi uma circular, uma carta que essa federação se posicionou e indicou um posicionamento para as casas espíritas que a ela estão ligadas. Falando sobre a gente, falando sobre o humor jocoso não ser a melhor maneira de tratar o espiritismo. A gente discorda e a gente se posicionou num vídeo porque isso tomou uma proporção... chegou no público, estavam perguntando e tal. A gente evita, geralmente, falar sobre isso, quando acontece isso. Mas é muito difícil... (Informação verbal.)⁵⁶

Dentre os espíritas que defenderam o canal, a postagem compartilhada pelos Amigos da Luz foi escrita por um cantor e amigo do grupo, oriunda de um perfil pessoal do *Facebook*,

⁵⁶ Entrevista concedida por LUCA, Fábio de. Entrevista Companhia Amigos da Luz – Sidney Grillo e Fábio de Luca. [jul. 2018] Entrevistadora: Grazyelle Fonseca. Rio de Janeiro, 2018. 1 arquivo .mp3 (47:30).

com quatro justificativas para defesa e contraponto em relação à crítica da direção da instituição espírita. Na primeira justificativa, o autor elenca o fato de o grupo ultrapassar a barreira territorial através do trabalho audiovisual divulgado na internet, chegando mais próximo da possibilidade de transnacionalização do movimento espírita que é uma iniciativa difícil para as instituições oficiais:

Certamente não sabem, mas o Canal Amigos da Luz é simplesmente no YouTube o MAIOR CANAL DE ESPIRITISMO NO MUNDO, visto em dezenas e dezenas de países. Não há nenhum órgão oficial com essa amplitude. O papel que o Canal cumpre é uma lacuna enorme deixada no movimento espírita. Essa iniciativa possui incontável número de espectadores que declaram ter conhecido o aspecto consolador da doutrina, e até mesmo se tornado espíritas, através dos vídeos do canal.

Porém, um ponto importante é a possibilidade de proselitismo e conversão religiosa a partir da produção audiovisual que não é oficial. Com isso, a federação teria questionado sobre o fato de profissionais do grupo terem trabalhado em canais de humor sem ligação com o espiritismo, tal como “Canal Parafernália”⁵⁷. Assim, o cantor e amigo do grupo defende que se tratam de atores profissionais e que “muitos globais brilharam no cinema em obras como Nosso Lar, Chico Xavier e tantas outras, e não vimos comunicados inquisitórios sobre as demais novelas e filmes interpretados por esses atores”. Ao se referir aos globais, ele direciona a sua fala para atores da Rede Globo de Televisão que protagonizaram obras espíritas no cinema e nas novelas, percebe-se a ironia referente à falta de crítica no que concerne a hegemonia da Rede Globo nos conglomerados de comunicação e a participação no projeto de construção de representação das obras espíritas.

De acordo com os entrevistados, a postura do perfil de rede social privado deve ser dissociada diretamente do trabalho artístico do ator, assim como, a autenticidade deve ser prezada:

Aí, depois, surgiu um outro problema que foi a nossas posturas pessoais nas nossas redes sociais pessoais. Tem o Amigos da Luz, tem eu, Fábio de Luca, tem Sidney Grillo. E acabou que o Amigos da Luz ficou muito centralizado na minha figura, por causa da *live* que eu acabei apresentando com o Sidney e por causa da minha exposição em outros canais de muita expressão – canais do YouTube. Então, ficou meio que uma referência dos Amigos da Luz. E eu falo palavrão no meu Facebook. Aí, isso foi utilizado como munição, vamos dizer assim, de material para desabonar o trabalho Amigos da Luz. Só que aí a gente sempre coloca que não, que os Amigos da Luz é uma coisa separada disso. No canal e nas redes sociais, você nunca vai encontrar nada que tenha palavrão, que seja inadequado que eu possa ter feito na minha “coisa” pessoal. Isso aí para a gente é, no final, bom porque a gente quer mostrar uma postura de um espírita mais autêntico e menos “Oh, meu querido”... [...] A gente tenta ser um pouco mais autêntico mesmo e eu falo palavrão mesmo e

⁵⁷ Canal de humor do YouTube, que aborda temáticas do cotidiano.

sou espírita. Entendo o palavrão, sei o que é, a energia que você dispensa com as palavras, sei que às vezes não é bom, mas sei também que uma palavra que às vezes não é considerada palavrão e está completamente cheia de ódio. (Informação verbal.)⁵⁸

De acordo com Goffman (1985), o sujeito emite direta ou indiretamente características que oferecem ao outro os elementos de compreensão. A partir disso, tal projeção abarca um inconveniente: ao mesmo tempo em que o outro reconhece e valoriza o tipo moral projetado, há uma renúncia à “toda pretensão de ser o que não aparenta ser, e, portanto, abre mão do tratamento que seria adequado a tais pessoas. Os outros entendem, então, que o indivíduo os informou a respeito do que é e do que eles devem entender por ‘é’” (GOFFMAN, 1985, p. 21). Daí o conflito entre o trabalho e o pessoal, visto que a construção identitária é um processo de negociação entre um “eu” e um “outro”.

Portanto, sobre as diferentes identidades assumidas conforme o local ou grupo em que se está inserido, eles argumentam que produziram o vídeo “Eu, eu mesma e eu espírita” (Quadro 2) como forma de criticar este tipo de performance social. Três pessoas iguais tentam entrar em um acordo. Porém, elas possuem vestimentas distintas: a “normal” possui pose de equilibrada, sensata e veste roupa floral, cabelo solto; a “Renata no dia-dia” é “desequilibrada”, está com uma roupa escura, cabelo desarrumado e voz histérica; a “Renata no centro espírita” veste branco, cabelos arrumados e voz serena. Elas, então, buscam conciliação:

-Chega, gente! Por favor, isso é sério. Eu preciso encontrar um equilíbrio entre as Renatas. E olha que eu nem chamei todas, hein. Ó, no dia a dia, por exemplo, eu preciso ser menos estressada.

-Só, gatinha, que o dia a dia é estressante. Eu tenho que lavar, passar, cozinhar, levar criança para a escola, cuidar de marido. Se a Madre Teresa de Calcutá aí fizesse metade do que eu faço não iria ficar com esse sorrisinho açucarado dela que eu detesto.

-O sorriso é uma prece.

-E uma bolacha tu merece.

-E eu podia ser um pouco menos artificial no centro. Ser um pouco mais verdadeira.

-Como assim artificial, cara confrade?

-Garota, para com isso, você nem sabe o que é confrade.

-Para com essa palhaçada, parece que engoliu o Chico Xavier.

-Eu só procuro seguir o exemplo dos baluartes do espiritismo.

-Seguir o exemplo é se inspirar nas boas atitudes deles e não para você ficar imitando gestos, vocabulário, para depois, no dia a dia, ficar igual a uma certa pessoa que eu conheço [aponta com o polegar para a “Renata do dia a dia”], feito uma louca, mal humorada.

⁵⁸ Entrevista concedida por LUCA, Fábio de. Entrevista Companhia Amigos da Luz – Sidney Grillo e Fábio de Luca. [jul. 2018] Entrevistadora: Grazyelle Fonseca. Rio de Janeiro, 2018. 1 arquivo .mp3 (47:30).

De acordo com os produtores da mensagem, eles também buscam criticar esse tipo de ação com palavras delicadas ou forçadas e defender a autenticidade do sujeito. Não se trataria somente do espírita, mas de qualquer religioso, pois haveria uma parcela significativa que age com feições e tons de voz mais brandos quando conveniente no ambiente religioso, mas lidam de forma diversa em situações não-religiosas ou em casa. Embora a palavra fosse branda, muitas vezes, estaria carregada de hipocrisia e ódio, porque as ações podem não transparecer, mas o pensamento teria influência nas ações humanas. Sidney Grillo cita Divaldo Franco sobre o religioso hipócrita e a palavra carregada de sentido negativo, embora soe como “Ô, abençoado!”: “Está indo com tanto ódio, com tanta energia negativa. O Divaldo mesmo falou, eu vendo entrevista dele no Jô, ele falou: ‘Eu prefiro muito mais um ateu digno do que um religioso hipócrita’” (informação verbal)⁵⁹.

Quadro 2 – Principais características das personagens ou actantes do esquete cômico audiovisual “Eu, eu mesma e eu espírita”, (12 de junho de 2015, duração 3:20, Canal Amigos da Luz, YouTube)

| “Eu, Eu mesma e Eu Espírita” | | | | |
|-------------------------------------|--|---|---------------------|---|
| Descrição no YouTube | “Sabe quando a gente é uma pessoa com os amigos, outra no trabalho, outra no centro/igreja/templo e outra completamente diferente em casa? Conheça Renata. Ela muda tanto que acabou tendo que fazer uma reunião com as outras “Renatas” pra não pirar de vez! É natural adequarmos nosso comportamento ao ambiente, mas nunca querendo se passar pelo que não somos. Pode até ser fácil enganar os outros, mas é impossível enganar a própria consciência.” | | | |
| Personagens / Actantes | Como agem | Como reagem | Qualificação | Resultado |
| Renata “dia a dia” | Recebe a proposta de forma afetada | Hostilidade, xingamentos, acusa a personalidade espírita: “parece que engoliu Chico Xavier” | Estressada | Aceita o acordo com a conciliadora |
| Renata “no centro espírita” | Recebe a proposta de maneira serena | Xingamentos com palavras rebuscadas, diz: “Procuo seguir o exemplo dos baluartes do espiritismo” | Calma | Aceita o acordo com a conciliadora |
| Renata | Inicia a conversa | Observa os dois pontos de vista, quer um equilíbrio, diz: “Seguir o exemplo é se inspirar nas boas atitudes deles e não para você | Conciliadora | Quando pensa que entrou em acordo com as partes, surge a personalidade da “Renata na Balada”, alcoolizada. Isto é, trata-se de um |

⁵⁹ Entrevista concedida por GRILLO, Sidney. Entrevista Companhia Amigos da Luz – Sidney Grillo e Fábio de Luca. [jul. 2018] Entrevistadora: Grazyelle Fonseca. Rio de Janeiro, 2018. 1 arquivo .mp3 (47:30).

| | |
|---|---|
| ficar imitando gestos, vocabulário [...]" | processo de constante conciliação com o ser. |
|---|---|

Fonte: A autora, 2018.

Assim, também nesse caso, as representações sociais possuem relação com as mensagens e imagens midiáticas, circulando nos discursos da vida cotidiana (JODELET, 2001). É preciso levar em consideração que, no ambiente virtual, os sujeitos possuem certa autonomia para o controle daquilo que optam por deixar visível, sendo assim, a exposição do “eu” não é aleatória, ela faz parte do jogo performativo e discursivo do que deve ser mostrado ou ocultado na construção dessa identidade virtual (POLIVANOV, 2014). “Mais do que exposição dos sujeitos, o que está em jogo, principalmente, nos sites de redes sociais é a sociabilidade e potencialidade de construção identitária que eles engendram” (POLIVANOV, 2014, p. 53).

Embora nossa pesquisa não busque voltar-se totalmente para as identidades subjetivas e individuais, não podemos deixar de notar que as demandas do tempo presente de construção e exposição das imagens e das trajetórias individuais também perpassam a formação do grupo, onde a própria dinâmica das redes sociais virtuais é constituída da construção de visibilidade e seleção do que pode ser exposto. Desta maneira, a defesa se preocupa com o julgamento interno e externo ao espiritismo por puro preconceito:

No comunicado condenatório, em nenhum momento analisou CONTEÚDO DOUTRINÁRIO E REFLEXÕES EVANGÉLICAS dos vídeos do Amigos da Luz. Logo nós que vemos o espiritismo sofrer com o PRÉ-CONCEITO de quem julga sem analisar profundamente?

Nesta justificativa, há uma preocupação em separar com hífen a palavra “preconceito”, a fim de que se entenda enquanto algo concebido anteriormente, evitando utilizar a palavra “preconceito”, que está carregada do estigma, principalmente, racial. Ao afirmar o tom “condenatório” da instituição a respeito da negativa de se produzir humor religioso com caráter doutrinário através da representação audiovisual e, também teatral, defende-se a possibilidade de tal conteúdo ser produzido com compromisso proselitista. Essa questão da análise profunda do espiritismo e da preocupação com os detratores externos e internos que o julgam pode ser observada na própria codificação espírita, na qual Kardec parte da negativa dos seus detratores para articular sua argumentação e defender a doutrina que ele estava articulando sob a forma escrita dos experimentos nas mesas girantes e depois através de psicografias.

Desta forma, o problema do humor que afeta a questão da identidade espírita envolve as seguintes questões: é possível compreender a doutrina a partir do gracejo e da comédia ao mesmo tempo em que se estuda o evangelho? É possível rir dos vícios e erros humanos, reconhecendo que o espírita não é perfeito e detentor da compreensão do mundo tal como a figura construída de Chico Xavier, concomitantemente ao processo de compreensão das próprias falhas? Temos uma relação entre o imaginário, o simbólico e a construção identitária, cujas identidades são construídas a partir da prática discursiva, relativa ao contexto institucional e histórico que lhe origina e que atende a interesses e estratégias específicas (HALL, 2000). Neste ponto, podemos conectar a última contestação referente à crítica que se trataria do uso de “linguagem jocosa”, “banal e inadequada para veiculação de assuntos que pedem seriedade”:

Caso o Sr. Presidente não tenha se dado o trabalho de assistir ao menos 10% dos 163 vídeos do canal, declaro que embora utilizem a comédia, os vídeos são capazes de emocionar, promover a reflexão profunda e convidar a transformação íntima. Recomendo o meu preferido: “QUANTOS ANOS VOCÊ TEM?”. Talvez, alguns dos corações tocados por esse trabalho tivessem mais dificuldade em acompanhar preces muito longas, vocabulários em português arcaico ou falas que convidam ao “desdobramento” do sono. Afinal, quem nunca sentiu sono numa reunião espírita, não é verdade? A juventude de hoje urge por linguagem dinâmica. Jovens de todas as idades, até porquê vejo jovens de 40, 50, 80... lembro-me aqui de Divaldo Franco que adora e apoia abertamente o trabalho dessa turma. Professor LEOPOLDO MACHADO, muito conhecido da Federação Espírita do Paraná, entoava com vigor que “a nossa alegria é bem do evangelho” e que “não ofende a Jesus.” É esse mesmo Leopoldo Machado que diz que os salões das casas espíritas não devem se parecer com câmaras mortuárias. E esse querido Professor continua inspirando esses trabalhos. Não entender a importância das DIVERSAS FORMAS de linguagens, contribui para limitar a expansão do espiritismo para demais faixas etárias, níveis sociais e intelectuais. Não importa a forma. Importa o conteúdo. Jesus é para todos. O espiritismo é para todos. [...] O espiritismo pode ser mais divertido, mais alegre e menos carrancudo senhores. E isso não é processo obsessivo.⁶⁰

A respeito da juventude espírita e com base no vídeo “Quantos anos você tem?” (Quadro 3), a Companhia Amigos da Luz nos relatou não estar muito presente na rotina das casas espíritas devido aos compromissos profissionais atuais. Todavia, com a possibilidade de viajar pelo Brasil e visitar várias casas espíritas, eles têm recebido relatos de que as relações com os jovens (as mocidades espíritas) têm sido mais abertas, permitido que estes sejam mais atuantes. Sendo que observaram a evidência desse movimento em Franca, São Paulo, que tem um centro cultural espírita com autonomia para o trabalho dos jovens, bem como, a Casa de Cultura Espírita de Mesquita, no Rio de Janeiro, que permite a participação de jovens na administração e na agenda da casa.

⁶⁰ Letras em caixa alta conforme publicada pelo autor do texto em seu perfil no site de rede social virtual.

Quadro 3 – Principais características das personagens ou actantes do esquete cômico audiovisual “Quantos anos você tem”, (5 de fevereiro de 2016, duração 4:58, Canal Amigos da Luz, YouTube)

| “Quantos anos você tem?” | | | | |
|---------------------------------|--|---|--|---|
| Descrição no YouTube | “Quantos anos você acha que tem? Quanto tempo gira o seu ponteiro no infinito? Quanto tempo pulsa a sua história na galáxia? Quanto tempo roda com a Terra no Universo? Que autoridade tem a idade que você acha que tem?” | | | |
| Personagens / Actantes | Como agem | Como reagem | Qualificação | Resultado |
| Jonas | Fala enfática e persuasiva sobre o alinhamento das leis da vida | Está desanimado com o baixo quórum nos estudos espíritas do centro, apresenta resistência quanto à mudança de linguagem | Palestrante no centro espírita, prolixo e fala rebuscada | Percebe que estava sendo chato e percebe que ele fora controlado nas sessões durante a infância/juventude |
| Espírito | Propõe uma linguagem nova para o espiritismo, que aproxima a juventude. Diz que a linguagem muito rebuscada chata. | Critica os rituais no centro: “Jonas, mediúnicos são os médiuns, mediúnica é a reunião, mediúnica é o momento, mas, aquela mesa é só um objeto” | Espírito guia, fala calma e bem-humorada | Evidencia a falta de autonomia dos jovens no centro, falta de confiança e coloca o centro espírita como a primeira possibilidade de preparo da argumentação para a vida |

Fonte: A autora, 2018.

Conforme os comentários no YouTube, os inscritos comentaram haver uma demanda por outras linguagens de comunicação da doutrina e da inserção das tecnologias nas casas espíritas. Perfis que se identificaram como jovens espíritas, que participam das “Mocidades”, comentaram haver certo receio com os jovens e necessidade de uma linguagem jovem, dinâmica e “alegre”. Um deles afirmou que a evasão do jovem na casa espírita é um equívoco dos seguidores que não se atentam devidamente à juventude.

Figura 1 - Comentários no vídeo "Quantos anos você tem", no YouTube

The image shows a screenshot of the YouTube interface. At the top, there is a search bar with the text "quantos anos você tem amigos da luz". Below the search bar, there are three comments from users whose profiles are blurred. Each comment includes the user's profile picture, a timestamp ("2 anos atrás"), the text of the comment, and interaction icons for likes, dislikes, and a "RESPONDER" button.

Mostrar mais respostas

2 anos atrás
Se a evasão de jovens é vista no movimento espírita, é pq estamos errando. Esse vídeo naturalmente ferirá o orgulho dos irmãos que não reconhecem essa nossa deficiência. Essa mensagem corajosa me emocionou muito. Alegria e dinamismo com equilíbrio e seriedade são necessários. Urgente! Viva Jesus!!!
👍 151 🗨️ RESPONDER

Ver 3 respostas ▾

2 anos atrás (editado)
Como jovem espírita, minha vontade é exibir esse vídeo num telão para todos da minha casa. A maioria lá é de 40 pra cima, mas nossa Mocidade com muito custo vem crescendo e participando cada vez mais das atividades. Com muita luta é claro, pois sempre chegam com esses jargões "São jovens demais para entender qualquer coisa". Esquecem do princípio Ler mais
👍 97 🗨️ RESPONDER

Ver 6 respostas ▾

2 anos atrás
Uma casa espírita não precisa ter ares de Convento. pode sim ser um lugar Alegre, dinâmico, aconchegante e acolhedor!
👍 39 🗨️ RESPONDER

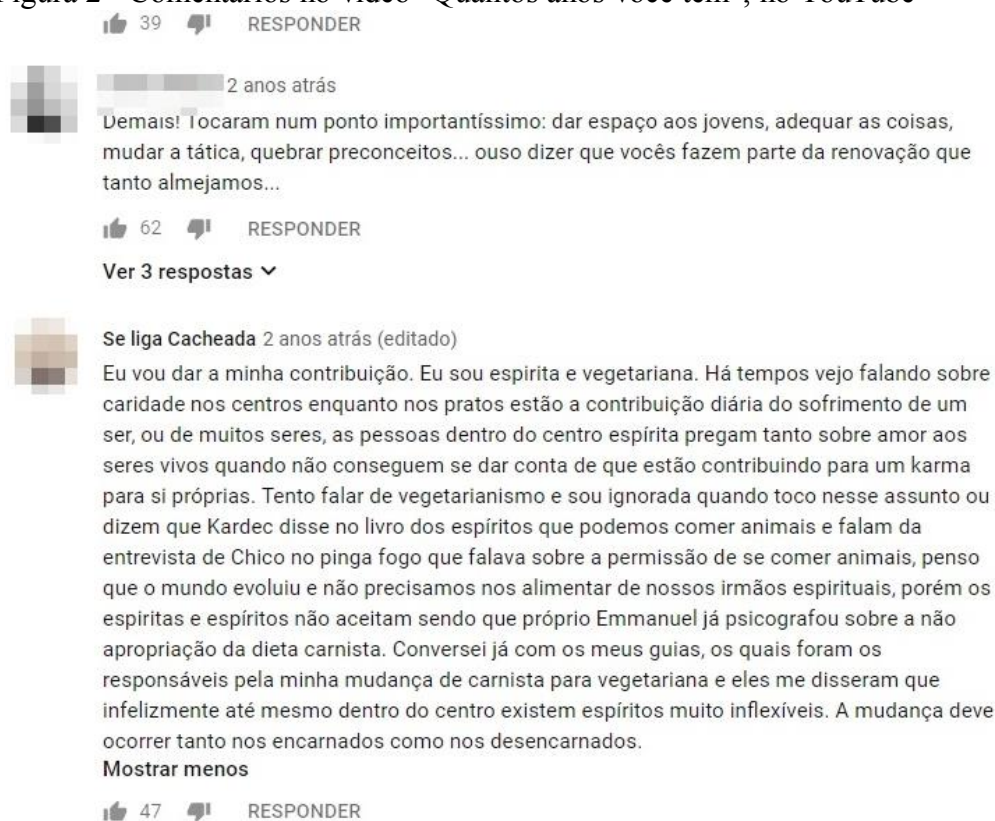
Fonte: A autora, 2018.

Inclusive, uma vegetariana comentou que a sua defesa pela vida dos animais nem sempre é bem recebida nesses espaços “dizem que Kardec disse no livro dos espíritos que podemos comer animais e falam da entrevista de Chico no ‘Pinga-Fogo’⁶¹ que falava sobre a permissão de se comer animais, penso que o mundo evoluiu e não precisamos nos alimentar de nossos irmãos espirituais”, continua dizendo que “o próprio Emmanuel já psicografou sobre a não apropriação da dieta ‘carnista’”. Ademais, ela relatou também já ter conversado com os guias espirituais que a orientaram a se tornar vegetariana, e eles teriam dito “que infelizmente até mesmo dentro do centro existem espíritos muito inflexíveis. A mudança deve ocorrer tanto nos encarnados como nos desencarnados”. Entretanto, o canal comentou na publicação que: “estamos aprendendo juntos, e não é nossa intenção ditar o certo ou errado,

⁶¹ Programa da TV Tupi, rede de televisão dos Diários Associados de São Paulo, cujas edições com Chico Xavier foram em 28 de julho e 21 de dezembro do ano de 1971. A inscrita não especificou em qual das edições Chico Xavier teria feito tal comentário. “Além de responder a perguntas de jornalistas, do público e representantes de diferentes instituições religiosas, neste programa Chico Xavier realizou, a pedidos, o que se considera ter sido a primeira sessão mediúnica televisionada. A repercussão de público alcançada por esse programa estimulou, em anos posteriores, a realização de outras entrevistas, bem como, a produção de vários documentários” (STOLL, 2002, p. 363).

não temos lastro moral pra isso. O que queremos mesmo é causar uma reflexão em conjunto, se der de uma maneira divertida”.

Figura 2 - Comentários no vídeo "Quantos anos você tem", no YouTube



Fonte: A autora, 2018.

A defesa e o desdém / negativa da importância de diversas formas de linguagens religiosas, principalmente a produzida com linguagem cômica e veiculada em um contexto não institucional, evidenciam que o funcionamento do campo religioso possui concorrência interna pela detenção do monopólio do capital religioso. Neste sentido, Bourdieu afirma que diferentes instâncias religiosas, indivíduos ou instituições podem concorrer pela gestão de bens de salvação e para definir quem, de fato, possui a legitimidade para exercer o poder religioso “enquanto poder de modificar em bases duradouras as representações e práticas de leigos” (BOURDIEU, 2016, p. 57).

Com o auxílio das tecnologias de comunicação por computadores, com poucos recursos e para uma gama de espectadores cada vez maior, pode-se realizar o intercâmbio simbólico entre nichos em contextos espaço-temporais distintos ao mesmo tempo em que pode construir um consenso do que deve ser corrigido moralmente pelo grupo e o que é ideal para a “evolução” do espírita. Assim, a perspectiva compartilhada midiaticamente pelo grupo pode entrar em conflito com outros grupos – neste caso, grupos ligados à mesma doutrina –

enquanto também pode ser “um guia para as ações e trocas cotidianas – trata-se das funções e das dinâmicas sociais das representações” (JODELET, 2001, p. 21).

Com isso, a construção de representação também está ligada à construção de identidade dos grupos espíritas. Para Hall (2000), a construção de identidade possui relação intrínseca com as forças de poder – mais constituinte do processo de marcação da diferença e da exclusão do que do processo de assimilação ao idêntico / à mesmidade – ela é construída assim, na exterioridade. Partindo dessa concepção, há um processo de relação de poder a partir de um órgão oficial espírita em relação a um grupo oficioso que produz performance teatral e narrativas audiovisuais, cujo próprio campo religioso apresenta conflitos. Temos assim, uma ligação entre performance e religião, utilizada não somente para entreter, mas também para construir uma identidade, resgatando e representando o imaginário do senso comum e das próprias memórias vivenciadas pelo grupo. De outro lado, o próprio riso exerce a modalidade de exclusão e marcação da diferença.

3.3 Identidade e a moral espírita na construção do audiovisual

No espiritismo, a noção de pessoa converge tanto o mundo visível (encarnados / sujeitos) quanto o invisível (desencarnados / espíritos). Logo, corpo (invólucro material), perispírito (elemento semi-material que une corpo vital e alma) e espírito (essência do homem – a alma é o espírito encarnado) compõem a natureza dual do ser humano (CAVALCANTI, 2008). A conduta moral do indivíduo faz parte da construção de hierarquia de “evolução” espiritual visto que, mesmo sem o invólucro material, o espiritismo defende que o homem carrega consigo sua essência e individualidade no plano invisível.

Através da caridade, do estudo, da mediunidade e dos atos cotidianos, que devem estabelecer entre si certa coerência e relação, o espírita constrói sua moralidade perante a sociedade. Sendo assim, estes elementos também fazem parte das temáticas de representações humorísticas do “Canal Amigos da Luz”.

De acordo com o vídeo “Sai do Armário”, assumir-se religiosamente é também uma maneira de construir o respeito entre diferentes religiões, bem como, enxergar as transformações que a doutrina realiza na vida da pessoa. Então, um dos passos da construção do sujeito que frequenta o centro e estuda a doutrina é se definir enquanto espírita, em vez de se esconder atrás de uma religião tradicional como o catolicismo.

Quadro 4 – Assumir-se enquanto espírita, vídeo “Sai do Armário”, publicado em 13 de novembro de 2015, duração de 3:21

| “Sai do Armário” | | | | | |
|-------------------------------|---|---|---|--|--|
| Descrição no YouTube | E você é espírita? | | | | |
| Personagens / Actantes | Como agem | Como reagem | Qualificação | Resultado | Tema |
| Mulher Evangélica | Auxilia o amigo espírita a perceber que é espírita | Questiona os conhecimentos sobre catolicismo e espiritismo | Com bom humor, aceita que falem sobre espiritismo | Fica surpresa com o conhecimento do espírita, mas percebe que ele não quer se assumir | Intolerância religiosa e problematização da fala “Católico não-praticante” |
| Homem Espírita | Não se assume enquanto espírita | Diz que é católico, não frequenta missa, mas vai ao centro toda quinta-feira. | Conhece toda a doutrina espírita, qual era o nome de batismo de Allan Kardec. Gosta de ir às palestras, tomar passe, acredita em reencarnação e mediunidade | Não se assume como espírita, mas disse que não há morto, mas desencarnado, pois a morte não existe | |
| Mulher Umbandista | Diz que todos os amigos se dão bem independente da religião | Com o conhecimento do amigo, diz que ele é espírita | Posição de conciliadora, a fim de ajudar o amigo a se compreender | Fica surpresa com o conhecimento do espírita, mas percebe que ele não quer se assumir | |
| Homem Católico | Diz que é absurdo o preconceito religioso | Embora o amigo não se assumia, ele respeita | Posição de conciliadora | Fica surpreso com o conhecimento do espírita, mas percebe que ele não quer se assumir | |

Fonte: A autora, 2018.

Nesse vídeo, a intolerância religiosa, embates e disputas são comparados a uma “Guerra Santa” tal como no Oriente Médio. Quatro amigos estão jogando cartas, lanchando e conversando sobre um centro que fora apedrejado e tal fato noticiado em um veículo de comunicação:

- Aí, depois falam assim: “Não existe guerra santa”. Olha a “Guerra Santa” aí, gente.
- Claro que existe.
- Pior que existe.
- Igual ao Oriente, né.
- Nada a ver esse negócio de preconceito religioso.
- Pois é. Poderia ser assim que nem a gente. Todo mundo se dando bem independente de religião. Vamos ver: eu sou umbandista. [Ela aponta para o amigo de frente a ela, vestindo vermelho.] Você é católico. O Flávia evangélica e o Osvaldo espírita. Todo mundo se dá bem, gente.

A narrativa enfatiza que os relacionamentos interpessoais com seguidores de diferentes religiões são possíveis e amigáveis independente do ponto de vista doutrinário que o sujeito interpreta a relação entre vida e morte. Entretanto, é um vídeo que enfatiza o ponto de vista da doutrina de Kardec, logo, há uma demanda para esse espírita se assumir e se desprender da ritualística católica.

- Não, gente. Eu sou católico.
- Para de show, você é espírita.
- Sério, gente. Eu sou católico desde criança.
- Ah é? Então, qual foi a última vez que você foi à missa?
- Sei lá... é... Ah, tem tempo, eu não lembro.
- E ao centro? Qual foi a última vez que você foi?
- No centro, eu vou toda quinta feira.
- Aí...
- Espírita da cabeça aos pés. Não disse?

Ademais, o espiritismo é compreendido como uma filosofia que responde às questões sobre as leis da vida. Com isso, eles relatam no vídeo sobre o porquê eles são espíritas:

- Por que mesmo que eu sou espírita?
- Eu sou espírita porque...
- Porque é a doutrina que mais me completa, me faz uma pessoa melhor a cada dia. – A. V.
- Eu sou espírita porque, de todas as filosofias, a que mais respondeu as minhas dúvidas foi o espiritismo.
- Eu sou espírita porque meu Deus é justo. Se eu passo, é porque eu mereço. Se eu progrido, é porque eu mereço. – D. R.
- O espiritismo me trouxe a certeza da imortalidade da alma.
- Porque ser espírita é amar a Deus sobre todas as coisas e a teu irmão como a ti mesmo. M. C. de A.
- Uma vida só é muito pouco. Saber que tem mais para a gente aprender e para viver, e para aplicar o que a gente aprendeu nessa...
- Eu sou espírita porque...
- Faz a minha vida mais feliz. – A. V.
- ... é o que tem de mais bonito, de mais valioso.
- Eu sou espírita, né?
- Eu tenho convicção de que sou espírita. E você? – M. C. de A.
- Sai do armário! – D. R.⁶²

Um dos atores relata, no vídeo “Retrospectiva 2015 – Quem somos nós” sobre o vídeo “Sai do Armário”, a respeito do medo de se assumir espírita logo que aderiu à doutrina, visto que não era bem recebido no circuito social que ele estava inserido:

O espiritismo, ele veio para mim, eu tinha aproximadamente vinte e cinco anos. E eu sempre falava que eu era católico, aliás, antigamente era assim: você ia fazer uma ficha de emprego, você tinha que colocar que era católico. “Ah, qual é a sua

⁶² No vídeo, os nomes são colocados em evidência. Entretanto, para esta pesquisa, decidimos suprimir os nomes completos e colocar somente as iniciais.

religião? Católico”. Antigamente, agora não é mais assim. Antigamente, você colocava espírita, umbandista ou alguma coisa assim, eles já te olhavam estranho. Então, a pessoa nem era, mas colocava católico. Isso é uma realidade, eu vivenciei isso. Então, colocava católico.

É importante nos atentarmos para presença dos termos “católico não-praticante” e “católico” para designar o espírita que não tem coragem de se assumir. Ao contrário das religiões que lidam com espíritos de matriz afro-brasileira – tal como umbanda -, que precisaram se definir como espíritas para que resistissem diante das pressões sociais ou porque se identificam mais com o “espiritismo kardecista”, observamos a crítica ao espírita que se esconde atrás da designação católica para fugir do estigma “daquele que fala com espíritos”. Inclusive, o próprio espiritismo se aproximou, na sua história, da ritualística católica para constituir sua legitimidade em oposição à magia e práticas consideradas de engano da fé alheia.

O espiritismo se estabelece no Brasil com disputas e negociações com o catolicismo. Entretanto, conforme demonstra Stoll (2002), o matiz católico do espiritismo brasileiro é decorrente da noção cristã de santidade, sendo Chico Xavier uma das personalidades principais do revestimento da versão católica da doutrina. O caráter santificado de Chico é representado por um disciplinamento rígido, aprimoramento dos “dons” e produção literária intensa. Assim, de acordo com a autora, a vida reclusa do médium se assemelha aos moldes monásticos católicos: renúncia ao sexo, casamento e bens materiais.

Todavia, ainda assim, observamos que a figura de Chico Xavier se apresenta como pacífica, conciliadora e disciplinada, que, mesmo mesclando o espiritismo e a perspectiva católica, ele afirma a doutrina, o “espiritismo evangélico”, o “cristianismo redivivo”. Por sua vez, ao contrário, o vídeo evidencia que definir-se como católico, enquanto forma de esconder a prática do espiritismo, é negar a prática doutrinária, mesmo no contexto de criatividade e sincretismo religioso característico do Brasil.

3.3.1 O sujeito espírita e o recolhimento noturno: prece e “desdobramento” espiritual

As ideias de vídeo, segundo os entrevistados, surgiram da própria vivência deles enquanto espíritas, tal como o caso do vídeo “Prece com pressa” (Quadro 4). Eles teriam sentido dificuldade de orar antes de dormir devido ao cansaço e preocupações, logo, poderia

ser uma demanda de mais pessoas. Outro ponto é que, a partir desse vídeo, eles também realizam uma crítica às orações decoradas, pois, muitas vezes, perdem-se na ordem e precisam recomeça-las. Com isso, o que deveria ser uma conexão entre o ser e a espiritualidade, torna-se obrigação para conseguir dormir em paz.

A prece apressada é realizada antes de dormir (tal como no quadro 5, a seguir), momento em que antecede o processo que os espíritas denominam de desdobramento do perispírito (invólucro semi-material) do corpo físico (elemento vital). Segundo os espíritas, sobretudo nas representações dos vídeos, é esse momento de “desdobramento”, que possibilita a comunicação direta de espíritos desencarnados com os encarnados, visto que as fronteiras entre o imaginário e do subconsciente se tornam mais tênues em relação ao consciente durante o sono. Então, ele acredita que os espíritos que ele vê são obsessores e questiona à sua “amiga espiritual” se “Os obsessores já foram embora?”, ela diz a ele que naquele grupo de espíritos, o próprio João era “o mais atrasadinho” e a quebra da situação é finalizada com um “espírito” que diz: “Claro, vascaíno”.

Quadro 5 – Principais características das personagens ou actantes do esquete cômico audiovisual “Prece com pressa”, (27 de março de 2015, duração 4:05, Canal Amigos da Luz, YouTube)

| “Prece com pressa” | | | | |
|-------------------------------|--|--|--|---|
| Descrição no YouTube | “Sabe quando chega a hora de fazer uma PRECE mas você tá é com PRESSA? Quem nunca?! “A prece é sempre agradável a Deus quando ditada pelo coração, porque a intenção é tudo para ele. A prece do coração é preferível à que podes ler, por mais bela que seja, se a leres mais com os lábios do que com o pensamento. A prece é agradável a Deus quando é proferida com fé, com fervor e sinceridade.” Pergunta 658 do Livro dos Espíritos.” | | | |
| Personagens / Actantes | Como agem | Como reagem | Qualificação | Resultado |
| Espírito mulher | Apresenta-se como amiga espiritual, questiona a prece do “encarnado” | Pede para que a prece seja feita com o pensamento somente em Deus; Propõe que orar é conexão com o plano superior, bastando uma conversa franca com Deus | Calma e explica a doutrina em linguagem coloquial | Propõe que João explicita seus medos, expectativas, ações do dia com as próprias palavras; Sem que ele perceba, ela o ensinou a fazer uma prece sobre o pai dele. |
| João | Reza o “Pai Nosso” com rapidez. | Questiona palavras rebuscadas como “sois vós, todo redentor” | Prestes a dormir, não entende como funciona a prece e a comunicação espiritual | Percebe que durante a noite, os espíritos se aproximam conforme o padrão vibratório e que existe a comunicação com espíritos amigos |

A partir do quadro acima, estão esquematizadas as principais características do vídeo “Prece com pressa”, através das quais pode-se observar a demanda pela prece improvisada, originada pelo coração – inclusive, citam a pergunta 658 do Livro dos Espíritos⁶³ –, opondo-se à ritualística da reza do “Pai nosso”. Acerca dessa questão do coração durante a prece na doutrina espírita, Bernardo Lewgoy compreende que:

A autenticidade mediante à referência ao *coração* introduz um novo elemento no complexo da prece, ligado à concepção espírita de pessoa. O coração simboliza, aqui, uma disposição ou atitude de fé genuína que é condição de possibilidade da eficácia das preces. Ou seja, aponta para o uso de uma vontade individual livre não inteiramente identificada com a racionalidade, no sentido de um “fervor espiritual”. [...] Na tradição cristã aqui atualizada, a dimensão do coração lembraria a atitude de simplicidade evangélica contra a hipocrisia, a sabedoria contra a ciência sem alma, sendo, portanto, uma instância permanente de endosso, junto com a esfera da caridade [...]. (LEWGOY, 2000, p. 249).

Em “Prece com pressa”, o uso do coração aparenta ser um pouco mais do que a proposta de Lewgoy (enquanto uma atitude genuína de fé e uso da vontade individual), é também a disposição de Deus e dos mentores espirituais atentarem-se aos sofrimentos do indivíduo, de um diálogo franco e coloquial – desde acontecimentos banais como a vitória do time de futebol até a doença de um ente querido. Trata-se de um momento em que o sujeito precisa se despir do orgulho e que uma prece decorada não permitiria que o sujeito se colocasse nas instâncias da adoração, visto que o clamor presente no “Pai Nosso” é genérico e voltado para o coletivo.

O humor através da evocação do time de futebol minimiza o tom sério e emotivo que é encenado durante o aprendizado da prece sobre a doença do pai da personagem. Evidencia o espírita como um sujeito que compartilha o entretenimento comum da vida em sociedade, tal como o futebol:

-João, orar é entrar em conexão com o plano superior. Não precisa um jeitão de prece cheio de tu, vós e palavras rebuscadas. Basta você conversar francamente com Deus. Como você conversa com seus amigos.
-Ah, tá. Então, eu vou chegar para Deus: Coé, Deus, beleza? Tudo bem? E aí, como é que foi o jogo do vascão? Você viu?
-Bom, se o seu papo com o Criador for sobre o jogo do vascão... Tudo bem. Mas, você podia aproveitar também e falar sobre os seus medos, suas expectativas e lembrar com ele as coisas que você fez durante o dia. Mas, com as suas palavras mesmo.

⁶³ Esta questão é parte do capítulo acerca da “Lei de Adoração”, cuja adoração é compreendida como uma forma de elevação do pensamento a Deus, sendo a prece um desses momentos.

-Eu não consigo, não sei. Não adianta.

[...]

-Ah, só mais uma coisa. Aquele exame que seu pai fez já saiu o resultado?

-Saiu, sim. Saiu e a notícia não foi muito boa, não. Parece que ele já está quase nos deixando já. Os médicos pediram até pra gente ir se preparando. Entendeu? Podia ter passado mais tempo com ele, ter levado ele no Maracanã. Coisa que ele gosta muito. E eu não fiz. Só peço a Deus para que ele possa me dar força, que ele possa me ensinar direitinho a entender o tempo dele. Porque de repente... eu tenho certeza que mais para frente a gente... pode até se encontrar, né. Mas, é aquilo que todo mundo fala, né: “Deus sabe de todas as coisas”.

-Que assim seja.

-Que assim... Opa, espera aí... Então o que eu fiz foi uma...

-Uma bela prece.

Então, embora haja arcaísmos e modos específicos de realizar uma prece, há alguns elementos em comum nas representações sobre a prece: uma linguagem coloquial, mas respeitosa, é bem recebida pelo plano superior, contando que seja do coração; orar antes de dormir é uma forma de agradecer e reconhecer os feitos do dia; a oração ou prece não precisa ser demorada e evocar todas as pessoas já desencarnadas, mas atender as necessidades da reunião (no centro ou na prática do evangelho no lar), o contrário disso pode ser cansativo, como representado no vídeo “Prece sem pressa”⁶⁴, que é o oposto de “Prece com pressa”.

Bernardo Lewgoy (2000) realiza algumas considerações acerca da prece que convergem com as representações em análise no presente capítulo: primeiro, o espiritismo preza pela relação que o fiel ou seguidor estabelece com as forças espirituais, até mesmo com certa dependência; segundo, há momentos específicos para que haja a prece (por exemplo, ao amanhecer, antes de dormir ou no centro espírita), assim como, uma corporalidade e uma linguística (súplica, entonação da voz etc.); terceiro, a demanda pela evidência do respeito, humildade, subordinação e elevação.

Mesmo que de forma mecânica e decorada, como no caso do “Pai Nosso” ou no caso da prece nas transmissões ao vivo ou com o agradecimento pelo dia e conversa com o “plano superior”, precisamos considerar que realizar uma prece é um rito, uma forma de lidar com o sagrado. É uma forma de se dirigir às divindades, de buscar uma direção, um resultado, é um credo. De acordo com Mauss (1979), a prece é ação e pensamento expresso na palavra, mesmo que seu uso seja mecânico, a priori esvaziado de sentido, crê-se na necessidade de elevar seu pensamento ao sagrado. Através da linguagem da prece, o sujeito “age exprimindo ideias, sentimentos que as palavras traduzem para o exterior e substantificam. Falar é ao mesmo tempo agir e pensar: eis porque a prece pertence ao mesmo tempo à crença e ao culto” (MAUSS, 1979, p. 103).

⁶⁴ Vídeo publicado em 12 de fevereiro de 2016, no YouTube, com duração de 3:48.

No vídeo “Toma lá dá cá”, um sujeito realiza uma prece com súplica, mas sua relação não é de dependência, ele espera que Deus realize suas ações sem antes ser humilde, dependente e subordinado ao plano espiritual. Ao mesmo tempo em que evidencia suas qualidades, ele realiza suas cobranças, mas tenta ser modesto: “*Eu não estou cobrando, não. Eu sei que – se o Senhor disser assim: ‘É assim que tem que ser’ -, aceito. Aceitei. Porque é o Senhor que sabe de tudo, eu estou aqui para sofrer, entendeu? Se for preciso. Mas, vê aí se é isso mesmo*”. A ironia se revela a partir do jogo entre suas palavras que tornam evidente a relutância em aceitar os desígnios divinos. Entretanto, a moral espírita se evidencia no ato em que um espírito aparece para ele a fim de entrega-lo um grande livro com todas as “dívidas” espirituais.

Quadro 6 – Principais características das personagens ou actantes do esquete cômico audiovisual “Toma lá dá cá”, (29 de maio de 2015, duração 4:04, Canal Amigos da Luz, YouTube)

| “Toma lá dá cá” | | | | |
|------------------------|---|---|---|--|
| Descrição no YouTube | “Você procura fazer o Bem pelo Bem ou está de olho em possíveis recompensas de Deus? Nosso amigo Alberto resolveu acertar as contas com a providência divina... Sobre os obstáculos da vida, dê uma olhada no Livro dos Espíritos, pergunta 920 em diante.” | | | |
| Personagens / Actantes | Como agem | Como reagem | Qualificação | Resultado |
| Alberto | Faz uma prece com uma lista de ações, cobrando a Deus o retorno | Ao mesmo tempo em que diz suas boas ações, também julga, só agradece pela família e saúde como apenas uma obrigação | Ao mesmo tempo em que assume postura de humilhado, também cobra ações | Recusa-se a aceitar que ele tem muito a cumprir para que possa ser recompensado |
| Mentor Espiritual | Questiona o fato de Alberto cobrar a providência divina | Entrega ao homem um livro grosso com as coisas que ele precisa cumprir | Sério | Evidencia que o sofrimento é proveniente das dívidas passadas e que tudo é cobrado |

Fonte: A autora, 2018.

Então, de acordo com “Toma lá dá cá”, Deus é o princípio do Universo, porém suas providências só são designadas ao sujeito conforme suas ações: prática do bem ou do mal, caridade, amor ao próximo. Inclusive, a questão citada na descrição do vídeo está presente no capítulo do *Livro dos Espíritos* sobre as penas e gozos terrestres que um ser humano cumprirá conforme suas ações, sendo a felicidade ou infelicidade relativas. Isto porque “depende dele amenizar seus males e ser tão feliz quanto se pode ser sobre a Terra” (KARDEC, 2009b, p. 289). Inclusive, é atitude do bem ou do mal na trajetória terrena que definirá o padrão de

afinidade espiritual, de hierarquia, reencarnação de provas e expiações. Segundo a doutrina espírita, a “colheita dos frutos bons ou maus” dependem tanto do passado de outras vidas (lei do carma), como do bom ou mau uso do livre-arbítrio (CAVALCANTI, 2008).

Já “Pop-up na prece” é uma mistura das duas temáticas dos vídeos anteriores: a prece antes do sono e a infelicidade humana diante dos problemas cotidianos. Isto é, a não aceitação da realidade concomitante à dificuldade de estabelecimento do pensamento puro com o plano divino. Segundo *O Livro dos Espíritos*, a prece é um momento de adoração, bem como, de envio divino dos bons espíritos em socorro dos aflitos: não se trata de orar muito, mas de orar com atenção. Ademais, as boas ações também são consideradas tão importantes quanto as preces, visto que são nas faltas e nos acertos das condutas que Deus avalia o bem e o mal.

Com isso, a personagem desse esquete sente inveja da ex-mulher que está viajando, reclama da mãe, da pensão da filha, esquece-se do alimento do animal de estimação e de honrar as contas e as demandas do trabalho. É importante ressaltar que a descrição do vídeo demanda por um processo de interiorização, de recolhimento a fim de cuidar da respiração para alcançar o equilíbrio e concentração para a prece. Isto é, fornece um exercício para conexão com o plano espiritual antes de dormir. Vejamos o quadro a seguir:

Quadro 7 – Principais características das personagens ou actantes do esquete cômico audiovisual “Pop-up na prece”, (2 de junho de 2017, duração 4:13, Canal Amigos da Luz, YouTube)

| “Pop-up na prece” | | | | |
|-------------------------------|--|--------------------|---------------------|------------------|
| Descrição no YouTube | “Às vezes, na hora da prece, pensamentos que não têm nada a ver ficam “pulando” na nossa mente, tomando conta do pedaço e nos atrapalhando a concentração. São as turbulências naturais da nossa mente ainda pouco disciplinada. Podemos tentar resolver isso buscando o recolhimento através de uma respiração serena, que traz paz a mente, permitindo, talvez, que ela até vague um pouco para que possamos então retomar o controle. O importante é não se render à nossa “bagunça mental” e nem abandonar esse hábito tão gostoso que é trocar uma ideia com o Plano Superior.” | | | |
| Personagens / Actantes | Como agem | Como reagem | Qualificação | Resultado |

| | | | | |
|--|--|--|---|---|
| Um homem realiza sua prece antes de dormir | Antes de dormir, ele luta com a própria mente. Tem dificuldade de lidar com pensamentos desconexos com o processo de elevação transcendente. Lembra do cartão de crédito, da mãe, dos animais de estimação, da ex-esposa, trabalho e contas a pagar. | Diz ao mestre Jesus que quer orar, mas não consegue se concentrar. | Lamenta por ser um homem sozinho e por ter dificuldade de lidar com a vida. | A mente humana é comparada à mente de computador (<i>pop-up</i> é uma extra que abre no navegador da internet, que nem sempre é desejada). Como ele ainda está aprendendo a lidar com a mente, a situação não é resolvida ao longo do esquete. |
|--|--|--|---|---|

Fonte: A autora, 2018.

A construção do roteiro audiovisual requer certo cuidado referente a conteúdos preconceituosos, principalmente, pelo alcance da mensagem, armazenamento e a reprodutibilidade técnica. Porém, os entrevistados relataram que algumas situações estão enraizadas na prática cotidiana e que, muitas vezes, não reparam o erro. São os receptores quem, através dos comentários, apontam as falhas. Embora não sejam erros propositais, o grupo acata a crítica e deixa o vídeo no ar como forma de autocrítica e de deixar rastros do discurso construído ao longo da história do canal. Assim, as trajetórias individual e coletiva se relacionam com as lógicas sociais estruturadas, que só são ultrapassadas a partir da reflexão coletiva.

Com isso, eles apontam o vídeo “Fora do corpo” (Quadro 7) como um vídeo problemático, pois foi compreendido como gordofóbico. Todavia, conforme relatam, no momento da construção e encenação do roteiro, eles não teriam percebido este problema, principalmente, pela naturalização da luta contra o peso na vida deles, tornando-se piada a própria condição subjetiva. Assim, a vaidade e o cuidado do corpo físico são associados a uma mulher magra em contraposição à alma descuidada de uma mulher acima do peso, encenada por um ator.

Nos vídeos, a gente tem um vídeo chamado “Fora do corpo”, que é um vídeo que fala da experiência de desdobração, que é quando o espírito sai do corpo durante o sono. E aí, o vídeo é especificamente sobre vaidade. Aí, é uma menina linda, a Loeni, que quando está desdobrada, sou eu – o ator que faz sou eu com a voz dela. Como se ela desdobrada revelasse o interior feio. Só que quem a gente escolheu para fazer o feio? Uma pessoa gorda. Então, isso virou super uma gordofobia escrota e a gente não se deu conta disso no momento. Achou curioso de ser um homem fazendo uma mulher, apesar de ser gordinho e isso ser a piada do vídeo. Olha só. E isso está lá, está registrado, teve gente que, uma boa parte não percebeu isso e entendeu que era uma coisa sobre vaidade, mas alguém falou “isso não foi muito legal”. E a gente:

“Realmente, você está certo, a gente precisa refletir sobre isso”. Não tiramos o vídeo do ar, até para ter como exemplo mesmo para a gente poder pensar sobre isso, né. Refletir... Se eu não me engano, eu acho que foi o erro mais... O equívoco mais forte que a gente teve, mas nem também foi muito, não. Mas teve. (Informação verbal.)⁶⁵

Quadro 8 – Principais características das personagens ou actantes do esquete cômico audiovisual “Fora do corpo”, (26 de junho de 2015, duração 3:17, Canal Amigos da Luz, YouTube)

| “Fora do corpo” | | | | |
|-------------------------------|--|---|---|---|
| Descrição no YouTube | “Sem exageros, é muito bom manter a forma e cuidar da beleza do corpo físico. Mas e a alma? Como torna-la igualmente bonita? Não se esqueça que é o espírito que mostra quem REALMENTE somos...” | | | |
| Personagens / Actantes | Como agem | Como reagem | Qualificação | Resultado |
| Juliana | Enquanto dorme com o marido, ela sofre a experiência de “desdobramento do corpo”: fisicamente, ela é magra, mas, espiritualmente, sua aparência é obesa | A princípio, não entende bem o susto do marido, diz que ele a acha sempre feia mesmo que ela faça procedimentos estéticos e permaneça magra | Vaidade | Se dá conta que era um sonho, que ela era gorda e o marido tinha a boca grande e só dava lição de moral. |
| Afonso | Também passa pelo mesmo processo e se assusta com a mulher | Diz que sua aparência parece ser de uma bruxa. Aconselha: “tudo bem cuidar do corpo, até porque é instrumento perfeito para cumprir nossas ações, mas você está dando muita atenção para o corpo físico e está esquecendo de embelezar a sua alma”. | Só observa o defeito do outro, mas também não pratica ações de cuidado com a alma. Logo, se aparência dela é obesa e com cabelo mal cuidado, a boca dele se torna muito grande. | Também se dá conta de que estava sonhando, porém, o sonho era sobre princesa e bruxa. Eles brigam porque a esposa acredita que ele estava reparando nas características físicas de outra mulher até durante o sono. |

Fonte: A autora, 2018

Observamos certa repetição de representação da prece antes de dormir, bem como, do processo de desdobramento do espírito durante o sono – podemos citar como exemplos, os vídeos “Prece com pressa”, “Toma lá dá cá”, “Fora do corpo”, “Pop-up na prece”. Com isso, surgiu-nos um questionamento acerca da importância dos sonhos para a doutrina, para o processo criativo do grupo e na própria experiência deles. De acordo com os relatos, o espiritismo acredita que os sonhos permitem que os laços materiais se tornem mais maleáveis, tornando a consciência mais livre e exteriorizada. Neste processo, o espiritismo teria acesso a

⁶⁵ Entrevista concedida por LUCA, Fábio de. Entrevista Companhia Amigos da Luz – Sidney Grillo e Fábio de Luca. [jul. 2018] Entrevistadora: Grazyelle Fonseca. Rio de Janeiro, 2018. 1 arquivo .mp3 (47:30).

algumas lembranças do vividas em encarnações passadas, como também, seria uma forma de atingir as camadas do inconsciente.

Segundo Fábio de Luca, ele acredita que sonhos com coerência, definição e memória são relativos ao processo de desdobramento. Para Sidney Grillo, os sonhos mais simbólicos, confusos e ilusórios seriam como uma relação com o inconsciente, devido às lembranças vividas no dia ou na semana. Afirma que há a possibilidade de haver encontros espirituais e desdobramentos.

Para compreendermos esta associação entre simbólico, onírico e a possibilidade de contato com os mortos ou espíritos, consideramos que seja importante definirmos o que é o simbólico e a importância dos sonhos. Compartilhamos da concepção junguiana de que “símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que pode ser familiar na vida cotidiana, embora possua conotações especiais além o seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós” (JUNG, 2008, p. 18). Aproximada a essa definição, a perspectiva semiótica de Peirce (2012) define que o símbolo é concebido no hábito natural ou convencionado do sujeito, sem que este considere a priori os motivos que orientaram a tal situação. Desta forma, para Peirce, é a característica que o sujeito atribui como pertencente a uma relação (no nosso caso, as instâncias do sagrado ou profano) que define a representação. Logo, o objeto pode não existir materialmente, pois o símbolo possui certa independência do objeto / referente factual, sua relação se dá por meio de instintos naturais, convenções ou ato intelectual.

Correlacionado à capacidade humana de produzir símbolos, os sonhos são acontecimentos inerentes ao ser humano, que pode ser de difícil compreensão (metafórico, contraditório) ou ser passível de suposição (quando expressa sentido claro conforme a existência humana). A associação entre sonhos e comunicação com espíritos, conforme a doutrina, é interessante, pois, os espíritos não possuem invólucro material ou referencial direto. Os sonhos, com sua capacidade de construir símbolos através do repertório de imagens do inconsciente, possibilitam a construção de imaginário que não é visível, até mesmo dos antepassados. Conforme Jung:

A função geral dos sonhos é tentar restabelecer a nossa balança psicológica, produzindo um material onírico que reconstitui, de maneira sutil, o equilíbrio psíquico total. É o que eu chamo de função complementar (ou compensatória) dos sonhos na nossa constituição psíquica. Explica por que pessoas com ideias pouco realísticas, ou que têm um alto conceito de si mesmas, ou ainda que constroem planos grandiosos em desacordo com a sua verdadeira capacidade, sonham que voam ou que caem. O sonho compensa as deficiências de suas personalidades e, ao mesmo tempo, previne as dos perigos dos seus rumos atuais. (JUNG, 2008, p. 56)

Considerando que sonhos são a possibilidade de atribuir capacidade mágica que a vida social reprime, muitas vezes eles são carregados de mais vivacidade e sentidos mais vigorosos (JUNG, 2008). A depender do contexto social, o sonho significa revelação de um acontecimento futuro, tal como Bahia observou que, entre os pomeranos, sonhar com um morto indica que alguém da família morrerá em breve ou que remete ao presente cujo “fantasma tem de ser tratado como se ainda possuísse os mesmos desejos e anseios de quando era vivo” (BAHIA, 2011, p.316). Já o que observamos nas representações audiovisuais dos Amigos da Luz é que os sonhos são uma comunicação direta com o plano espiritual que visam dar ordenamento moral ao sujeito ou evidenciar que algo não está bem encaminhado, sendo o momento da prece um preparo para esse encontro.

A defesa pela prece com o “coração” que lhe antecede adquire mais sentido visto que é um momento em que é preciso estar despido das imposições sociais, cujo sonho pode revelar o oculto. Assim como evidencia Mauss (1979), a prece é um elemento fundamental na religião:

De todos os fenômenos religiosos, são poucos os que, mesmo considerados apenas externamente, dão de maneira tão imediata quanto a prece a impressão de vida, de riqueza e de complexidade. Ela possui uma história maravilhosa: vinda de baixo, elevou-se até o ápice da vida religiosa. Infinitamente flexível, assumiu as formas mais variadas, alternativamente adorativa e dominadora, humilde e ameaçadora, seca e abundante em imagens, imutável e variável, mecânica e mental. Assumiu os papéis mais diversos: aqui ela é uma exigência brutal, lá uma ordem, acolá um contrato, um ato de fé, uma confissão, uma súplica, uma louvação, um hosana. Às vezes, um mesmo tipo de prece passou sucessivamente por todas as vicissitudes: quase vazia na origem, uma se apresenta um dia cheia de sentido, a outra, quase sublime no início, reduz-se pouco a pouco a uma salmodia mecânica. (MAUSS, 1979, p. 102).

A representação encenada do mundo espiritual nos vídeos analisados possibilita visualizar as experiências pitorescas que somente os sonhos constroem. Todavia, eles afirmaram não ter tido ainda uma ideia de roteiro oriunda propriamente das imagens oníricas ou do processo de desdobramento. A influência seria no momento de escrever, um sentimento de inspiração.

3.3.2 O conhecimento do espírita: mentor espiritual, mediunidade e performance

No vídeo “Mentor espiritual” (Quadro 8), são abordados a vaidade e o pedantismo do espírita, bem como, quebra-se o estereótipo do mentor espiritual como um sujeito branco e europeu. A mentora é negra, dona de casa e moradora de Madureira, Rio de Janeiro. O argumento central, segundo os entrevistados, era quebrar a ideia de que mentores foram personalidades ilustres do passado, oferecendo a perspectiva do guia espiritual como uma pessoa comum na vida passada. Ou seja: o médico alemão e o senador romano são problematizados em relação à possibilidade da manicure, da dona de casa e do porteiro também terem sido espíritos evoluídos e que hoje cumprem uma missão no plano espiritual, sem atravessar uma vida de provas e expiações. De um lado, a figura do mentor se torna mais próxima dos trabalhadores e das classes mais baixas, de outro, questiona os estereótipos de representação dos sujeitos na doutrina. Tal discussão de classe é uma tentativa de enfatizar que, apesar de o espiritismo ser composto, em sua maioria pelas classes médias escolarizadas, ele também recepciona e se preocupa com as classes menos abastadas. Assim como, preocupa-se com a os preconceitos de cor e profissão.

Quadro 9 – Principais características das personagens ou actantes do esquete cômico audiovisual “Mentor espiritual”, (18 de setembro de 2015, duração 2:51, Canal Amigos da Luz, YouTube)

| “Mentor espiritual | | | | |
|-------------------------------|--|---|---|---|
| Descrição no YouTube | “Mentor espiritual, espírito protetor, amigo espiritual, guia... Todos temos um espírito com a missão de nos proteger e orientar na vida corpórea. Alguns de nós tem a curiosidade de saber se foi uma personalidade famosa, um espírito de escol, etc. Bobagem. O que importa é o amor que fez esse espírito se comprometer conosco nessa encarnação e a gratidão que devemos ter por esse ato de carinho. “507. Os Espíritos protetores pertencem todos à classe dos Espíritos superiores? Podem ser encontrados entre os da classe média? Um pai, por exemplo, pode tornar-se Espírito protetor de seu filho? – Pode, mas a proteção supõe um certo grau de elevação, e um poder e uma virtude a mais, concedidos por Deus. O pai que protege o filho pode ser assistido por um Espírito mais elevado” (Livro dos Espíritos)” | | | |
| Personagens / Actantes | Como agem | Como reagem | Qualificação | Resultado |
| César | Espera por um mentor evoluído e famoso | Acha-se muito espiritualizado, pois fora palestrante espírita, médium e escritor de livros, mas critica o ritual católico com a “missa, hóstia, senta e | Médium espírita arrogante, acha-se mais competente para explicar sobre o Plano Espiritual e mais “evoluído”, espera que o mentor seja de São Francisco de | Fica decepcionado porque a mentora teve uma vida com um cotidiano banal. Não se conforma, espera que ela seja Joana D’Ângelis, Memei, Bezerra |

| | | | | |
|---------|--|--|--|---|
| | | levanta” | Assis para cima | de Menezes, Maria Madalena e até Hebe Camargo |
| Gilmar | Tem dúvidas de como deve seguir | Calmamente se apresenta como espírito de luz, mas deixa claro sua vida comum na encarnação passada | Um católico calmo | O fato dele ter dúvidas e ser paciente o auxilia e torna-se positivo |
| Solange | Apresenta-se como mentora de César | | Mentora espiritual, foi dona de casa, moradora de Madureira, negra | Ela sorri. |

Fonte: A autora, 2018.

Observando o canal, a participação eventual de uma pessoa negra nos vídeos teria levado o grupo a refletir sobre o próprio contexto institucional que a companhia possui, a fim de oferecer representatividade na narrativa audiovisual. Formada por amigos, a companhia não possui um número extenso de elenco, inclusive, a atriz convidada não é profissional como os outros integrantes, mas uma amiga. Segundo a autocrítica dos entrevistados, trata-se de um vídeo que funciona isoladamente, mas, no conjunto, evidencia que o circuito em que estão inseridos abarca precariamente a diversidade de estereótipos.

Só que a aí, a gente ficou também com o questionamento: pera aí, poxa, a gente só escolheu uma atriz negra para fazer esse momento, esse papel, nesse vídeo em todos os vídeos. Sabe, será que isso não foi uma escolha também que a gente precisava dessa figura para fazer esse contraponto. Será que isso não foi uma atitude de uma maneira racista? Complicado, bicho. Eu não sei... A gente... Às vezes, bem-intencionados, se estrebucha e se dá com burro n’água, muito complicado. A sorte é que as pessoas, graças a Deus, têm muito boa vontade com a gente porque acho que percebem que a gente é tapado mesmo e que quando a gente comete esses equívocos, não são de maldade. Então, elas vêm com muita paciência e explicam, dão referência, são muito... Não é com relação a esse vídeo que Neide fez [...], as pessoas não perceberam muito isso. Mas, num outro vídeo, alguém falou: “Poxa, mas não tem atores negros no Amigos da Luz?”. Poxa... É, a Neide fez, mas só fez aquele que a gente precisava de uma atriz negra de Madureira. Estamos reproduzindo o que tanto a gente questiona da Globo, que fica presa a perfis... (Informação verbal.)⁶⁶

Nos vídeos do canal, há uma representação em comum acerca das forças do “alto” ou “positivas”: são espíritos que vestem branco. O que se espera do mentor? Austero, uma personalidade famosa na Terra, com traços europeus ou que teve uma biografia inusitada e carregada de feitos heroicos. O requerimento por São Francisco de Assis como mentor revela

⁶⁶ Idem. Rio de Janeiro, 2018. 1 arquivo .mp3 (47:30).

um ideal por uma personalidade que teve a vida cotidiana santificada, obediente, com votos de pobreza e castidade (STOLL, 2002).

Entretanto, em “Stand up do mentor” ocorre uma perspectiva inversa: o mentor age como o encarnado e não leva o sujeito que ele guia à sério. Então, faz piadas com a falta de estudo doutrinário e apego à ritualização, tal como, passe e água fluidificada. Com isso, insere o sujeito na responsabilidade de construir sua própria “evolução” moral e espiritual:

-Eu não imaginava que o Marcelo ia me dar tanto trabalho. Ele é espírita. Quando eu soube que o meu protegido ia ser espírita, eu relaxei. Ah, vai ser sopinha de ectoplasma. [risos] Que nada. A única coisa que Marcelo aprendeu até hoje no centro, foi a hora em que eles dão o passe. Ele sempre chega no finalzinho da reunião. No final da prece de encerramento, ele chega. Ele é conhecido como “Marcelo Assim Seja”, ele entrou e saiu. [risos] Pois é. Uma vez, ele esqueceu que estava no horário de verão. Ele chegou uma hora mais cedo no centro. Aí, teve que ver a palestra, mas foi bom porque vendo aquela palestra, o Marcelo refletiu e decidiu mudar... de relógio. [risos]

Quadro 10 – O mentor que não leva a sério o seu protegido

| | | | |
|--|---|--|---|
| Descrição do vídeo no YouTube | Você leva a sua encarnação a sério? Já pensou se a espiritualidade também resolvesse deixar de nos levar a sério? Isso certamente nunca iria acontecer, mas as vezes nos esquecemos da gravidade do nosso principal compromisso ao retornar a Terra, trabalhar no nosso próprio adiantamento. | | |
| Vídeo | Tema | Ideia central | Piada ou ironia |
| “Stand up do mentor” 20 de maio de 2016 Duração 4:24 | Levar a sério a missão terrena | Descompromisso com as reuniões nos centros. Leitura de livros com temáticas espíritas, mas sem aprofundamento nos livros de Kardec. Ritualização: passe e água fluidificada. | O espírito faz piadas durante todo o esquete. |

Fonte: A autora, 2018.

A “luta” cósmica entre o sujeito encarnado e o espírito guia em oposição ao espírito obsessivo relaciona-se com o próprio sujeito na sua jornada de vida e espiritual, do que uma competição com as outras religiões. Neste caso, não há referências às outras religiões. Por outro lado, vale retomarmos ao fato de que no vídeo “Sai do armário” há uma assimilação entre “Guerra Santa”, própria do Oriente Médio, à intolerância religiosa.⁶⁷

⁶⁷ Considerando que os espíritos podem ser mediadores / agentes que influenciam as condutas dos homens na Terra, Birman (2005) realiza uma crítica aos pesquisadores que consideram a presença de “espíritos” como “irreal”, parte somente da noção de pessoa e não do contexto que deveria ser descrito, pois, para a autora, os adeptos das religiões que creem na influência dos espíritos sobre a matéria e os humanos consideram esta questão como parte da experiência vivida. Assim, transe / psicofonia, possessão / obsessão são considerados reais. Então, a autora argumenta que a capacidade de mediação espiritual é tão importante que pode afetar até mesmo na relação de gênero: “a atividade religiosa de possessão que ‘fabrica’ mediadores com a esfera sobrenatural tem efeitos sobre a natureza da pessoa em termos de gênero, ‘feminilizando-a’ quando se trata de homens e ‘empoderando-as’ quando se trata de mulheres, o que provocaria, em consequência, um permanente

Desta forma, os entraves com o obsessor seria uma espécie de jogo entre a persuasão e a dissuasão espiritual, que ocorre a partir das brechas deixadas pelo sujeito na própria vida: vaidade, desespero diante das vicissitudes da vida e assim por diante. De um lado, o espírito obsessor busca persuadir o indivíduo para um caminho de vícios e desorientação, de outro, o mentor busca dissuadi-lo a fim de encaminha-lo para o caminho do “bem”. Esta é uma representação comum nos vídeos, a qual podemos observar também no vídeo “Vício”⁶⁸, e nos vídeos em destaque do quadro abaixo.

Quadro 11 – Vídeos sobre obsessão

| Vídeo | Tema | Concepções centrais | Piada ou ironia |
|---|---|---|---|
| <p>“Obsessor” 10 de abril de 2015 Duração 2:49</p> | O sujeito e a atração de energias negativas | <p>Quem pode prejudicar mais o ser humano? Ele mesmo ou obsessor? A resposta é que o mau uso do livre-arbítrio está na maioria dos problemas. Somente o sujeito pode se livrar do sentimento de angústia e tristeza.</p> | O obsessor não consegue atormentar o homem, pois ele próprio se prejudica. Então, ele aconselha o obsediado a ter equilíbrio e diz que fez uma prece para os espíritos mentores iluminá-lo. |
| <p>“Ouvindo vozes” 11 de setembro de 2015 Duração 2:15</p> | Vigiar a vida alheia, fofoca | A presença de espíritos negativos que enganam aqueles que gostam de fofoca. | O homem conta o sonho que teve igual à fofoca que a mulher contou para a vizinha, mas eram espíritos levianos que a enganavam. |
| <p>“Invasão na casa espírita” 4 de dezembro de 2015 Duração 4:09</p> | Inserção de espíritos negativos na casa espírita / A imperfeição da casa espírita | <p>Espíritos obscuros, vestindo preto, invadem a casa espírita. Entretanto, o centro é feito de pessoas e suas ideias de implantar preguiça, ódio, discórdia e fofoca no centro espírita falha, pois já havia isso lá. O espírito protetor diz que o centro funciona por misericórdia divina.</p> | Paródia com o “Funk “Era só mais um Silva” |
| <p>“Procura-se um obsessor casca grossa” 8 de julho de 2016 Duração 4:06</p> | Degeneração espiritual: possibilidade de regressão e vaidade | <p>Questão 118, do <i>Livro dos espíritos</i>. O pai de uma mulher desencarnada é o presidente de um centro espírita. Como ele se tornou vaidoso e só atende aos espíritos</p> | O Frei Antônio – mentor espiritual – pede ao obsessor que deem o recado ao “Seu Pereira”, presidente da casa espírita, que o Frei deseja falar com ele, já que ele só escuta obsessores. |

diálogo conflitivo dessas pessoas com a norma social e suas possibilidades de transgressão” (BIRMAN, 2005, p. 409).

⁶⁸ Publicado em 2 de outubro de 2015, duração 1:48, representa uma jovem com bebidas. A ironia é que um espírito “bom” e um espírito “mau” competem para que ela siga ou a perspectiva do vício ou pense nos estudos, porém, o vício é na tecnologia, ela opta por usar o smartphone – o espírito “mau” ganha.

“inferiores”, a filha (agora espírito) tenta ser obsessora para transmitir a mensagem dos mentores espirituais. Entretanto, não existe possibilidade de um espírito regredir / se degenerar, conforme a hierarquia da codificação espírita.

Fonte: A autora, 2018.

Lewgoy, em seu trabalho de campo (2000), observou que a perspectiva da obsessão oferece ao espiritismo um “eu” (espírita) e um “outro” (obsessor e inversor do sistema ético da doutrina). Na qual, o processo de

obsessão espírita funda-se na ponderação racional e no respeito a determinadas leis, o espírito obsessor funda-se na ponderação racional e no respeito a determinadas leis, o espírito obsessor age de forma irracional e excessiva, transgredindo normas e preceitos religiosos, exemplificando o comportamento desviante típico para o grupo, que é assimilado a uma patologia moral. No plano ético, a vingança funciona como seu motivo principal, figurando como a antípoda dos códigos cristãos de amor, caridade e desprendimento. Nesse sentido, o problema da obsessão é o do espiritismo em geral: a conversão da humanidade, do código da vingança para a caridade. (LEWGOY, 2000, p. 319).

Este argumento de Lewgoy possibilita compreendermos o porquê da ironia do espírito obsessor que desiste de praticar o mal e faz uma prece para que obsediado tenha luz: ele se redime da vingança para a caridade. Por outra via, conforme o vídeo da retrospectiva de 2015, o vídeo “Obsessor” oferece uma outra chave interpretativa, é compreendido como uma narrativa que evidencia o papel do sujeito na construção dos próprios problemas da vida. Culpa-se muito obsessor, mas o sujeito não assume os próprios erros e não resolve suas questões. Com isso, ele pode exercer o papel de obsessor da própria consciência, isto é, os medos, angústias e tristezas também estão no inconsciente. O sujeito e a mente também são responsáveis pela estagnação.

“Ouvindo vozes” e “Invasão na casa espírita” se complementam: os espíritas “menos evoluídos” ou levianos se aproximam conforme as afinidades com fofocas, preguiças, discórdias. Porém, no centro espírita, mesmo com esses sentimentos presentes, os espíritos mentores buscam evitar a influência desses espíritos porque a falha é inerente ao ser humano e Deus tem misericórdia com os humanos. Desta forma, os obsessores armam um plano para destruir o centro conforme os estereótipos:

-E agora chega de papo furado e vamos começar o trabalho. A gente tem que colocar isso tudo aqui abaixo.

-Como assim colocar tudo abaixo?

-Acabar com esse monte de coisa espírita. Essas palhaçadas. Até a Turma da Mônica virou espírita agora. Olha aí. Mural de amigos, isso é coisa espírita. Olha aqui o bazar. Esse monte de roupas para doação? Isso aqui não é. Isso é bazar. Povo para gostar de bazar é espírita. O sexto livro de Kardec tinha que ser isso: “Bazar segundo o espiritismo”. Enfim, destruir isso aqui tudo aqui. Acabar com essa palhaçada.

Observa-se no diálogo acima que os mentores têm comportamento de destruição típico de intolerância religiosa, trocadilho com o estereótipo do “bazar espírita” com o livro *Evangelho Segundo o Espiritismo*, assim como os livros lançados por uma editora espírita com a franquia da “Turma da Mônica” – inclusive, na internet, observamos que há críticas de outras expressões religiosas acerca da “apologia” da “Turma da Mônica” ao espiritismo. O mentor espiritual argumenta que o centro ou um templo religioso é apenas um ponto de partida para que o sujeito construa seu processo de “aperfeiçoamento”:

Meus amigos, esse centro espírita é feito por pessoas normais. Cada um com suas próprias dificuldades, mas alguns estão querendo aprender. Tentando domar suas más inclinações e vocês são muito bem-vindos porque exercitam a vigilância. Nenhum centro espírita é perfeito. Cada centro, igreja, sinagoga, terreiro, qualquer templo que exista é só um ponto de partida. Um trampolim que te dá o impulso. Agora, sustentar o voo é trabalho de cada um.

Por fim, a piada que finaliza o vídeo é uma paródia⁶⁹ do funk “Era só mais um Silva”, do DJ Marlboro:

Era só mais um centro que a gente obsediava,
Mas o mentor boladão ali estava de guarda
Tinha inveja e preguiça e vaidade não falta,
mas, para espalhar confusão, já não valia de nada
Chegamos de voadora, pedra, papel e paulada,
mas, nós quebramos a cara com a coluna travada.

Espera-se que o mentor exerça uma identidade disciplinar sobre o encarnado, assim como, que ele seja um guardião e protetor das benfeitorias. Um imperativo do mentor de Chico Xavier, Emmanuel, aparece algumas vezes no canal: “Disciplina, Disciplina, Disciplina!” para que o sujeito alcance “evolução” espiritual.

⁶⁹ Vladimir Propp define a paródia como “imitação das características exteriores de um fenômeno qualquer de vida (das maneiras de uma pessoa, dos procedimentos artísticos etc.), de modo a ocultar ou negar o sentido interior daquilo que é submetido à parodização. É possível, a rigor, parodiar tudo: os movimentos e as ações de uma pessoa, seus gestos, o andar, a mímica, a fala, os hábitos de sua profissão e o jargão profissional; é possível parodiar não só uma pessoa, mas também o que é criado por ela no campo do mundo material. A paródia tende a demonstrar que por trás das formas exteriores de uma manifestação espiritual não há nada, que por trás delas existe o vazio” (PROPP, 1992, pp. 84–85).

Por outra via, há performances do médium que são esperadas e outras que devem ser corrigidas, como em “Divaldo e eu”, “Taca-lhe passe”, “Psicografa!”, “Espiritofobia”, “Médium famoso” e “Cemitério de livros”. Isto porque no cotidiano, nas práticas religiosas ou artísticas, comportamentos já conhecidos de uma determinada realidade são recombinaados ou aprendidos (hábitos, rotinas e ritualizações), é um “eu me comportando como se fosse outra pessoa, ou eu me comportando como me mandaram ou eu me comportando como eu aprendi” (SCHECHNER, 2003, p. 34).

Quadro 12 – Performance do médium

| Vídeo | Tema | Ideia central | Piada |
|---|---|--|--|
| “Divaldo e eu” 15 de abril de 2015 Duração 3:41 | Palestras edificantes | Homenagem a Divaldo Franco. É importante assistir a palestras, mas é preciso aplicar o aprendido no cotidiano. Agir de acordo com a doutrina. Praticar o perdão. | Uma mulher assiste a uma palestra gravada de Divaldo Franco na tv e ele interage com ela. [A imitação da voz de Divaldo é um recurso humorístico]. |
| Taca-lhe passe! 15 de maio de 2015 Duração 4:19 | Crítica à ritualização excessiva do passe | Competição e ego na casa espírita: a vaidade impede até a médium de ouvir direções espirituais. | Camiseta com a frase “No passe eu esculacho!” A comicidade é o desvio da norma que se realiza o passe, querer se sobressair perante os demais. A nova moda do passe: “bonecão do posto”. |
| “Psicografa!” 22 de maio de 2015 Duração 4:02 | Habilidade de psicografar | O conforto daqueles que têm saudade: confiar nos desígnios de Deus, estudar as Leis Divinas e praticar o bem. A vida continua após a morte. A psicografia é um processo que exige reuniões apropriadas, um estudo sério e um centro espírita. | Funk e sertanejo universitário são considerados instrumentos de tortura. A mulher queria o nome de um atendente de telemarketing que não resolveu o problema dela. |
| “Espiritofobia” 29 de abril de 2016 Duração 3:17 | Medo de espíritos | Tanto encarnados quanto desencarnados são espíritos, isto é, o ser humano é um espírito. <i>Livro dos Espíritos</i> , ajuda na caminhada do médium. O espiritismo é mais do que a caridade material, é a compreensão das leis da vida e da evolução moral, consolo e acolhimento. | Medo de espíritos e referência ao filme “Sexto Sentido” |

Fonte: A autora, 2018

Assim, no vídeo em homenagem a Divaldo Franco, “Divaldo e eu”, imita-se o tom de voz, os trejeitos e as palavras rebuscadas, tal como o médium idealiza sua oratória. Argumenta-se a favor da prática das mensagens da palestra, em vez do encanto pelo carisma do médium. Logo, a performance do médium orador tem o propósito de ensinar, convencer o sujeito, bem como, demarcar ou mudar uma identidade. No caso de “Taca-lhe Passe”, há uma piada acerca do exagero gestual na aplicação do passe – ação de cuidar do outro através da energia espiritual com as mãos. Critica-se a vaidade no centro espírita e uma busca por destaque até na prática que deveria ser caridade, de doação das energias ao próximo. Nesse caso, a performance é próxima ao ritual, busca lidar com o sagrado e o profano.

De acordo com a doutrina, todo indivíduo é médium. Entretanto, as atribuições dependem daquilo que foi designado e do trabalho que o espírito deseja desenvolver. Visto que ele exerce influência direta sobre os encarnados e é dotado de inteligência. Cavalcanti (2008) faz duas distinções de mediunidade: o médium mediano, no sentido genérico, de ter qualquer tipo de sensibilidade espiritual, difusa e através do pensamento; e o médium ostensivo, o médium propriamente dito, que trabalha explicitamente para o mundo invisível, tem consciência da sua comunicação e expressa-se de diversas formas (psicografia, vidência ou psicofonia⁷⁰). Todavia, para alcançar a plenitude da mediunidade há um processo de iniciação – médium em desenvolvimento –, seguido da qualificação para tarefas mais complexas como desobsessão – médium desenvolvido.

Em “Psicografia!” e em “Médium famoso”, a psicografia é compreendida enquanto atividade mediúnica que depende do ambiente apropriado, da mente limpa, do “dom” divino e do comprometimento entre mentor e encarnado. Isto porque:

[...] ainda que se deixe influenciar por uma certa filiação no *metier* literário com suas especulações datadas, tem a sua linha mestra de articulação mais na ideia de revelação do que na glamurização romântica do escritor. Ou seja, é mais fácil entender a psicografia se atentarmos para a dimensão religiosa, que deita raízes na redação bíblica, do que se nos fartarmos de comparações com a intuição literária. (LEWGOY, 2000, p. 119)

Ainda destacamos outros três tipos: a médium que tem medo de espíritos (Quadro 12), o médium que deseja enriquecer com o mercado cultural espírita e o espírita que acumula livros, mas não estuda o evangelho (Quadro 13). De um lado, evidencia que o espiritismo é mais do que ações para suprir as carências materiais – tais como, alimentação, roupas etc. –, ele lida com a moral do indivíduo – inclusive, o encarnado, antes de tudo, é um espírito. De

⁷⁰ Psicografia é a capacidade de escrever uma mensagem ditada por um espírito e psicofonia é mediunidade que o espírito utiliza o aparelho vocal do médium para se comunicar.

outro, o indivíduo só exerce a mediunidade que lhe foi designada, não podendo agir em proveito próprio. É preciso estudar a doutrina, mesmo que a linguagem seja difícil a priori e, mesmo com os equipamentos tecnológicos, o livro ainda é uma importante fonte de conhecimento. Com essa perspectiva, a performance do espírita está correlacionada ao seu contexto social e ao mercado de bens culturais e de consumo. Assim, no vídeo da “Retrospectiva 2015 – Quem somos nós”, um dos atores relata: “a gente cai na besteira de que tudo é grana, tudo é dinheiro, ambição. Não tem que ter no espiritismo a ambição”.

Quadro 13 – O dom do médium e o aperfeiçoamento através da leitura

| Vídeo | Tema | Ideia central | Piada ou ironia |
|---|--|---|--|
| <p>“Médium Famoso” 25 de setembro de 2015 Duração 4:56</p> | <p>O uso da mediunidade para benefício próprio</p> | <p>Mediunidade: dom de Deus. Se o médium só quer tirar proveito, o espírito mentor pode se afastar. Isto é, abandono espiritual devido à ambição no trabalho mediúnic. Além disso, há diferentes tipos de mediunidade.</p> | <p>O esforço do homem para psicografar, sendo que ele é médium vidente. Desejo por ficar famoso escrevendo romances espíritas, ganhar dinheiro, fama e prestígio com a mediunidade.</p> |
| <p>“Cemitério de livros” 7 de outubro de 2016 Duração 3:33</p> | <p>O espírita que não estuda, mas acumula livros para aparentar inteligência</p> | <p>Acumulação de livros, mas não lê o <i>Livro dos Espíritos</i> e nem <i>O Evangelho Segundo o Espiritismo</i>. Embora a linguagem do <i>Livro dos Espíritos</i> seja dificultosa, no início, à medida que o sujeito se familiariza, as palavras se adequam.</p> | <p>Os livros possuem rostos e conversam entre si: a transfiguração dos objetos à semelhança humana é um recurso do humor. O celular é deixado na estante dos livros esquecidos, ele se considera melhor em conhecimento e mais atual – pois é tecnológico –, mas a bateria acaba.</p> |

Fonte: A autora, 2018.

Para o sistema espírita, a leitura e o estudo são condições importantes para a formação da unidade doutrinária, sendo uma doutrina de aspecto letrado. Segundo Cavalcanti (2008), o estudo do Evangelho Segundo o Espiritismo e a prece podem ser feitos tanto no centro quanto no lar. Todavia, é recomendado que as sessões mediúnicas sejam feitas no centro. Observa-se, então, uma oposição entre a casa e o centro com fins de controle e uniformização da religião, e como atitude cautelar em relação ao tipo de hierarquia espiritual que circula no âmbito do descanso (lar). O estudo é o reconhecimento da importância da palavra oral e escrita: ele é esclarecedor para os sofrimentos e transformador do sujeito domar seus sentimentos e

afeições, além de ser essencial para o desenvolvimento do médium. Por isso a importância de não somente frequentar as sessões de passe, mas também as reuniões para estudo doutrinário.

Em “Cemitério de livros”, os livros possuem rostos e são dotados da capacidade de reflexão. Esta estratégia cômica é chamada de representação do homem como coisa, usada para sátira social ou política de acordo com o contexto narrativo (PROPP, 1992). “A representação do ser humano através de uma coisa nem sempre é cômica como afirma Bergson, mas somente quando a coisa é intrinsecamente comparável à pessoa e expressa algum defeito seu” (PROPP, 1992, p. 75) No caso do vídeo, a humanização dos livros busca evidenciar o descaso com o estudo doutrinário ao mesmo tempo em que evidencia o objeto como fruto da criação da consciência humana e da sua inteligência sempre à disposição.

Vale ressaltar que a questão da materialidade atravessa a relação entre sujeitos e espíritos e não está desconectada da estrutura religiosa.⁷¹ Sua relação é ambivalente: aparece ora como negativa, evidenciando egoísmo e apego, ora como inerente à sobrevivência humana. Assim como, para os espíritos, ela é pertinente visto que o perispírito é um invólucro semi-material. Além disso, a interferência dos espíritos no mundo humano ou visível é uma relação de materialidade.⁷²

3.3.3 A personalidade do espírita: afinidade espiritual, vidas passadas, despedida e passagem para o plano espiritual

De acordo com a questão 459, do *Livro dos Espíritos*, os espíritos têm capacidade de dirigir os nossos pensamentos e as nossas ações. Logo, a comparação da vida a um jogo de videogame, em “Sintonia”, é uma metáfora ao controle espiritual, semelhante à representação de “Rádio Umbra”, a diferença é que este último representa tanto a força do “Alto” quanto a

⁷¹ Embora não seja problematizada, de maneira aprofundada, a questão da materialidade realizamos uma reflexão preliminar sobre materialidade da comunicação e espiritismo, com base na teoria não-hermenêutica da produção de presença, de Gumbrecht, ver: FONSECA, Grazielle. Humor religioso no YouTube: representações dos usos tecnológicos e do imaginário religioso espírita no Canal Amigos da Luz. In: ABCIBER, 2017. Neste trabalho, observamos que as representações dos Amigos da Luz tendem a representar o tecnológico / material em contraposição ao imaterial, porém, também abordam o quanto os meios de comunicação afetam nosso cotidiano com sua capacidade de transmissão de sentido, bem como, são capazes de produzir presença.

⁷² Recentemente, pesquisadores brasileiros têm estudado a pertinência da materialidade para a experiência do sagrado e na cultura material da religião. Com isso, a religião não é somente compreendida através de um conteúdo abstrato, mas em sua relação com os objetos. Disponível em: <http://www.simposio.abhr.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=504>. Acesso em: 10 dez. 2018.

do “umbral” e o primeiro apenas espíritos obsessores. Porém, eles evidenciam que a pessoa tem o poder de estabelecer sintonia harmônica ou conflitua conforme o modo de vida que adota. É interessante notar que em ambos os casos há referência a tecnologias – de entretenimento e de comunicação.

Quadro 14 – Vibração espiritual

| Vídeo | Tema | Ideia central | Piada ou ironia |
|---|--------------------------|---|---|
| <p>“Sintonia” 24 de abril de 2015 Duração 2:37</p> | Influência dos espíritos | <p>Lei da afinidade⁷³ – <i>Livro dos Espíritos</i>, questão 459. Briga entre casal. Conviver em harmonia é uma forma de afastar a sintonia com as energias espirituais.</p> | <p>Comparação com jogos de videogame. É importante notar que eles convidam as pessoas a se inscreverem no canal a partir da negativa: <i>“Espiritismo é coisa séria, não se pode fazer piada com essas coisas”</i>.</p> |
| <p>“Rádio Umbral” 18 de julho de 2016 Duração 4:36</p> | Influência dos espíritos | <p>Rádio Umbral (negativa) versus Rádio do Alto (positiva). A rádio é uma metáfora ara o modo como uma pessoa lida com a rotina diária. Crítica à rotina estressante dos modos de viver do capitalismo e à programação das empresas de comunicação que noticiam fatos violentos. Busca por edificação espiritual para lidar com o mundo difícil.</p> | <p>Comparação da vida com as estações dos programas de rádio. Tom emotivo. Moral da história: apesar da correria cotidiana, mais um passo fora cumprido na jornada.</p> |

Fonte: A autora, 2018.

Na doutrina espírita, o sujeito leva a sua vivência terrena para o plano espiritual e, dependendo do grau evolutivo dele, ele leva o apego material e seus sentimentos. No vídeo “Prisões” há referência a Mahatma Gandhi e citação bíblica ao Novo Testamento, Evangelho Segundo São João, capítulo 8 e versículo 32: “Conheceis a verdade e a verdade vos livrará”. De acordo com a moral do vídeo, é a consciência e a busca pela verdade que torna o sujeito livre, não basta buscar ser um sujeito “certo” nas práticas sociais.

⁷³ Capacidade de aproximação do espírito ou de pessoas com o grau evolutivo ou de pensamento que o sujeito pratica em sua vida.

Quadro 15 – O desencarne e a consciência humana

| Vídeo | Tema | Ideia central | Ironia |
|---|---|---|--|
| “Prisões” 11 de junho de 2016 Duração 3:44 | A consciência do homem é a própria prisão | João C.8:V32 Um homem desencarnado se vê preso no plano espiritual com grades. As pessoas presas na cela não deram atenção aos familiares e João teve um sentimento de posse e controle doentio pela esposa. | Na prisão, o João escreve CV, em contexto prisional, remete à facção criminosa. Entretanto, a mensagem completa-se à medida em que ele revela o nome dele e escreve a indicação da passagem bíblica. |
| Descrição do vídeo no YouTube | “Caras certinhos também podem acabar presos. É só perder a chave. “A prisão não são as grades, e a liberdade não é a rua; existem homens presos na rua e livres na prisão. É uma questão de consciência.” Mahatma Gandhi” | | |

Fonte: A autora, 2018

Entretanto, conforme observamos na caixa de comentários do vídeo, essa questão do versículo não fora bem compreendida, pois ela ficou correlacionada ao contexto da imagem audiovisual e ao diálogo dos atores. O comentário em destaque, com 114 curtidas e 71 respostas mobilizou tanto pessoas que buscavam compreender a mensagem como aqueles que desejavam explicar e compartilhar sua compreensão. Uma inscrita comentou que fazia tal comentário com certa vergonha, mas sentiu necessidade de ajuda para compreender o vídeo. Inclusive, as discussões feita pelos inscritos acerca da dificuldade de interpretação abarcou críticas políticas de direita e aqueles que julgavam não ter relação com a política. Por fim, outra pessoa relatou que a dificuldade era devido ao fato de não ter lido a Bíblia em outros momentos da vida. Conforme imagem abaixo:

Figura 3 – Comentários no vídeo “Prisões” sobre não ter compreendido a mensagem



Fonte: A autora, 2018.

O vídeo acima relata as prisões com a alimentação, o trabalho e a relação amorosa. Apenas a libertação do sentimento compulsivo ou de posse que liberta o sujeito. Isto é, uma tarefa íntima e individual, cujo aperfeiçoamento moral envolve o amor e paciência com o próximo, conforme problematizado no vídeo “Reforma de Fachada” (quadro 16). Nele, há a indicação para a leitura da questão 919, do livro dos Espíritos, que demanda “conhece-te a ti mesmo” através de um processo de interrogação da própria consciência a fim de obter a reforma interior. Esta questão tem como resposta um conselho que teria sido ditado por um espírito chamado Santo Agostinho:

Que aquele que tem vontade séria de se melhorar explore, pois, sua consciência, a fim de arrancar dela as más tendências, como arranca as más ervas do seu jardim; que faça o balanço de sua jornada moral, como o mercador faz de suas perdas e lucros, e eu vos asseguro que a um lhe resultará mais que a outro. Se ele puder lhe dizer que sua jornada foi boa, pode dormir em paz, e esperar sem receio o despertar de uma outra vida. (KARDEC, 2009b, p. 287)

Dentre uma das ações com a consciência do sujeito, ter um bom relacionamento e cuidado com os pais são considerados partes constituintes das práticas de caridade e de amor

ao próximo. De um lado, há a vida concedida por Deus, de outro, o livre-arbítrio ou escolha do próprio sujeito nas práticas cotidianas conforme a citação de Chico Xavier feita no vídeo (quadro 16).

Quadro 16 – O afeto e a “evolução” espiritual

| Vídeo | Tema | Ideia central | Piada ou ironia |
|--|---|---|---|
| <p>“Reforma de Fachada” 01 de maio de 2015 Duração 1:45</p> | <p>O auto aperfeiçoamento é responsabilidade do próprio sujeito</p> | <p>Pergunta 919 – Livro dos Espíritos. A fachada é material, é o invólucro carnal, pode enganar nas aparências. Porém, o interior tem a ver com as concepções morais do sujeito, somente ele pode mudar com amor ao próximo, paciência e disciplina.</p> | <p>Uma mulher deseja contratar uma empresa de reformas de casa para reformar seu jeito de lidar com o outro: fofoca, implicância. Terceirização do serviço de reflexão do sujeito.</p> |
| <p>“Pode isso, Arnaldo?” 8 de maio de 2015 Duração 3:19</p> | <p>Honrar pai e mãe: consequência da lei geral da caridade e do amor ao próximo</p> | <p>A relação mãe e filho é revertida na fase adulta: o filho que adquire a responsabilidade com os pais. Não bastam os bens materiais, é preciso doar tempo ao próximo. Citação a Chico Xavier: <i>“Deus nos concede a cada dia uma página da vida nova no livro do tempo. Aquilo que colocamos nela corre por nossa conta”</i>.</p> | <p>“Pode isso, Arnaldo?” é uma referência ao bordão da narração televisiva do jogo de futebol. A vida é percebida como um jogo de futebol: uma hora os jogadores trocam a posição de zagueiro para a de narradores do jogo.</p> |

Fonte: A autora, 2018.

Logo, a consciência humana é um atributo importante para a doutrina espírita: tornar-se consciente dos próprios atos é fundamental para estabelecer um bom relacionamento interpessoal em sociedade e com o mentor, bem como, para o próprio avanço na escala hierárquica de “evolução”. O aprendizado começa a partir da investigação dos problemas e das ações, cuja resposta está na mente, na racionalidade do sujeito. Ao mesmo tempo em que é necessário doar-se ao próximo, é preciso também ter momentos de introspecção e cuidado de si.

A origem dos nossos julgamentos, segundo Durkheim (1996), está carregada de noções essenciais a respeito da vida intelectual humana, que podem ser denominadas como categorias do entendimento. Ou seja, as noções correspondentes ao tempo, espaço, gênero, personalidade e assim por diante. Sendo a categoria religiosa composta por elementos sociais. Com base nisso, se observarmos a própria constituição da doutrina espírita em sua origem, podemos constatar que ela se preocupa em classificar / determinar significados para os seus

elementos constituintes, inclusive, os trabalhos de autoria de Allan Kardec são denominados enquanto uma codificação do espiritismo.

A própria preocupação em se definir o significado para espiritualismo enquanto o oposto do materialismo, espiritualista como aquele que crê em algo além da matéria e, por fim, espírita como aquele que crê na existência dos espíritos e nas comunicações com o plano invisível é uma forma de construção das noções essenciais a respeito do grupo e construção de identidade. Portanto, o espiritismo é bem definido enquanto uma doutrina de relação com o mundo material com o mundo dos espíritos, sendo este último tão natural quanto o mundo material, porém, a causa de todas as coisas (KARDEC, 2009b).

Inclusive, quando se trata sobre as questões entre o espírito e a matéria, como se busca “empíria”, algumas coisas que ainda não foram capazes de ser compreendidas pela mente humana na relação com o transcendente são respondidas pela doutrina como pontos de vistas que estão além da inteligência e da linguagem humana: “A inferioridade das faculdades do homem não lhe permite compreender a natureza íntima de Deus”. Este ponto acusa que a retórica da doutrina espírita também é carregada da explicação a partir do mistério da criação a partir de um divino invisível, embora desejasse se tornar uma doutrina científica e filosófica em sua origem, pois, segundo Durkheim “foi a ciência, e não a religião, que ensinou aos homens que as coisas são complexas e difíceis de compreender”.

Observamos uma demanda pela necessidade de estudo e prática do *Evangelho Segundo o Espiritismo* e isto inclui ouvir as demandas dos subalternos, de praticar os preceitos do espiritismo nas ruas. Entretanto, a doação deve ser um processo de caridade que traz alegria ao sujeito, sem que este exija um retorno divino ou um lugar numa colônia espiritual famosa. A prática do espiritismo não deve ser feita apenas no templo (centro espírita), mas também em casa, no trabalho e em qualquer ocasião, pois é uma doutrina de aprendizado moral. Ou seja, isso vale para o comportamento identitário que o sujeito assume perante os outros: ele deve ser coerente com a pregação do evangelho. Vejamos o quadro a seguir:

Quadro 17 – A consciência humana e a prática da doutrina

| Vídeo | Tema | Ideia central | Piada ou ironia |
|---|--|--|--|
| <p>“Já é tempo” 20 de junho de 2015 Duração 3:58</p> | <p>Não adianta estudar o evangelho, é preciso praticá-lo</p> | <p>Citação – Evangelho Segundo o Espiritismo. Construção de um mundo novo a partir da prática do Evangelho. Um morador de rua convida uma transeunte para falar com Jesus.</p> | <p>O morador de rua agradece a Deus por ter enviado uma mulher para ajudá-lo com suas dívidas. Ela fica brava e interpreta como golpe. Então, ele diz: “Ela pensou que fosse</p> |

| | | | |
|--|--|--|---|
| | | Necessidade de ouvir aqueles em condições subalternas. Música: Grupo Anima – Já é tempo “Já é tempo de cair o véu, de sair amando e espalhando a paz”. | <i>dinheiro. A gente é tudo endividado, moça. Se eu que sou ignorante estou devendo, imagina a senhora que estuda o Evangelho e finge que não vê uma pessoa que mora na rua”.</i> |
| “Doação” 04 de setembro de 2015 Duração 1:48 | A doação de bens materiais deve alegrar alma | O acúmulo de bens materiais não é positivo, pois os bens são apenas necessários para suprir as demandas humanas. | Quatro amigos resolvem se juntar para doar roupas e objetos usados, mas acabam trocando entre si e deixando para doação apenas objetos rasgados. Eles se sentem desapegados e praticantes de caridade por doar objetos sem serventia: “A gente vai tudo para Nosso Lar!”. |
| “Médio espírita” 23 de abril de 2016 Duração 3:31 | Falta de prática do espiritismo fora dos centros | Agir moralmente, segundo os aprendizados da doutrina, em todos os setores da vida: familiar, afetivo e profissional. Falta de compromisso no ambiente profissional: um funcionário interpela os patrões na rua, como um suposto assalto: o funcionário diz que é espírita o tempo todo, enquanto que os patrões separam o profissional da prática moral e religiosa, não seguem a lei da ação e reação do espiritismo, não pagam direitos trabalhistas. Citação ao espírito André Luiz: “ <i>Quem engana a própria fé, perde a si mesmo</i> ”. | Trocadilho entre Médiun e médio espírita: o médio espírita é aquele que sai do centro, mas não coloca em prática seus aprendizados do evangelho. Eles dizem que vão pagar funcionário com passe, já que ele está se sentindo espírita – faz referência ao vídeo “Taca-lhe passe”. |

Fonte: A autora, 2018.

De acordo com o relato do ator que encenou o morador de rua em “Já é tempo”, no vídeo de retrospectiva do canal (2015), encenar esse papel, em uma gravação externa, foi importante porque possibilitou que ele vivenciasse o olhar de desprezo de um transeunte para a sua condição. Então, ele entendeu a importância do trabalho social que ele já realizava em Nova Iguaçu:

Eu estava totalmente caracterizado como morador de rua, fizemos uma noturna. Num momento do vídeo, eu estava preparado para sair de trás do poste, em uma calçada, veio um senhor com dois cachorros, parou e ficou me olhando e eu, prontamente, eu falei: “Pô, ele quer passar”, “Pô, senhor, o senhor pode passar

quando quiser”, ele falou: “Eu passo a hora em que me der na telha”. Eu fiquei assim [expressão de assustado], fiquei sem graça de primeira. Aí, olhei... Aí, eu percebi o que estava acontecendo. Ele continuou me olhando de cima a baixo. Ou seja, ele pensou que eu fosse um morador de rua. E, como eu já fiz alguns trabalhos sociais na rua junto com uma galera lá de onde eu moro, em Nova Iguaçu, que se chama “Amizade que faz sentido”, então, nós fazíamos um trabalho assim de levar comida, levar roupa para os moradores de rua. E eu nunca tinha vivido o que é ser um morador de rua, depois eu entendi o que eles passam. De repente, não era comida o que a gente estava levando. De repente, era bater um papo, sentar. Coisas que a gente também fazia, mas eu não sabia o grau de importância que isso tinha – a gente sentar, conversar com eles, bater um papo e perguntar sobre a vida. Então, nesse vídeo, eu me sentir um morador de rua, sendo chutado, sendo expulso de uma calçada, sendo humilhado. Isso me pegou. Depois que eu fiquei sem graça, eu fiquei mal. No dia seguinte, eu fiquei mal o dia inteiro, mas, eu acredito que o rapaz deve ter assistido ao vídeo. Agora, ele deve estar entendendo de outra forma.

A prática da caridade é defendida como uma prática espontânea, sem desejo de autopromoção ou pena de um sujeito trabalhador. Tal situação é problematizada em “Fora da caridade não há... ostentação?”⁷⁴, onde um homem vê um vendedor de balas como um trabalho inferior e uma condição ruim, compara à mendicância. Sendo que o vendedor defende que o seu trabalho possui dignidade. O sujeito pedante faz referência à vida passada: esta condição seria consequência do mau uso da riqueza na outra encarnação. Problematiza-se a dignidade das profissões informais, bem como, a validade da concepção acerca das dificuldades materiais como dívida da vida passada.

Essa necessidade de diferenciar a caridade como prática do coração ou dos sentimentos puros daquela prática intencional de sentir-se superior ou vangloriar-se da “boa” ação é inerente ao caráter ambíguo da caridade: a hierarquização do sujeito e a defesa pela igualdade social e cura de si ao doar-se ao outro. Cavalcanti (2008) evidencia esse duplo aspecto e argumenta que esta prática de salvação da cosmologia espírita distingue e hierarquiza os sujeitos – pobres como inferiores ou necessitados –, ao mesmo tempo em que o sujeito praticante da caridade precisa se reconhecer quanto inferior e necessitado de redenção para que alcance “elevação” na vida espiritual.

A respeito da reencarnação, no vídeo “A reencarnação do imperador”⁷⁵, é representada como um fato de curiosidade para a pessoa que recebe a notícia. Na descrição do vídeo, há citação à referência à nota de Allan Kardec para a questão 171, do *Livro dos Espíritos*, sobre o fundamento do dogma da reencarnação:

⁷⁴ Publicado em 18 de março de 2016, duração 3:13, o título é um trocadilho com a máxima espírita “Fora da caridade não há salvação”.

⁷⁵ Publicado em 16 de outubro de 2015, duração de 3:10. O vídeo narra uma situação de cobertura de um programa televisivo sensacionalista, cuja jornalista reporta a reencarnação de um importante imperador mongol e de Carlota Joaquina nos corpos de duas amigas professoras respectivamente.

A doutrina da reencarnação, isto é, aquela que admite para o homem várias existências sucessivas, é a única que responde à ideia que fazemos da justiça de Deus em relação aos homens colocados em uma condição moral inferior, a única que nos explica o futuro e fundamenta nossas esperanças, pois que nos oferece o meio de resgatar nossos erros através de novas provas. A razão indica que essa doutrina e os Espíritos no-la ensinam. (KARDEC, 2009b, p. 83)

No quadro a seguir, há três diferentes situações com relação à vida e à morte: primeira, ao contrário do que é difundido nos produtos da mídia, esquecer o que fomos na vida passada é uma necessidade espiritual para que possamos resolver nossas questões pendentes no presente; segunda, viver o luto e a saudade pela perda de um ente querido é natural, porém, é preciso seguir em frente, pois a ausência é apenas material e o espírito sente o sofrimento terreno no plano espiritual; terceiro, após a morte, a depender do grau “evolutivo”, o sujeito se sentirá apegado à matéria, será preciso o auxílio de um mentor espiritual.

Quadro 18 – Despedida, vidas passadas e passagem para o plano espiritual

| Vídeo | Tema | Ideia central | Piada ou ironia |
|---|---|--|---|
| “Eu sei o que você fez na vida passada” 17 de abril de 2015 Duração 2:46 | Necessidade de esquecer a vida passada | Esquecer os acontecidos da vida passada permite restabelecer laços. Citação ao capítulo 8 do <i>Livro dos Espíritos</i> . | Vídeo que lida com estereótipos da história do Brasil: a mulher tinha sido escrava na vida passada e descobre que o amado foi seu feitor. |
| “Até logo” 30 de outubro de 2015 Duração 2:36 | Não permitir que a saudade do ente que se foi cause desespero e impeça de viver | Citação à passagem do livro <i>Amor e Saudade</i> , ditado por Emmanuel a Chico Xavier. Aprender a superar a morte, pois, todos se reencontrarão um dia. | Referência ao humorista Costinha ⁷⁶ – foi por conhecer as piadas do humorista que o homem conseguiu ter afinidade com o sogro. |
| “Recém-desencarnados” 23 de setembro de 2017 Duração 5:24 | O espírito não sabe definir o plano físico do espiritual logo que desencarna | Forte influência da matéria após o desencarne, dependendo do grau evolutivo do sujeito. Os espíritos se comunicam pelo pensamento, sem precisar de artifícios tecnológicos próprios da materialidade humana. | Apego às tecnologias e redes sociais virtuais, bem como, à alimentação. |

Fonte: A autora, 2018.

Consideramos importante nos atentarmos à citação referente ao Livro dos Espíritos sobre a lembrança da vida passada, pois ela nos aponta o quanto poderia ser prejudicial para o sujeito conhecer os atos da vida passada, visto que poderia dificultar os acertos e aproximações com desafetos passados e até a repetição dos atos falhos. Então, Kardec faz

⁷⁶ Costinha era o nome artístico do humorista e ator brasileiro Lírio Mário da Costa (1923 – 1995).

uma nota à questão acerca da possibilidade do homem poder resgatar faltas que vivenciou em vidas passadas:

A lembrança de nossas individualidades anteriores teria inconvenientes muito graves; poderia, em certos casos, nos humilhar extraordinariamente e, em outros, exaltar o nosso orgulho e, por isso mesmo, enterrar o nosso livre-arbítrio. Deus nos deu, para melhorarmos, o que nos é necessário e nos basta: a voz da consciência e nossas tendências instintivas, privando-nos do que nos poderia prejudicar. Acrescentemos, ainda, que se tivéssemos a lembrança dos nossos atos pessoais anteriores, teríamos igualmente dos atos dos outros e esse conhecimento poderia ter os mais deploráveis efeitos sobre as relações sociais. Não havendo sempre motivos para nos glorificarmos do nosso passado, ele é quase sempre feliz quando um véu lhe seja lançado. (KARDEC, 2009b, p. 148)

A questão da consciência do sujeito, do reconhecimento da subjetividade, nos remete à demanda contemporânea do *Movimento Nova Era*, cujo caráter individualista. Flexível e voltado para a resolução dos problemas é uma constante. D'Andrea (2000) argumenta que se trata da demanda subjetiva de “psicologização” da religião, isto é, da forma idiossincrática, privada e individualista de lidar com o religioso e com o mundo social, cujo *locus* sagrado é o *self*. Todavia, este movimento permite que o sujeito não seja comprometido com uma instituição definida, inclusive, ele se infiltra em diferentes práticas religiosas. Quanto ao espiritismo, percebemos uma preocupação em acolher a juventude, pois ela garante a permanência e até as mudanças da doutrina – embora saibamos que toda prática institucionalizada possui resistência para transformações muito radicais.

3.4 Uma perspectiva panorâmica sobre os vídeos

Observar, analisar e escrever sobre o humor não é uma tarefa fácil: percebemos as nuances da ironia, muitas vezes sutis, mas os atos de categorização e de escrita envolvem-na da perspectiva não-cômica. Apesar disso, percebemos que o humor dos Amigos da Luz busca dialogar com o circuito social a que estão inseridos, ao mesmo tempo em que o contemporâneo requer um cuidado do outro e a minimização dos preconceitos quanto à aparência física do sujeito ou da sua condição social. O sentido de humor é, em sua natureza, “um ato de percepção relativo à realidade do mundo, exterior à consciência individual”, influenciado tanto pelo contexto histórico quanto pela posição social dos sujeitos (BERGER, 2017, p. 345).

Quadro 19 – Mais alguns exemplos de vídeos que dialogam com as demandas sociais

| Vídeo | Tema | Assunto problematizado |
|--|--|--|
| “Desafetos” 5 de junho de 2015 Duração 3:50 | Necessidade de paciência e aprendizado para a vida em sociedade | Perdoar o outro e lidar com pessoas “chatas” são parte da existência: é preciso resolver as pendências com os desafetos. |
| “Ligação do plano espiritual” 3 de julho de 2015 Duração 4:15 | Uma Nova Era planetária está por vir, os “mansos” herdarão a Terra | Ser “manso” é não agredir ninguém física ou moralmente. Assim, eles problematizam, inclusive, a homofobia como um atraso planetário ou de evolução dos sujeitos e diz a personagem que liga do plano espiritual “o mundo é gay, feminino, hétero, transexual, negro, asiático e nordestino”. |
| “Se baterem na face direita” 6 de novembro de 2015 Duração 3:08 | Não interpretar a palavra bíblica ao pé da letra | Não combater o mal com o mal, pois Jesus condenou a vingança. |
| “Política na prece” 1 de outubro de 2016 Duração 3:28 | Discussões políticas pessoalmente e nas redes sociais virtuais | É preciso realizar um debate político produtivo, que vise o bem comum. “Não devemos nos omitir dos assuntos políticos, mas como cristãos não podemos nunca abrir mão do amor ao próximo, ainda que discordemos”. Isto é, espera-se uma perspectiva conciliadora do espírita a respeito da política. |
| “Selfie” 18 de novembro de 2016 Duração 4:44 | Morte | O sujeito desencarnado que ainda se sente preso à matéria deseja fazer fotos com o smartphone, é quando ele estabelece um contato com a sua esposa (que ele não se lembra) através de imagens. E ambos dizem que adoram “ <i>selfie</i> ”. Observa-se um uso cultural do fotográfico por parte dos sujeitos. |

Fonte: A autora, 2018

Aliás, observamos que o humor dos vídeos dialoga diretamente com a doutrina, no qual o grupo percebeu a necessidade de lidar com termos do senso comum para que pudessem atingir não somente membros internos quanto simpatizantes que desconhecem a linguagem doutrinária. É um processo construído através da retroalimentação entre produtores de conteúdo e receptores da mensagem, uma vez que a plataforma de circulação de conteúdo, o YouTube, possibilita que os receptores também ressignifiquem o conteúdo e deixem seus rastros na própria publicação.

Em “Ligação do plano espiritual”, a questão da Nova Era é abordada na perspectiva espírita, a partir da citação da fala de Divaldo Franco, realizada na descrição do vídeo:

Sucede que a Terra vivencia, neste período, a grande transição de mundo de provas e de expiações para mundo de regeneração. [...] Reencarnastes para contribuir em

favor da Nova Era. As vossas existências não aconteceram ao acaso, foram programadas. O Espiritismo é Jesus que volta de braços abertos, descrucificado, ressurreto e vivo, cantando a sinfonia gloriosa da solidariedade. Dai-vos as mãos! Que as diferenças opinativas sejam limadas e os ideais de concordância sejam praticados. Que quaisquer pontos de objeção tornem-se secundários diante das metas a alcançar." Mensagem psicofônica de Bezerra de Menezes (espírito) transmitida pelo médium Divaldo Franco.

A citação é relevante, pois, Divaldo Franco tornou-se um dos médiuns mais conhecidos após a morte de Chico Xavier e atualmente realiza palestras no Brasil e no exterior sobre espiritismo, bem como, possui uma série de livros psicografados pelo espírito guia denominado Joanna de Ângelis. Além disso, a espera por uma Nova Era já era presente nas falas de Chico Xavier, enquanto uma era regeneração do mundo e das felicidades do espírito por vir. Todavia, não necessariamente significa uma era de bem-estar subjetivo, tal como no fenômeno do Movimento Nova Era atual. Segundo Lewgoy (2004), Chico Xavier foi uma figura importante para promover valores de uma religiosidade vivida no Brasil, um espiritismo sincrético religioso-cívico com o carisma do médium, porém,

Terminada a era de Chico Xavier, o espiritismo parece flexibilizar-se no sentido de, por um lado, manter sua identidade religiosa, instituições, doutrina e práticas de acordo com um padrão relacionado à obra do médium e, por outro lado, comporta novas modalidades de ser e de pertencer à crença espírita mais do que ao movimento, tendência especialmente presente num público que lê livros espíritas, mas identifica-se só parcialmente com a participação em atividades aos centros espíritas. (LEWGOY, 2004, p. 102)

Ao entrevista-los, o grupo nos apontou que o uso do humor com o espiritismo seria uma forma de aliar o aspecto “consolador” da doutrina ao alegre do riso. De acordo com os vídeos, nota-se uma busca para a representação da rotina espírita: ir ao centro para participar das reuniões e estudos, não somente para receber passe ou água fluidificada, de mesmo modo que, deve-se ter atenção à literatura escrita ou codificada por Kardec e não somente para romances espíritas. Aliás, verifica-se a recorrência da referência a médiuns carismáticos, tal como Chico Xavier e Divaldo Franco, porém, evidenciam que o “médium famoso” é consequência do trabalho definido com o espírito guia, não para proveito financeiro.

Peter Berger (2017) nos apresenta a categoria do “riso redentor”, a qual advém das piadas capazes de tornar a vida social momentaneamente mais suportável. No entanto, em comparação com o teatro, a narrativa do audiovisual pode não provocar o riso tão intenso quanto às piadas rápidas do teatro – como ouvimos uma mulher na fileira atrás da nossa comentar no teatro “Estou chorando de tanto rir” –, é preciso que o “riso redentor” tenha momentos e lugares específicos, pois, assim como o numinoso, ele provoca êxtase, o situar-se além da realidade. Diz Berger que “esses êxtases são toleráveis, e até mesmo úteis,

psicológica e socialmente, quando são temporários e cuidadosamente controlados” (BERGER, 2017, p. 343) e que “o cômico, ainda que temporariamente, provoca exatamente o que chamamos de transcendência em um tom menor, isto é, ele relativiza a realidade suprema” (BERGER, 2017, p. 344).

A jocosidade, o deboche e a ironia na religião não são particularidades somente do trabalho audiovisual do grupo, como uma determinada federação condenou. Como vimos no primeiro capítulo, o riso invade as circunstâncias do sério, está presente no cotidiano. Inclusive, Bernardo Lewgoy (2000) observou em campo que o riso e a ironia são usados para minimizar tensões e rivalidades no próprio centro espírita, local onde o humor é um recurso para avaliar e comparar a conduta moral e interpessoal. A ocasião é que definia se esse tipo de linguagem era bem ou mal recebido no grupo. Assim, diz o autor:

A ironia, ao explicitar comentários não-autorizados sobre a evolução espiritual de um colega, funciona como um recurso para inverter no sentido igualitário essa hierarquia presumida, escoando parte da tensão ligada à convergência de pessoas heterogêneas através da referência jocosa a suas diferenças [...]. (LEWGOY, 2000, p. 242)

Quanto à construção oficiosa de representação através das formas simbólicas audiovisuais, observamos que ela se tornou uma possibilidade evidente de entrar em contato com a doutrina fora das instituições oficiais e centros espíritas, compreendeu-se este recurso como uma ameaça à primazia de tais órgãos. Com isso, a justificativa da falta de consenso sobre a possibilidade de se utilizar humor para o “verdadeiro” espiritismo é utilizada para a falta de reconhecimento, pois, o próprio humor realiza o processo de identificação a partir da exclusão e diferenciação. Todavia, apesar do caso, em conversa informal, o grupo nos relatou que este problema fora causado por uma parcela da federação, não representando o todo. Isto é, no âmbito da própria federação não há unanimidade, o consenso é construído a partir de reunião entre pares e alguns se impõem mais que outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na peça de teatro, foi-nos possível observar o momento da piada e a risada. Entretanto, nos vídeos, o riso possui certa sutileza, muito próximo da ironia. O riso precisa de contato com o outro, quanto maior o público, maior o seu eco, diz Bergson. O aspecto cômico de uma situação tem relação com o seu grupo, mesmo que franco, é preciso uma cumplicidade com o outro (real ou imaginário) que ri e acompanha, sendo que o riso do teatro é maior conforme a lotação da sala (BERGSON, 2004). No caso dos vídeos, no processo de estruturação da mensagem, é preciso imaginar o receptor final e prefigurar a mensagem conforme o repertório espírita para que o riso não seja isolado, mas em grupo.

Considerando que o Brasil tem tido um crescente papel na criatividade religiosa na cartografia global das religiões, questionamos como a doutrina espírita é afetada pela concorrência religiosa e percebemos que há uma busca por mudança da linguagem doutrinária e a defesa pela identidade do espírita (“ser espírita”), sendo a linguagem mais interna, para os próprios espíritas e simpatizantes. Conforme informado, com base nas estatísticas do Google e na observação da peça “Morrendo e aprendendo”, a recepção da mensagem é maior entre os adultos. Entretanto, a linguagem coloquial da doutrina e o uso do humor na plataforma do YouTube evidencia uma preocupação com o alcance dos jovens. Os recursos midiáticos são percebidos enquanto possibilidade de ultrapassar as fronteiras que o movimento espírita não alcança fisicamente.

Nota-se que, na maioria das vezes, não é seguida rigidamente a ordem do Livro dos Espíritos. Para isto, eles justificam, em tom cômico, que lhes falta “disciplina, disciplina, disciplina”, como menção à fala relatada por Chico Xavier sobre a sua iniciação espiritual com seu mentor espiritual Emmanuel. Neste caso, é também uma maneira de se aproximar dos jovens e dos seguidores comuns, sem característica de líder espiritual, a fim de evidenciar que ser espírita não significa ser rígido o tempo todo e, muito menos, santo. Como também, o espírita (ou jovem espírita) não precisa seguir o modelo monástico trilhado por Chico Xavier – com renúncia ao sexo, casamento, bens materiais, estilo de vida extremamente pacato –, apenas vivenciar os preceitos estudados no centro – de amor ao próximo e prática de caridade, por exemplo – e compreender a doutrina dos espíritos.

Observamos que há a defesa nos vídeos pela “prece autêntica”, vinda da própria natureza do sujeito e até desvinculada de uma linguagem rebuscada, ao mesmo tempo em que também não há necessidade de evocar todos os espíritos dos entes queridos ou mencionar pelo

cuidado de todos os vivos ou encarnados, como em “Prece sem pressa”. A fim de se livrar das amarras da materialidade, o sujeito precisa realizar uma prece subordinada a Deus, mas com o “coração”, com o mais autêntico sentimento, a fim de que bons espíritos possam auxiliá-lo no reparo dos erros e na colheita dos bons frutos. Com isso, através das representações (teatro e audiovisual) do espiritismo brasileiro estudadas nesta pesquisa observamos uma demanda por uma prece livre, carregada de subjetividade em oposição à prece estruturada e decorada, tal como o “Pai Nosso” e o “Credo”, por exemplo. O que nos remete ao argumento de Hervieu-Léger (2015), cujas crença e participação religiosa na modernidade apresentam-se como questão de consciência individual, opção pessoal.

Vimos que a linguagem dos vídeos era voltada para um nicho específico, enquanto o teatro possui uma linguagem mais rápida e que atinge mais simpatizantes, porém, o público do teatro é, em sua maioria, proveniente da audiência do YouTube. De um modo geral, as piadas ou ironias dialogam com um conhecimento interno acerca da doutrina. O grupo busca utilizar o humor como forma de amenizar a evidência dos defeitos e desvios de conduta dos espíritas, com base no *Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec. É preciso considerar que a construção de representações audiovisuais e teatrais são processos de apropriação e interpretação da doutrina, cujas vivências individuais também se relacionam com as coletivas. Embora o espiritismo tenha uma doutrina carregada de preceitos acerca da construção moral para o “bem”, há de se considerar que é um espaço carregado de rivalidades.

As representações lidam com as questões de vida e morte – o ambiente social requer cuidado com o corpo, tratamento das dores, uma busca por bem-estar, prazer, alegria, mas a morte é uma certeza inescapável –, é preciso aprender a enfrentar o fim da vida, bem como, lidar com os mortos. A mensagem que se apresenta, diante da representação do fim da vida terrena, é que o ser humano precisa se cuidar no presente. Se a morte, conforme o espiritismo, é somente do invólucro carnal, as representações são sobre a vida que nunca chegará ao fim; são sobre uma busca de bem estar-subjetivo no meio da coletividade; sobre construir afinidades conforme o padrão vibratório e as escolhas de vida diante do mundo tecnológico e de acordo com os modos de vida que o sistema capitalista oferece.

O caráter individualista do processo de “evolução do sujeito é uma perspectiva recorrente nos vídeos, assim como, a demanda pelo processo de reflexão acerca do íntimo. Observamos as seguintes situações frequentes: conversa e influência dos espíritos sobre os sujeitos; proposição do estudo do *Livro dos Espíritos* e do *Evangelho Segundo o Espiritismo*; defesa da prática da caridade; há referências recorrentes a Chico Xavier, Francisco de Assis,

Divaldo Franco e ao Espírito Emmanuel; situações que envolvem tecnologias de mídia, tais como rádio, televisão, smartphones, videogame e computadores.

Assim como as mídias sociais, os espíritos são representados como mediadores na produção do fenômeno religioso e de conduta do sujeito, tanto para o bem quanto pra o mal. O que essas representações indicam é a constante presença das mídias no nosso cotidiano e até mesmo uma dificuldade de imaginar-se sem esse tipo interação tecnológica entre o ser humano e a natureza. Isto fica evidente no vídeo “Pop-ups na prece”, cujos pensamentos indesejados aparecem no instante da prece tal como nas telas de computadores, e “Recém-desencarnados”, que desejam retornar à vida material, pois a comunicação já não é feita pela tecnologia e sites de redes sociais virtuais, mas pelo pensamento.

Tal como Di Felice (2009), podemos considerar que é difícil delimitar as fronteiras entre o sujeito e a tecnologia no contemporâneo, pois observa-se um uso intenso das relações comunicativas do homem em relação ao ambiente. Experimenta-se, então, um processo com caráter conectivo entre a inteligência humana, a tecnologia e o ambiente / habitar; ou seja, inerente à consequência que o processo gradual da informatização territorial e da “cultura elétrica” (cultura oral, escrita, impressa e elétrica) proporcionou à relação sujeito-ambiente, onde se observa uma prática de interação significativa por meio das tecnologias de comunicação, modificando, inclusive, a percepção do espaço. Ele então chama atenção para um processo “eco-midiático” – logo, não somente antropomórfico ou instrumental–, no qual experimenta-se um “conjunto de interações tecnológico-midiáticas que foram instauradas gradativamente entre nós e o mundo” (DI FELICE, 2009, pp. 64, 65)

Esta perspectiva nos abre uma lacuna investigativa a respeito das representações do religioso em simbiose com a tecnologia nos produtos midiáticos, tal como nos vídeos dos Amigos da Luz. Isto porque, assim como André Lemos (2013) à luz da teoria ator-rede (TAR), podemos perceber que os dispositivos tecnológicos estão cada vez mais interativos conforme o contexto, cuja sensibilidade ao lugar muda a percepção do local ou global para a ideia de circulação. Não se trata apenas de atentar-se à infraestrutura, mas de perceber como as relações humano e não-humano são construídas. Sendo assim, através da teoria ator-rede, observa-se “conexões e articulações entre mediadores em um espaço-rede conectado por ‘articuladores’, ‘localizadores’ e ‘plug-ins’” (LEMOS, 2013, p. 178).

Logo, embora não tenha sido a nossa fundamentação teórica, para um estudo futuro pode-se estudar o problema acerca da maneira como as percepções do espaço afetadas pelos dispositivos tecnológicos influenciam na construção de representação do religioso e da comunicação entre homens e espíritos, visto que a noção de circulação tem sido enfatizada em

detrimento do local e do global. Na relação espírito e homem, observa-se que há processos cujo espaço também se apresenta em circulação, pois os espíritos, denominados espíritos transmigrantes, transcendem os limites nacionais, constroem relações que expandem fronteiras (BAHIA, 2015). Em vias de emigração, os brasileiros, junto com seus espíritos, “levam um pouco do axé que ficou no Brasil, mas que agora circula. De fato, já circulava há muito tempo, nas histórias dos seus cavalos e espíritos” (BAHIA, 2015b, p. 280).

Perguntamos se havia algum aspecto transgressor nos vídeos de humor espírita. Não nos parece ser esta a intenção do grupo, embora o humor seja utilizado para ironizar certos desvios de conduta ou práticas que eles já consideram desatualizadas para o contexto religioso. O fato de as práticas do humor espírita no ambiente virtual e no teatro serem distanciadas do contexto institucional (detentor das amarras doutrinárias) torna-se um fator importante para certa liberdade de produção e circulação de pensamento e visões de mundo.

No que concerne ao contemporâneo e as tecnologias da comunicação, em particular a internet, tentamos abordar como as representações afetam as temporalidades imaginárias e construções identitárias do sujeito espírita. Com isso, observamos que, ao mesmo tempo em que se diferencia o pessoal do coletivo – como no caso dos julgamentos acerca das diferenças de postura nas redes sociais virtuais e o conteúdo dos vídeos –, há uma busca por um equilíbrio das diferentes facetas do sujeito e do reparo do seu íntimo no presente. Assim, vídeos como “Eu, eu mesma e eu espírita” e “Médio Espírita” evidenciam a diferença de comportamento do sujeito em distintos ambientes sociais e defendem a prática da doutrina espírita o tempo todo. Quando o assunto é política, há uma tendência mais conciliatória, sob o discurso do bem comum, e, nas questões sociais, há uma busca por dignidade das diferentes profissões ou trabalhos informais, como também, de uma quebra de estereótipos do que se espera do mentor.

Entretanto, a fundamentação nos livros da “codificação espírita” e o retorno dos receptores, através dos comentários do YouTube, possibilitam certo controle de intensidade do riso e o debate acerca da sua validade. Há uma certa continuidade da composição do espiritismo formada ao longo do século XIX, cujas classes médias escolarizadas “assumem uma postura de fidelidade ‘à doutrina de Kardec’, resguardada pelas orientações padronizadoras da FEB” (D’ANDREA, 2000, p. 137).

Por fim, é importante constatar que o trabalho audiovisual e teatral da doutrina é compreendido pelo grupo como um produto artístico ou de mídia, tal como o mercado de bens culturais em voga do espiritismo. Não oferecendo, portanto, conflitos acerca da relação caridade e trabalho. Esse aspecto nos remete ao questionamento de Stoll (2005) acerca do

conflito da produção e do consumo de produtos midiáticos religiosos, com fins lucrativos, em oposição à prática de caridade, no qual, a autora aponta que o tema da prosperidade no âmbito espírita ainda é um elemento recente, cuja permissibilidade ganha espaço através do mercado editorial. Nesse trabalho da autora, ela investiga a relação entre mediunidade e ganho financeiro com fins lucrativos através do caso da família Gasparetto. O então chamado “Espiritismo Nova Era”, dos Gasparetto foi caracterizado pela busca de si, cujo afastamento do espiritismo kardecista se deu devido à discordância com o preceito da caridade enquanto sacrifício pessoal e desapego aos bens materiais.

Quanto ao nosso grupo em análise, o elemento da mediunidade para a produção artística com fins comerciais é enfatizado apenas como inspiração espiritual. Entretanto, no vídeo “Médium famoso”, a prática da psicografia de romances com fins de ganho financeiro pessoal e de fama é representada como uma das causas de penalização e perda da mediunidade. Além disso, conforme a doutrina, todos os homens são médiuns em potencial, mas a função mediúnica é determinada conforme a missão do sujeito e o trabalho em simbiose com o espírito guia.

É importante levarmos em consideração que o trabalho é um dos aspectos importantes para doutrina enquanto dignificação do homem, cuja arte performática com humor religioso se apresenta como um nicho de abordagem. Consideramos que esse tipo de riso dialoga diretamente com o repertório espírita e traz visualidade para os escritos da doutrina, para tal, não podemos perder de vista que o grupo não somente domina a doutrina, mas domina a produção artística e a estruturação da mensagem midiática, cujo propósito é renovar a linguagem do espiritismo. Trata-se de um grupo com poucos recursos financeiros, de classe média, mas que busca evidenciar que a religião não tem apenas momentos sérios. Concomitante a isso, o riso evidencia não somente desvios morais e religiosos, mas também a construção de padrões corporais, profissionais e até religiosos que o sujeito precisa lidar cotidianamente e que são propagados adiante, intencionalmente ou não.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. *O riso e o risível na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Zahar; FGV, 1999.
- ALEXANDRE, Maria Lucia. “Iguaçu, Terra de Gente Ilustre”: as representações de uma cidade segundo as obras de Deoclécio Dias Machado Filho e Ruy Afrânio Peixoto (Nova Iguaçu – 1955-1970). *Dia da Baixada Fluminense*, FEBF/UERJ, 2015.
- ALMEIDA, Fábio Chang de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas. In: *Aedos*, n. 8, v.3, jan./jun. 2011.
- ALMEIDA, Ronaldo de. *A igreja Universal e seus demônios. Um estudo etnográfico*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.
- ALVES, Rubem. *O enigma da religião*. Campinas: Papirus, 1984.
- ARIÈS, Philippe. *História da morte no ocidente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- ARRIBAS, Célia da Graça. *Afinal o espiritismo é religião?* São Paulo: Alameda, 2010.
- ARRIBAS, Célia da Graça. *No princípio era o verbo: espíritas e espiritismos na modernidade religiosa brasileira*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.
- BAHIA, Joana. E o preto fala alemão: espíritos transnacionais e o campo religioso na Alemanha. *Revista del CESLA*, nº 18, 2015a, pp. 181-212.
- BAHIA, Joana. A descoberta Putamagal pelo caboclo Pena Dourada. In: RODRIGUES, Donizete; Oro, Ari Pedro (orgs.). *Transnacionalização religiosa: religiões em movimento*. Porto Alegre: Cirkula, 2015b.
- BAHIA, Joana. *O tiro da bruxa: identidade, magia e religião na imigração alemã*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: HUCITEC; [Brasília]: Editora da Universidade de Brasília, 1997.
- BARBOSA, Marialva. Comunicação e história: presente e passado em atos narrativos. In: *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 6, n.16, pp. 11 – 27, julho de 2009.
- BERGER, Peter. *O riso redentor*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação e a comicidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BIRMAN, Patricia. Transa e transes: sexo e gênero nos cultos afro-brasileiros, um sobrevoo. *Estudos feministas*, Florianópolis, 13(2): 256, maio-agosto, 2005.

- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet*. Rio de Janeiro, Zahar, 2004.
- BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. *YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade*. São Paulo: Aleph, 2009.
- BURKE, Peter. A comunicação na história. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; HERSCHMANN, Micael (orgs.). *Comunicação e História: interfaces e novas abordagens*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.
- CADIOU, François. *Como se faz história: historiografia, método e pesquisa*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- CALIL JÚNIOR, Alberto. Uma etnografia do mundo espírita virtual: algumas aproximações metodológicas. *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 10, n. 10, p. 117-136, outubro de 2008.
- CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas*. São Paulo: USP, 1997.
- CANCLINI, Néstor. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009.
- CAVALCANTI, Maria Laura V. C. *O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2008. (ebook).
- CHARAUDEAU, Patrick. *O discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2018.
- CHARAUDEAU, Patrick: *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2016.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002.
- D'ANDREA, Anthony Albert Fischer. *O self perfeito e a Nova Era: individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- DAMAZIO, Sylvia. *Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DI FELICE, Massimo. *Paisagens pós-urbanas: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar*. São Paulo: Annablume, 2009.
- DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2012.

- DUBOIS, Philippe. *Cinema, vídeo, Godard*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ENNE, Ana Lucia. Imprensa e baixada fluminense: múltiplas representações. *Ciberlegenda*, n. 14, 2004.
- FEBVRE, Lucien. *O problema da incredulidade no século XVI. A religião de Rabelais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FONSECA, Grazyelle. Humor religioso no YouTube: representações dos usos tecnológicos e do imaginário religioso espírita no Canal Amigos da Luz. In: X Simpósio Nacional da ABCIBER, 2017. Disponível em: (último acesso: dezembro de 2018).
- FRAGOSO, Sueli; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa para a internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.
- GIUMBELLI, Emerson. *O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.
- GROISMAN, Alberto. Transcultural Keys: humor, creativity and other relational artifacts in the transposition of a Brazilian ayahuasca religion to the Netherlands. In: ROCHA, Cristina; VASQUEZ, Manuel. *The diaspora of Brazilian religions*. Leiden, Boston: Brill, 2013.
- HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. In: *Geographia*, ano IX, n. 17, 2007, pp. 19-45.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990.
- HALL, Stuart (ed.). *Representation: cultural representations and signifying practices*. London: The Open University, Sage Publications, 1997.
- HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- HERTZ, Robert. *Death and the right hand*. Great Britain: University Press of Aberdeen, 1960.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O Peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

JAMESON, Fredric. *Modernidade singular: ensaio sobre a ontologia do presente*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

JENKINS, Henry. O que aconteceu antes do YouTube? In: BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. *YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade*. São Paulo: Aleph, 2009.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

JUNG, Carl G (org). *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Araras, SP: IDE, 2009a.

KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Araras, SP: IDE, 2009b.

KARDEC, Allan. *O que o espiritismo*. Araras, SP: IDE, 2009c.

KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Araras, SP: IDE, 2008a.

KARDEC, Allan. *O céu e o inferno (ou a justiça divina segundo o espiritismo)*. Araras, SP: IDE, 2008b.

KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2007.

LEAL, Paulo Roberto F. Imprensa e espiritismo em perspectiva histórica: os enfoques das coberturas jornalísticas de O Dia e do JB sobre o médium Zé Arigó. *XXX Intercom*, Santos, 2007.

LEWIS, André. *A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura*. São Paulo: Annablume, 2013.

LEVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Ed. 34, 1996.

LEWGOY, B. *Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista*. Tese de doutorado. USP, 2000.

LEWGOY, Bernardo. *O grande mediador: Chico Xavier e a cultura brasileira*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

LEWGOY, Bernardo. Representações de ciência e religião no espiritismo kardecista: antigas e novas configurações. In: *Civitas*, Porto Alegre, v. 6, n. 2, jul-dez. 2006, pp. 151-167.

LEWGOY, Bernardo. A transnacionalização do espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicial. In: *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, 28 (1): pp. 84-104, 2008.

LEWGOY, Bernardo. *Uma religião em trânsito: o papel das lideranças brasileiras na formação de redes espíritas transnacionais*. In: *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 12, n. 4, pp. 93 – 117, setembro de 2011.

- LIGIÉRO, Zeca (org.). *Performance e antropologia de Richard Schechner*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A tela global: mídias culturais e o cinema na era hipermoderna*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- MACHADO, Arlindo. *O quarto iconoclasmo e outros ensaios hereges*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.
- MACHADO, I. Melo, R. (orgs.). *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: UFMG/NAD, 2001.
- MACHADO, Ubiratan. *Os intelectuais e o espiritismo*. Niterói: Publicações Lachâtre, 1996.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2013.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. *Teoria das mídias digitais: linguagens, ambiente, redes*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- MAUSS, Marcel. A prece. In: OLIVEIRA, R. Cardoso de. *Marcel Mauss: Antropologia*. São Paulo: Ática, 1979.
- MCLUHAN, Marshal. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- MIKLOS, Jorge. *A construção de vínculos religiosos na cibercultura: ciber-religião*. São Paulo: PUC, 2010 (tese).
- MIKLOS, Jorge; PENNA, Tatiana. *A estereotipia do sagrado na mediosfera: um estudo sobre a representação da espiritualidade afro-brasileira no humor do Porta dos Fundos*. In: São Paulo: XL CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 40, 2017, Curitiba. Intercom, 2017. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017>>. Acesso em: 24 jul. 2018.
- MINOIS, George. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.
- NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: a história depois do papel. In: PINSKY, Carla (org.) *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.
- NOVAIS, Fernando A.; SILVA, Rogério F. *Nova história em perspectiva*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- OLIVEIRA, Marco Aurélio Gomes de. *Imprensa espírita na cidade do Rio de Janeiro: propaganda, doutrina e jornalismo (1880 – 1950)*. Dissertação (Mestrado em História Social). UFF, 2004.
- PEIRCE, Charles. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

POLIVANOV, Beatriz. *Dinâmicas identitárias em sites de redes sociais: estudo com participantes de cenas de música eletrônica no Facebook*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vo. 5, n. 10, 1992, pp. 200 – 2012.

PRADO, Décio de Almeida. A personagem de teatro. In: CÂNDIDO, Antônio [et al.]. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. São Paulo: Ática, 1992.

RIZZINI, Jorge. *J. Herculano Pires – o apóstolo de Kardec: o homem, a vida e a obra*. São Paulo: Paideia, 2000.

RANQUETAT JUNIOR, César Alberto. Reflexões antropológicas sobre a religião na modernidade: declínio ou reconfiguração do religioso. *Interações – Cultura e Comunidade*, v. 4, n. 5, pp. 99 – 110. 2009.

ROCHA, C; VÁSQUEZ, M. *A diáspora das religiões brasileiras*. São Paulo: Ideias e Letras, 2016.

RODRIGUES, Donizete. Novos movimentos religiosos: realidade e perspectiva religiosa. In: Revista *ANTHROPOLÓGICAS*, ano 12, volume 19(1): 17-42, 2008.

ROUILLÉ, André. *A fotografia entre documento e arte contemporânea*. São Paulo: Senac, 2009.

SAMPAIO, Gabriela. História do feiticeiro Juca Rosa: cultura e relações sociais no Rio de Janeiro Imperial. (Tese de doutorado) Campinas, 2000.

SCHECHNER, Richard. O que é performance? In: *O percevejo – Revista de Teatro, Crítica e estética*. Ano 11, nº 12, 2003, Unirio.

SCHECHNER, Richard. *Performance Studies an introduction*. Nova Iorque e Londres: Routledge, 2006.

SCHECHNER, Richard. Pontos de contato entre o pensamento antropológico e teatral. *Cadernos de Campo*, São Paulo. N. 20, p. 1 – 360, 2011.

SEYFETH, Giralda. A invenção da raça e o poder discricionário dos esterótipos. *Anuário Antropológico*, n. 93. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

SHIRKY, Clay. *A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SILVA, Tatiana Henrique. *Raízes e rizomas: performances e memórias do candomblé no teatro do Brasil*. Dissertação de mestrado em Memória Social, UNIRIO, Rio de Janeiro, 2013.

STOLL, Sandra Jacqueline. *Entre dois mundos: o espiritismo na França e no Brasil*. Tese de doutorado. USP, 1999.

STOLL, Sandra Jacqueline. Religião, ciência ou auto-ajuda? *Revista de antropologia*, São Paulo, USP, 2002, v. 45, nº2.

STOLL, Sandra Jacqueline. *Espiritismo à brasileira*. São Paulo: EDUSP; Curitiba: Ed. Orion, 2003.

STOLL, Sandra Jacqueline. O espiritismo na encruzilhada: mediunidade com fins lucrativos? *Revista USP*, São Paulo, n. 77, p. 176-185, setembro/novembro 2005.

STOLL, Sandra Jacqueline. Encenando o invisível: a construção da pessoa em ritos mediúnicos e performances de “auto-ajuda”. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 29 (1): 13-29, 2009.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna*. Petrópolis: Vozes, 2009.

THOMPSON, John. *A Mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TREITEL, Corinne. *A science for the soul: occultism and the genesis of the German modern*. Baltimore/London: The Johns Hopkins University Press, 2004.

VÁSQUEZ, Manuel; ROCHA, Cristina. Introdução: O Brasil na nova cartografia global da religião. In: ROCHA, Cristina; VÁSQUEZ, Manuel. *A diáspora das religiões brasileiras*. São Paulo: Ideias e letras, 2016.

VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2013.

XAVIER, Chico. *Brasil: coração do mundo, pátria do evangelho*. Rio de Janeiro: FEB, 1969.

XAVIER, Francisco Cândido Xavier. *Nosso Lar*. Rio de Janeiro; Brasília: Federação Espírita Brasileira, 1987.

XAVIER, Francisco Cândido Xavier. *Vida e Sexo*. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2013. (ebook)

Outras fontes:

ABHR. *Simpósio Religião e Materialidade*. Disponível em: <www.simpósio.abhr.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=504>. Acesso em: 10 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Sinopse Morrendo e Aprendendo*. Disponível em: <<https://www.amigosdaluz.com/morrendo-e-aprendendo>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. *Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em:

<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf>. Acesso em: 10 set. 2016.

Entrevista concedida por GRILLO, Sidney e LUCA, Fábio. *Entrevista Companhia Amigos da Luz – Sidney Grillo e Fábio de Luca*. [jul. 2018] Entrevistadora: Grazyelle Fonseca. Rio de Janeiro, 2018. 1 arquivo .mp3 (47:30).

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *O Reformador*, ano 132, n. 2226, setembro, 2014, pp. 39-41.

REDE AMIGO ESPÍRITA. www.redeamigoespirita.com.br. Último acesso em: dezembro de 2018.

Fontes audiovisuais:

AMIGOS DA LUZ. *Que é Deus?* 20 de março de 2015, duração 3:14. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IQFcTmgtx2Y>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Prece com pressa* 27 de março de 2015, duração 4:05. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4OW-NgcpOwQ>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *A vaca da páscoa*. 03 de abril de 2015, duração 3:21. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pNICeR4dhOI&t=11s>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Obsessor*. 10 de abril de 2015, duração 2:49. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k3dWXuvt__E>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Eu sei o que você fez na vida passada*. 17 de abril de 2015, duração 2:46. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EnN5EWn-kE8>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Sintonia*. 24 de abril de 2015, duração 2:27. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0tKyzVF3Szs>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Reforma de fachada*. 1 de maio de 2015, duração: 1:45. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CDHEewph07w>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Pode isso, Arnaldo?* 8 de maio de 2015, duração 3:19. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=m-9TBYf1y-I>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Taca-lhe passe!* 15 de maio de 2015, duração 4:19. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uRpHE4zscZU>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Psicografa!* 22 de maio de 2015, duração 4:02. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lb6_W5mwkg4>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Toma lá da cá?* 29 de maio de 2015, duração 4:04. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qX2EMHXOHVU>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Desafetos*. 5 de junho de 2015, duração 3:50. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cD0wGMHh4Pc>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Eu, eu mesma e eu espírita*. 12 de junho de 2015, duração 3:20. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=11ahmCq8jcE>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Já é tempo*. 20 de junho de 2015, duração 3:58. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kY9E8cSecz4>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Fora do corpo*. 26 de junho de 2015, duração 3:17. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gMKVIUGV1sE>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Ligação do plano espiritual*. 03 de julho de 2015, duração 4:15. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=E-JYB3J98K4&t=1s>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Doação*. 04 de setembro de 2015, duração 1:48. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bRwV-u5Qx0o>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Ouvindo vozes*. 11 de setembro de 2015, duração 2:14. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bvKmhVNR-34>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Mentor espiritual*. 18 de setembro de 2015, duração 2:51. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kUXZ1wt9sxE>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Médium famoso*. 25 de setembro de 2015, duração 4:56. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9RXg5fw3j7A>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Vício*. 02 de outubro de 2015, duração, 1:48. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DoDasQOLkRE>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *A reencarnação do imperador*. 16 de outubro de 2015, duração 3:10. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fPAOMh3K1IE>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Até logo*. 30 de outubro de 2015, duração 2:36. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sHhJ9zfwVTw>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Se baterem na face direita*. 06 de novembro de 2015, duração 3:08. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DD_oUOTNtr8>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Sai do armário*. 13 de novembro de 2015, duração 3:21. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=czZ-INWqF9c&t=1s>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Invasão na casa espírita*. 4 de dezembro de 2015, duração 4:09. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fPysfG1gEgg>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Quem somos nós?* 25 de dezembro de 2015, duração 24:01. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=saDskYtEsFM>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Quantos anos você tem?* 5 de fevereiro de 2016, duração 4:58. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AUddBwwZN7w&t=6s>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Prece sem pressa.* 12 de fevereiro de 2016, duração 3:48. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8_28IDAOZzo>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Fora da caridade não há... ostentação?* 18 de março de 2016, duração 3:13. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QMbm3K7uQkw>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Boa nova.* 26 de março de 2016, duração 2:32. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-Tb51WgvqiE>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Divaldo e eu.* 15 de abril de 2016, duração 3:41. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pQvNr7bf43I>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Médio espírita.* 23 de abril de 2016, duração 3:31. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DaZZ8HsfgmI>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Espiritofobia.* 29 de abril de 2016, duração 3:17. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f-veoOqKl_A>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Stand Up do mentor.* 20 de maio de 2016, duração 4:24. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mUryOAYwRW0>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Rádio umbral.* 18 de junho de 2016, duração 4:36. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qtHm4txGER0>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Procura-se um obsessor casca grossa.* 8 de julho de 2016, duração 4:06. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Lo0TbUDDtKw>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Política na prece.* 1 de outubro de 2016, duração 3:28. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0oNSLRYAj-M>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Cemitério de livros.* 7 de outubro de 2016, duração 3:33. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RNdMXuvsLOU>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Selfie.* 18 de novembro de 2016, duração 4:44. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8nFyECuwsNE>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Espíritos imperfeitos.* 26 de outubro de 2016, duração 45:07. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-vtJ8eoZMPA&t=1227s>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Pop-ups na prece*. 2 de junho de 2017, duração 4:13. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4pjIxRaM_Bk>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Recém-desencarnados*. 23 de setembro de 2017, duração 5:24. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fA6F9p057uI>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Live especial – Aniversário de Allan Kardec - trecho sobre a polêmica com a Federação Espírita do Paraná*. 03 de outubro de 2017, trecho 1:03:00 – 1:16:08. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9JiK2CKZsI0&t=1499s>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *O que eles acham dos Amigos da Luz?* 29 de novembro de 2016, duração 02:32. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rLEZSn7ECEE>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

AMIGOS DA LUZ. *Live especial de fim de ano*. 27 de dezembro de 2016, duração 1:34:25. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=14D5yxbimw8&t=1502s>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

REDE AMIGO-ESPÍRITA. *Rede Amigo-espírita – Bate-papo*. 11 de março de 2017, duração 1:12:29. Disponível em: <https://youtu.be/ah_TouqTMx0>. Acesso em: 14 dez. 2018.

TV NOVA LUZ. *Carona Espírita – Entrevista Fábio de Luca à TV Nova Luz*. 30 de maio de 2017, duração 11:29. Disponível em: <<https://youtu.be/1e8goBW3f1o>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

APÊNDICE – Roteiro de entrevista

1. O vídeo “Quantos anos você tem” tem uma narrativa voltada para o acolhimento da juventude. Como vocês compreendem a atual inserção da juventude espírita?
2. O público do teatro é muito diferente do público do YouTube?
3. O canal de vocês teria uma predominância de qual faixa etária?
4. Divulgação do espiritismo no teatro e na internet: diferenças
5. Diferença entre o YouTube o teatro: construção de roteiro, recepção e característica viral dos vídeos
6. No vídeo do mentor espiritual, há uma quebra de estereótipos da perspectiva do mentor: espera-se um mentor tipo Francisco de Assis e a mentora que chega é negra, mulher, dona de casa e de Madureira. Há uma necessidade de quebrar estereótipos?
7. Quando vocês se iniciaram na doutrina espírita, como foi a relação com as leituras?
8. Vocês compreendem o audiovisual na doutrina espírita como um recurso que auxilia na compreensão do texto?
9. O uso do recurso audiovisual pode ser considerado como uma busca pela linguagem acessível para atingir mais pessoas?
10. Sentem que é preciso ter um cuidado com a fala quando se está na internet em contraposição ao teatro? Debates contemporâneos, minorias, políticas, mulheres, obsessão e depressão
11. Na *live* sobre o aniversário de Kardec, no ano passado, vocês comentaram sobre uma divergência de concepção sobre o que é o humor e uma federação espírita. Afirmaram

que o humor deve ser leve e levar conhecimento e responsabilidade, não sendo jocoso.

Vocês ainda encontram muita resistência?

12. O humor e o tema da morte sempre estiveram muito próximos na história do riso.

Vocês acham que ele ajuda a aliviar a tensão com relação à morte e o aprendizado espírita?

13. Já houve alguma relação com os sonhos e a produção no teatro e no audiovisual? Ex.:

ideias que surgiram a partir do sonho?